

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

SHEILA CORRÊA DA SILVA

LIBERDADE: LIMITES E POSSIBILIDADES DE UMA PRÁTICA CLÍNICA  
PSICOLÓGICA COM MORADORES DO COMPLEXO DA MARÉ

NITERÓI - RJ  
2010

SHEILA CORRÊA DA SILVA

LIBERDADE: LIMITES E POSSIBILIDADES DE UMA PRÁTICA CLÍNICA  
PSICOLÓGICA COM MORADORES DO COMPLEXO DA MARÉ

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. ROBERTO NOVAES DE SÁ

Niterói - RJ  
2010

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

**S586 Silva, Sheila Corrêa da.**

Liberdade: limites e possibilidades de uma prática clínica psicológica com moradores do Complexo da Maré / Sheila Corrêa da Silva. – 2010.

108 f.

Orientador: Roberto Novaes de Sá.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2010.

Bibliografia: f. 101-103.

1. Psicologia clínica. 2. Liberdade. 3. Comunidade. I. Sá, Roberto Novaes de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

SHEILA CORRÊA DA SILVA

LIBERDADE: LIMITES E POSSIBILIDADES DE UMA PRÁTICA CLÍNICA  
PSICOLÓGICA COM MORADORES DO COMPLEXO DA MARÉ

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. ROBERTO NOVAES DE SÁ – Orientador  
UFF

---

Prof. Dr. ANDRÉ DO EIRADO SILVA  
UFF

---

Prof. Dra. ANA MARIA LOPES CALVO DE FEIJOO  
UERJ

Niterói, 22 de setembro de 2010.

*Dedico este trabalho a minha família*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua presença em minha vida. Àqueles que buscaram a clínica e, ao confiarem na proposta, compartilharam suas histórias. Aos amigos Anderson e Rogério da Pastoral da Sobriedade, que prontamente me receberam e colaboraram para a realização da clínica na comunidade, e à senhora Lurdes. As fotos e letras de músicas que foram gentilmente fornecidas. Aos amigos que carinhosamente contribuíram com críticas e sugestões em especial Eunice, Jocelyn, Nicole, Marly, Mônica, Gorete, Joana e Cid. A minha família e companheiro, por acreditarem em meu trabalho – agradeço o apoio e paciência. Ao IFEN, por apresentar o caminho, e ao programa de pós-graduação da UFF por acolher a proposta, e à Rita da secretária. Aos colegas da turma de 2008 do mestrado, em especial à amiga Aline. Aos amigos do grupo de pesquisa da UFF, em especial Tereza, Julio, Carlos, Crisostomo, Agnes, Sofia e Vitor. À banca, na presença de Ana Feijoo e André Eirado com seus valiosos comentários, e especialmente a Roberto Novaes, quem acolheu e orientou de modo generoso esta pesquisa, apesar de minhas limitações filosóficas. Aline Javarini muito obrigada pela revisão do texto.

## RESUMO

O presente trabalho pretende discutir a questão da liberdade enquanto abertura de sentido da existência, diante de limites e possibilidades para aqueles que chegam à clínica em busca de atendimento, frente a um território específico, onde condições factuais de extrema violência e restrição vêm compor um horizonte de sentido. A presente pesquisa iniciou-se em 2006, através da experiência clínica de um trabalho voluntário na comunidade Vila do Pinheiro, que compõe o conjunto de comunidades do Complexo da Maré, na Cidade do Rio de Janeiro. Dialogando com pensadores da chamada filosofia existencial, buscaremos pensar através dos atendimentos realizados na clínica, como a questão da liberdade se desvela diante da lógica da comunidade, pois compreendemos que, cotidianamente, somos atravessados por tradições, costumes, referenciais de uma época e de um território. Nossa experiência com o mundo, portanto, se dá através de um horizonte de sentido e significado. Assim, o homem da era da técnica é concebido como algo simplesmente dado, sendo classificado e condicionado por uma lógica do imediato e do controle. Neste sentido, as narrativas compartilhadas na clínica nos conduziram a um olhar mais atento para as especificidades da comunidade, ao compreendermos que nosso modo de ser se dá em um contexto impessoal, em que de início nos encontramos. Desta maneira, apostamos que nossa pesquisa, ao propor refletir a questão da liberdade enquanto abertura de sentido da existência, poderá contribuir com a clínica e com aqueles que chegam à clínica em situação de restrição de sentido.

Palavras-chaves: Liberdade. Clínica. Comunidade.

## ABSTRACT

The present paper wants to discuss the issue of freedom, considered as an opening of the meaning of existence in face of limits and possibilities for those who come to the clinic looking for assistance within a specific territory, where factual conditions of extreme violence and restriction together create a horizon of meaning. This research started in 2006 with the clinical practice involved with volunteer work at Vila do Pinheiro community, which belongs to the group of communities that constitute the Complexo da Maré, in the city of Rio de Janeiro. Dialoguing with the thinkers of the existential philosophy and based on the assistance provided in the clinic, we discuss how the question of freedom is revealed when faced with the logic of the community. Everyday, immersed in the traditions, uses, referenced on a time and a territory, our experience of the world takes place through a horizon of senses and meanings. The technical age man is conceived as something simply taken for granted, being classified and conditioned by a logic of immediacy and control. The stories shared in the clinic led to a closer look at the specificities of the community, for we understand that our way of being is at stake against an impersonal context, in which we find ourselves in the beginning. Therefore, we believe our research, when proposing to think about the question of freedom conceived as the opening of the meaning of existence, might contribute with those who come to clinic in apparently absolute coercive circumstances.

Keywords: Freedom. Clinic. Community.

## SUMÁRIO

### **Introdução, 09**

### **Capítulo I – Liberdade: Limites e Possibilidades, 13**

1.1 - Complexo da Maré: Breve Histórico de Um Habitar, **13**

1.2- Experiência na Comunidade Vila do Pinheiro, **19**

1.3 - Experiência no Campo de Concentração e Algumas Analogias, **26**

1.4 – O Desvelar da Liberdade para Viktor Frankl, **29**

### **Capítulo II – Modos de Compreensão da Liberdade, 36**

2.1 – Determinismo ou Liberdade?, **36**

2.2 – A Questão da Liberdade no Existencialismo, **40**

### **Capítulo III – Liberdade e Verdade, 50**

3.1 – Um Outro Modo de Compreensão do Homem, **51**

3.2 – Dasein Como Verdade e Liberdade, **62**

### **Capítulo IV – Comunidade, Clínica e Liberdade, 74**

4.1 – Comunidade e Clínica, **75**

4.2 – Alguns Olhares de Liberdade, **88**

### **Conclusão, 101**

### **Bibliografia, 103**

### **Apêndice, 106**

## INTRODUÇÃO

O caminho que trilhamos iniciou-se na experiência clínica através de um trabalho voluntário iniciado em 2006, junto à comunidade Vila do Pinheiro, que compõe o conjunto de comunidades do Complexo da Maré na Cidade do Rio de Janeiro. Dialogando com pensadores da chamada filosofia existencial, tais como: Sören Kierkegaard, Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger, ao cursar a especialização em psicologia clínica no IFEN<sup>1</sup>, fomos apresentados a outro modo de compreensão acerca da existência. Desta maneira, iniciamos nossa experiência a partir das articulações propostas ao campo da clínica psicológica por esta linha de pensadores.

A escolha da comunidade Vila do Pinheiro para a realização deste trabalho não se deu de modo aleatório. Inspirada por ter habitado tal comunidade durante longos anos em um “passado presente”, dei-me a caminhar mesmo sem muita reflexão por um caminho que convocava. Assim, inicialmente, a motivação era de atender e de ser voluntária prestando alguma ajuda a quem precisasse e quisesse. Acolhidos pela Igreja Católica local, utilizamos uma sala do desativado Centro Comunitário Beato José de Anchieta.

Quanto à experiência anterior na comunidade, argumentamos a nosso favor, que talvez seja esta uma das possibilidades que viabiliza uma escuta e um olhar mais cuidadoso. Heidegger (1959) nos dá a pista quando diz que é preciso que nos fixemos sobre aquilo que nos é próximo. A tônica do enraizamento nos proporciona o que talvez seja consequência do próprio enraizamento, ou seja, o que nos possibilita estar suficientemente atentos para sustentarmos a clínica na comunidade. Neste sentido, não só é possível, mas até muito provável, que nossa experiência pessoal fora da clínica, possa ser mencionada em algum momento deste percurso.

As narrativas compartilhadas na clínica nos conduziam, portanto, a um olhar mais atento para as especificidades da comunidade. Deste modo, voltamos nosso olhar não somente às queixas trazidas, mas também ao entorno, ou seja, para o território onde a clínica se localiza, olhávamos para um contexto em que a violência e a falta de oportunidade atravessam vidas, limitando, mas também oferecendo possibilidades diante à abertura de sentido em que cada um experimenta tais circunstâncias. Apostamos assim, na liberdade como ponto de

---

<sup>1</sup> Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

partida para nossa reflexão acerca de limites e possibilidades para aqueles que passassem por nossa clínica ali situada.

Nossa experiência com o mundo se dá através de um horizonte de sentido e significado. Somos atravessados por costumes, tradições e referências, os quais configuram uma época. Constituímos, assim, um contexto impessoal, em que de início nos encontramos. Heidegger (2000) nos dirá que o homem possui em si próprio diversas possibilidades de se concretizar, sendo o impessoal a principal marca de seu modo de ser cotidiano:

O impessoal desenvolve sua própria ditadura nesta falta de surpresa e de possibilidade de constatação. Assim nos divertimos e entretemos como impessoalmente se faz; lemos, vemos e julgamos (...) como impessoalmente se vê e se julga; também nos retiramos das ‘grandes multidões’ como impessoalmente se retira; achamos ‘revoltante’ o que impessoalmente se considera revoltante. O impessoal, que não é nada determinado, mas que todos são, embora não como soma, prescreve o modo de ser da cotidianidade. (HEIDEGGER, 2000: 179)

Segundo Feijoo (2000), Heidegger nos esclarece que o homem se mostra na cotidianidade mediana através de uma totalidade estrutural que se dá de maneira imprópria e impessoal. O homem constitui-se em abertura frente às possibilidades, logo em liberdade, podendo ser desta maneira, na impessoalidade ou na pessoalidade. Em verdade, nada se estrutura como definitivo, pois é o próprio homem em sua existência que buscará possibilidades tanto na direção da autenticidade como da inautenticidade. Ao restringir-se ao modo da impessoalidade e da inautenticidade, o homem tende ao fechamento, e desta forma limita sua existência perante o mundo.

À época em que iniciamos nosso trabalho junto à comunidade, a leitura do livro *Em Busca de Sentido* nos proporcionou um belo exemplo desvelado de liberdade frente a uma situação de extrema restrição. A obra de Viktor Emil Frankl – médico psiquiatra que sobreviveu aos campos de concentração, uma das mais absurdas experiências a que seres humanos já foram submetidos por outros seres humanos – nos revela através da experiência do próprio autor, e da observação cotidiana dos demais prisioneiros, que o homem é capaz de manter viva a chama que o faz querer viver mesmo diante das mais dramáticas experiências de privação, sofrimento e humilhação. Assim, Frankl observa que existem alternativas presentes a cada momento do existir que se concretizam em atitudes caracterizando o que há de mais próprio ao homem, ou seja, sua liberdade:

A cada dia, a cada hora no campo de concentração, havia milhares de oportunidades de concretizar esta decisão interior, uma decisão da pessoa

contra ou a favor da sujeição aos poderes do ambiente que ameaçavam privá-lo daquilo que é sua característica mais intrínseca – sua liberdade – e que induzem com a renúncia, a liberdade e a dignidade a virar mero brinquedo e objeto das condições externas, deixando-se por elas cunhar. (FRANKL, 2008: 66)

Atentos a singularidades de contextos históricos diferentes, ousamos sugerir que a comunidade Vila do Pinheiro experimenta restrições tão difíceis como as de um campo de concentração através da violência que se faz presente no dia-a-dia da comunidade, cuja “guerra” entre facções rivais do tráfico, juntamente com confronto com a polícia e seu blindado vulgo “caveirão”, vem compor um horizonte histórico específico ao território.

Contudo, observamos ainda que a clínica experimentada na comunidade nem sempre é pontuada por questões como as do tipo de violência mencionada acima, embora concordemos que estas sejam questões que afetem a todos nós, mesmo que indiretamente, em nossas rotinas diárias. Vislumbramos, desta maneira, resquícios de liberdade diante às restrições factuais presentes na comunidade, e nos deparamos com outros grilhões muito próprios ao âmbito da clínica, em que o medo, a angústia, a tristeza, a perda de sentido configuram restrição de liberdade.

Portanto, apresentadas as peculiaridades de nossa pesquisa, buscaremos pensar junto à clínica como a liberdade vem sendo experimentada mesmo através do seu não reconhecimento por aqueles que chegam à busca de atendimento. Nesse sentido, tentaremos refletir de que modo a constatação da liberdade pode vir a compor possibilidades e, sempre que possível, articular essas reflexões com as narrativas coletadas na clínica.

Desta maneira, iniciaremos nosso caminho com o primeiro capítulo com uma breve apresentação de um habitat no Complexo da Maré e com nossas impressões iniciais sobre a comunidade Vila do Pinheiro, no que diz respeito a seus limites e possibilidades face às restrições de sentido, em relação a que propomos quanto a analogia da experiência de liberdade de Frankl junto aos campos de concentração.

Levados a conceber a liberdade como algo sem limites, o homem cotidianamente parte do princípio de que para ser livre basta fazer o que se deseja, experimentando uma liberdade ditada pelo senso comum, sem muita reflexão. Esquecido de sua condição de abertura, de sua existência como devir, refugia-se em modos de ser simplesmente dados. Entretanto, esta noção de liberdade se opõe à noção de liberdade existencial em que o homem, apropriado de sua condição de abertura, responde ao clamor de seu modo de ser mais próprio. Assim, no segundo capítulo, direcionaremos nosso olhar para os modos de compreensão da liberdade na perspectiva do existencialismo, dialogando com Kierkegaard, Sartre e Heidegger.

Privilegiando os diálogos já iniciados com Martin Heidegger nos capítulos anteriores, no terceiro capítulo, aprofundaremos a compreensão da existência humana enquanto mero poder-ser, ou seja, liberdade compreendida a partir da analítica da existência, bem como da relação entre liberdade e verdade como desvelamento.

Compreendemos que nossa pesquisa, ao pretender discutir a questão da liberdade enquanto abertura de sentido da existência em seus limites e possibilidades, poderá contribuir significativamente para aqueles que chegam à clínica com resquícios de liberdade, diante da situação de coação aparentemente absoluta, tanto por questões pessoais, quanto impessoais, configurando, desta maneira, suas existências. Nesse sentido, no quarto e último capítulo, contando ter atingido nossos objetivos, apostamos no desafio de viabilizar uma clínica junto à comunidade capaz de uma prática que privilegie a liberdade.

Após o caminho aqui percorrido, finalizamos nosso trabalho, contando ter contribuído no que diz respeito ao nosso propósito. Acreditamos que mesmo que nossa compreensão tenha se equivocado em algum sentido, algo possa ter sido assimilado, pois confiamos em um pensamento que está sempre a caminho e em trânsito, ou seja, nunca em seu destino. Buscamos com esse trabalho iluminar nossos passos na direção daquilo que buscamos melhor compreender, para contribuir com aqueles que, de alguma maneira, se interessam por comunidade, clínica, existência e liberdade.

## CAPÍTULO I – LIBERDADE: LIMITES E POSSIBILIDADES

### 1.1 – COMPLEXO DA MARÉ: BREVE HISTÓRICO DE UM HABITAR

*“Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência.”*

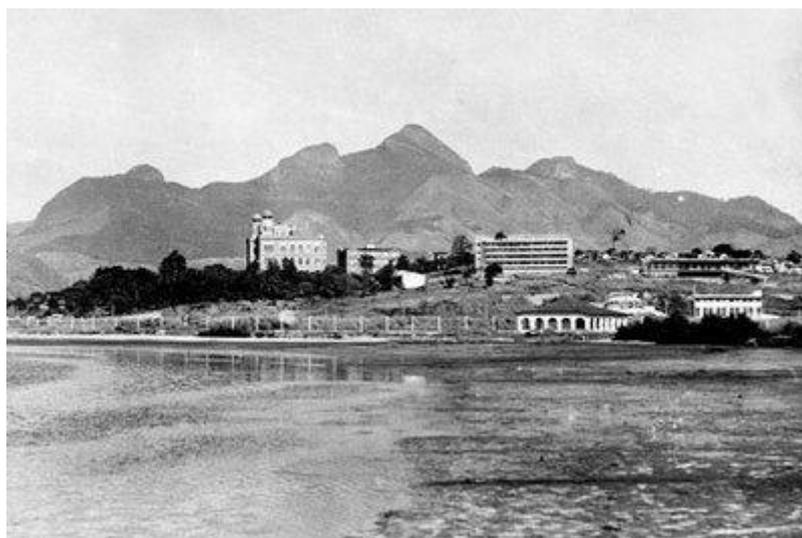
*Heidegger<sup>2</sup>*

Ao voltarmos nosso olhar para as especificidades do território em que nossa clínica se situa, achamos que seria relevante para o nosso percurso uma breve apresentação da comunidade. Desta forma, pesquisando historicamente o Complexo da Maré, nos deparamos com sua gênese. Observamos um contexto marcado por fenômenos no tempo, histórias de habitações, construções de espaços e de existências. Acompanhamos apropriações de uma terra que, ao se tornar território, se transformou em fornecedora de matéria-prima para um consumo humano que nunca se esgota.

A área que hoje é ocupada pelas comunidades da Maré fora recanto da Baía da Guanabara um dia. Composta por praias, ilhas e manguezais, era livre da poluição que ora a devasta; possuía praias de águas límpidas e área branca, mata fechada e intocada e manguezais – fontes de alimento para várias espécies. Em contraste, atualmente a área é uma das mais poluídas da cidade; das diversas ilhas, restou apenas uma pequena área verde que se integrou ao continente por conta dos inúmeros aterramentos, conhecida como ilha do Pinheiro ou dos macacos, que hoje se transformou em um parque ecológico apelidado por moradores de “mata”, localizado na comunidade Vila do Pinheiro, próximo à linha vermelha. Assim, várias colônias de pescadores desapareceram ao longo dos anos por conta dos aterros e da poluição na região.

---

<sup>2</sup> Heidegger, M. Construir, Habitar, Pensar. In: Ensaios e Conferências, 2008b, p. 129.



Imagens antigas da região onde hoje se localiza o Complexo da Maré

Em 1899, foi fundado o Instituto Soroterápico, a atual Fundação Oswaldo Cruz. Já no início do século XX, formavam-se as primeiras habitações, quase sempre compostas por pescadores que se aglutinavam em torno dos portos da região, como no Porto de Inhaúma, onde hoje se localiza a Rua Praia de Inhaúma. Contudo, este processo acelerou-se mesmo quando da reforma urbana da prefeitura de Pereira Passos, que removeu a população mais pobre do centro da cidade povoando e ocupando as zonas periféricas.

Neste processo, a Ponta do Tybau, por ser uma área de terra firme, acabou sendo uma das primeiras regiões a ser habitada. Iniciava-se o Complexo da Maré, hoje com estatuto de bairro, abrigando cerca de mais de 130.000 habitantes, abrangendo tanto os conjuntos habitacionais quanto as áreas de antigas habitações. O bairro é formado oficialmente por 16 comunidades, cada uma guardando sua própria história de ocupação.

---

<sup>3</sup> Fonte: Disponível em: < [www.favelatemmemoria.com.br](http://www.favelatemmemoria.com.br)> Acesso em: 17/06/2010.

<sup>4</sup> Fonte: Disponível em: < [www.oeco.com.br/viagensaoorioantigo.blo.gespot.com](http://www.oeco.com.br/viagensaoorioantigo.blo.gespot.com)> Acesso em: 17/06/2010.

A história da Maré urbana remonta aos anos 40, através do desenvolvimento industrial do Rio de Janeiro, que à época recebia um grande fluxo de migrantes nordestinos em busca de trabalho. Regiões desprezadas da cidade, como encostas e áreas alagadas, abrigavam quem chegava. Neste período, a região da Leopoldina já havia se transformado em núcleo industrial, e, como as terras boas do subúrbio tinham se tornado objeto da especulação imobiliária restou para a camada mais pobre a ocupação das áreas alagadiças no entorno da Baía da Guanabara.

No final da década de 40, já havia palafitas – barracos de madeira sobre lama e água. Surgiam focos de habitações onde hoje se localizam as comunidades Baixa do Sapateiro, Parque Maré e o Morro do Timbau (antiga Ponta do Tybau). As palafitas se estenderam por toda a Maré e só no início dos anos 80 foram completamente removidas.



5

Imagem que registra a distribuição das palafitas sobre regiões alagadas

A construção da Avenida Brasil, na década de 40, foi um marco para a ocupação da área, que prosseguiu pela década de 50, resultando na formação de outras comunidades, como Rubens Vaz e Parque União.

---

<sup>5</sup> Fonte: Disponível em: <[www.portalrio.gov.br](http://www.portalrio.gov.br)> Acesso em 20/06/2010.



Construção da Avenida Brasil

Nos anos 60, em decorrência de modernizações na Zona Sul da cidade, moradores de favelas como: Praia do Pinto, Morro da Formiga, Favela do Esqueleto e desabrigados das margens do rio Faria-Timbó, foram transferidos para habitações ‘provisórias’ na Maré, formando o que hoje conhecemos como comunidade Nova Holanda.

A Maré das palafitas, símbolo da miséria retratada na música *Alagados*<sup>7</sup>, marca o período da primeira grande intervenção do Governo Federal na Maré, com o Projeto Rio, que previa o aterro das regiões alagadas e a transferência dos moradores das palafitas para as construções pré-fabricadas. Surgem as comunidades Vila do João (homenagem ao ex-presidente João Figueiredo), Vila do Pinheiro, Conjunto Pinheiro e Conjunto Esperança. As habitações ganharam cores variadas, onde logo foram apelidadas por moradores de inferno colorido:

O que acontece com o habitar nesse nosso tempo que tanto dá a pensar? Fala-se por toda parte e com razão de crise habitacional. E não apenas se fala, mas se põe a mão na massa. Tenta-se suplantar a crise através da criação de conjuntos habitacionais, incentivando-se a construção habitacional mediante um planejamento de toda a questão habitacional. (HEIDEGGER, 2008b: 140)

<sup>6</sup> Fonte: Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/photo/show>> Acesso em 20/08/2010.

<sup>7</sup> Letra de Os Paralamas do Sucesso. Composição: Herbert Viana / Bi Ribeiro

Para a transferência de moradores das áreas de risco da cidade nos anos 80 e 90, foram construídas pela prefeitura as comunidades Bento Ribeiro Dantas batizada de “fogo cruzado”, e a pequena comunidade Nova Pinheiro, inaugurada em 2000 e batizada por moradores de “salsa e merengue”. Apelidos depreciativos dados pelos próprios habitantes destas comunidades já nos indicam um contexto marcado por restrições.

Segundo Heidegger (2008b), por mais ameaçador e angustiante que a falta de uma habitação possa parecer, a crise habitacional não se localiza apenas na falta de moradia, mas vai, além disso. Mais antiga que as guerras mundiais, o crescimento populacional na terra consiste em um princípio: o homem precisa aprender a habitar. O homem deve buscar o verdadeiro sentido para habitação, pois este não se dá tão somente através da construção de espaços e moradias. Ao contrário, é na medida em que habitamos que construímos nossas moradas, ou seja, é na medida em que somos como aqueles que habitam na paz e em liberdade, preservados do dano e da ameaça:

A palavra Friede (paz) significa o livre, Freie, Frye, e Fry diz: preservado do dano e da ameaça (...). Libertar-se significa propriamente resguardar. Resguardar não é simplesmente não fazer nada com aquilo que se resguarda. Resguardar é, em sentido próprio, algo positivo e acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu vigor de essência, quando devolvemos, de maneira, alguma coisa ao abrigo de sua essência, seguindo a correspondência com a palavra libertar (freien): libertar para a paz de um abrigo. (ibid.: 129)

Desta maneira, remontando seu processo de habitação, no sentido de um demorar-se junto às coisas, assistimos um belo exemplo de liberdade e abertura de sentido diante das restrições de um bairro. O Complexo da Maré conta sua história viva e diversificada no Museu da Maré, iniciativa do CEASM<sup>8</sup> criado por um grupo de universitários, filhos da Maré, que ofereciam à comunidade aulas de pré-vestibular, e hoje vêm ampliando suas ações na busca de benefícios em nome da comunidade.

Marilene Nun – moradora do Complexo da Maré e contadora de histórias do Museu – nos confirma em sua narrativa uma história de construção, habitação e transformação que ao longo dos anos consolidaram um bairro chamado Maré:

Tempo de casa... do aconchego e da segurança... para muitos que chegaram depois só restaram o mar e o mangue... antes da casa... foi necessário construir o chão... casa de madeira sob as palafitas... depois vieram o aterro o tijolo e a laje... em mutirão vão surgindo novas casas... outras o governo construiu... Centro de Habitação Provisório... casas coloridas... telhas de

<sup>8</sup> Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.

amianto... apartamentos duplex vermelhinhos... tempo da casa e do aconchego (...) o museu da Maré não é um museu do Ceasm... é um museu dos moradores... uma parceria de todos os moradores com as doações dos documentos... com a doação dos objetos... então é assim... cada morador que entra aqui olha e é uma emoção grande... sabe eles se sentem privilegiados por verem a sua história contada... retratada aqui no museu da Maré... foi assim um despertar...foi um acordar. (ABREU, 2007)

Através da narrativa de Marilene, é possível ilustrarmos o permanecer e o demorar junto às coisas que deve acontecer no sentido de recuperar um pensamento mais reflexivo acerca da experiência de permanência, liberdade e demora no mundo:

Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre a terra. (HEIDEGGER, 2008b: 129)

Contudo, diante da evolução tecnológica, surge uma acentuada necessidade de constante atualização do modo de estar no mundo. Somos conduzidos a adotar posicionamentos que, atravessados por uma lógica do controle, do imediato e do consumo, acabam por nos distanciar de um pensamento mais reflexivo acerca daquilo que nos é realmente essencial, ou seja, a busca de sentido. Entretanto, o âmbito da clínica nos possibilita perguntar pelo sentido em uma época cercada de avanços e descobertas em diversos setores, que nos afastam de pensar como o homem vem se relacionando com as coisas, com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

Avançamos em uma relação de produção no mundo e, com isso, traçamos destinos e abandonamos pelo caminho algumas opções impensadas, ou ainda inaceitáveis. Próximos a um pensamento que calcula, não nos damos conta de nossa abertura de sentido. Esquecemos a possibilidade de dizer “sim” e “não”<sup>9</sup> ao que nos vem ao encontro. Esquecemos nossa liberdade.

---

<sup>9</sup> Expressão heideggeriana retirada do livro *Serenidade*, 1959.

## 1.2 – EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE VILA DO PINHEIRO

*“Abra as portas desta prisão  
Uma prisão sem grades  
Liberdade é somente ilusão  
Penso nela todas as tardes”  
Elza e Diogo<sup>10</sup>*

Partindo da experiência da clínica situada na comunidade Vila do Pinheiro, esperávamos constatar através daqueles que chegavam em busca de atendimento, como a questão da liberdade vinha sendo experimentada, mesmo quando de forma não reconhecida ou não apropriada. Esperávamos refletir sobre aquilo que o homem tem de mais estruturante, ou seja, sua abertura de sentido. Segundo Sá, “a psicoterapia lida essencialmente com o problema da liberdade, mas não entendida como livre arbítrio de um sujeito simplesmente dado no mundo. Liberdade é o próprio ser do homem enquanto ‘poder co-responder’ ao que lhe vem ao encontro”<sup>11</sup>.

Achamos importante ressaltar que, mesmo contando com uma experiência anterior na comunidade, foi através da e na clínica que se desvelou nosso desejo de pensar acerca do homem enquanto possibilidade de ser, logo, enquanto liberdade. Apostamos na clínica, desta maneira, como potência disparadora de pensamento e experiência, onde paciente, terapeuta e comunidade podem se beneficiar.

Ainda de acordo com Sá (2009), o ato de pensar não se restringe tão somente a uma atividade mental de um sujeito racional. A palavra pensar tem ainda outro sentido em português, que é o de “cuidar, curar (pensar uma ferida)”. O pensamento tem sua importância no sentido em que nos retira da tagarelice cotidiana e nos conduz a um escutar e co-responder ao que nos vem ao encontro.

Assim, com o compartilhar de muitas narrativas em nossa clínica e através do território em que a mesma se situa, fomos solicitados a olhar de modo mais cuidadoso e atento para as especificidades da comunidade Vila do Pinheiro. Portanto, não nos restringimos somente a queixas da clínica, deixando de considerar seu contexto. Passamos a considerar seu

---

<sup>10</sup> Compositores da comunidade Vila do Pinheiro que gentilmente forneceram a letra da música: *Lobotomia*, da qual retiramos o trecho.

<sup>11</sup> Sá, R. N. Técnica, Violência e Poder: Reflexões Clínicas Heideggerianas. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/8>>. Acesso em: 15/01/2009.

território específico que não se deixava passar despercebido – o espaço, o entorno, o horizonte histórico da comunidade em que a clínica está situada também nos convocava a pensá-lo:

Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, espaço. Ao dizer ‘um homem’ e ao se pensar nessa palavra aquele que é no modo humano, ou seja, que habita já se pensa imediatamente no nome ‘homem’ a demora (...) junto às coisas. (HEIDEGGER, 2001: 136)

Desta maneira, não concebemos nossa clínica apartada de seu contexto. Ao contrário, buscamos articular através dos atendimentos realizados na clínica a experiência cotidiana da comunidade para pensarmos a questão da liberdade em seus limites e possibilidades. Deste desafio, compartilhamos o que já nos foi possível notar com os atendimentos realizados, bem como o que observamos da atual comunidade Vila do Pinheiro, a qual foi inaugurada em 1983, através da intervenção do Governo Federal na Maré. Acompanhamos novas transformações que se deram no tempo. O que no passado seguia modelos pré-fabricados de habitação, hoje pouco se parece com a proposta inicial. Transformadas em prédios irregulares de vários andares de quitinetes, as antigas casas duplex tornaram-se um lucrativo investimento:



12

Prédios irregulares ocupam os espaços outrora de casas duplex pré-fabricadas

---

<sup>12</sup> Fonte: Disponível em: <[www.wikipedia.org/wiki/complexo\\_da\\_maré](http://www.wikipedia.org/wiki/complexo_da_maré)>. Acesso em 16/06/2010.

Com casas sublocadas por aqueles que continuam a chegar em busca de trabalho e oportunidade de vários Estados de nosso país, e mais recentemente de quem chega de Angola, a comunidade se expande cada vez mais. Tal movimento é conhecido na história de habitação da Maré:

Milhares de imigrantes angolanos, que chegaram nos últimos dez anos fugindo da guerra civil que devastou seu país, buscam reconstruir suas vidas no Brasil (...) na Maré eles encontram um lar barato, mas violento, onde tiroteios são rotina e as regras são diferentes do asfalto. Entrada e saída são controladas pelo tráfico e a lei do silêncio é respeitada (...) povo orgulhoso de sua cultura, o angolano só não muda sua vocação para a alegria. Concentrados sábado a noite em botequins, como o bar do tiozinho, na rua 47 da Maré (...) mostram que são, antes de tudo, sobreviventes.<sup>13</sup>

Segundo Valadares (2000), embora na cidade do Rio de Janeiro a população se mantenha relativamente estável, as comunidades cresceram cinquenta vezes mais rápido do que em todo o município. No caso do Complexo da Maré, este crescimento foi de 68% entre os anos de 1991 a 1996, ao passo que a cidade cresceu apenas 1,25% no mesmo período. Tal crescimento acarreta conseqüências. Por exemplo, o índice de homicídios e roubos na Maré é sete vezes maior que no restante da cidade. Através da chegada de familiares oriundos de outros Estados, da separação de casais e do casamento de filhos, as casas são divididas e reduplicadas em termos de ocupação e fragmentação, e quase nunca em termos de área, assim como em termos de serviços que atendam às demandas das comunidades.

O fenômeno acima descrito nos diz Valadares, é facilmente observado na comunidade Vila do Pinheiro e por todo o Complexo da Maré, onde ruas quase sem calçadas transformaram-se em extensão das casas e do comércio que na disputa de espaços entre pedestres, carros, coletivos e moto-taxi<sup>14</sup>, harmonizam-se em meio à confusão. O comércio, ao anunciar suas ofertas no auto-falante da rádio comunitária, disputa fregueses com a “feirinha” que se aglomera em inúmeras barracas ao longo da rua principal.

Um pouco mais à frente, sobre a ponte construída para dar passagem às comunidades Vila do João e Vila do Pinheiro, também há comércio. A ponte transformou-se em escritório. Lá, o comércio é outro – negocia e vende da “branca” e da “preta”<sup>15</sup>. Tem de cinco, tem de dez e tem de vinte, e agora tem também as “pedrinhas” ou “balas”<sup>16</sup>. Já se escuta comentar pelas ruas: “dizem que mata em dois anos”. Os comerciantes são bem equipados com rádios e

<sup>13</sup> A Segunda Guerra de Angola. Disponível em: <[http://www.etni-cidade.net/segunda\\_guerra\\_angola.htm](http://www.etni-cidade.net/segunda_guerra_angola.htm)> Acesso em 24/04/2009.

<sup>14</sup> Meio de transporte conhecido e utilizado no interior das comunidades.

<sup>15</sup> Referência popular a cocaína e a maconha.

<sup>16</sup> Referência popular ao crack.

armas potentes. Jovens meninos com boné e tênis de marca que desfilam com “seus” carros importados pelas ruas da comunidade, carros provavelmente adquiridos em vias expressas da cidade, que em outro momento servirão para desmanche – queimados, serão abandonados em ruas mais desertas da comunidade.

Na clínica também é possível constatar o que já nos foi possível observar no território. Dona Ana<sup>17</sup>, atendida em nossa clínica, ao chegar de Minas Gerais com a família em busca de oportunidade, encontrou junto à comunidade dificuldades como o desemprego e a violência. Assistiu dois de seus filhos envolverem-se com a “bandidagem”: o mais novo, de apenas 12 anos, afastado da escola por mau comportamento, faltas e reprovações, vigiava “a boca”<sup>18</sup> para traficantes, e um de seus filhos gêmeos encontrava-se preso cumprindo pena por assalto à mão armada. Dona Ana angustiava-se e temia pela vida dos seus filhos e por sua impotência diante das circunstâncias. Contudo, não deixava de cuidar indo atrás dos mesmos onde fosse necessário.

Posicionados em pontos estratégicos da comunidade, meninos soltam fogos de artifício, não com o propósito comemorativo, mas sim com a finalidade de alertar que o vulgo “caveirão” está na área. Diante do inevitável confronto, cujo horário preferencial é no final da tarde e início da noite, trabalhadores e estudantes que retornam para suas casas são convidados a permanecer na entrada da comunidade próximo à Av. Brasil para aguardar o cessar fogo. Se em momentos como esses olharmos para o céu, é possível acompanhar os traçantes de cor avermelhada e som inconfundível do cantar das balas.

Em certo momento de confronto, quando aguardava juntamente com outros moradores da comunidade, ouvi uma mulher comentar desesperada: “ai meu Deus, minhas filhas estão sozinhas em casa”. Próxima a ela, automaticamente repeti: sozinhas? A mulher respondeu: “é, meu marido já deve ter saído para trabalhar e elas ficam sozinhas enquanto eu não chego... é por pouco tempo... mas hoje...”. Pergunto qual a idade das meninas, e ela responde: “uma tem cinco e outra três”. Imaginei se as crianças estariam com medo sozinhas em casa. Olhando ao redor, todos que ali estavam e pareciam angustiados diante do risco, começavam a ligar de celulares para seus familiares. Inicia-se a tagarelice: “todo dia é isso... agente não tem paz... será que isso não vai acabar nunca... é uma pouca vergonha... agente não pode nem chegar a casa depois de um dia de trabalho... ninguém faz nada... polícia só piora a situação... político só vem aqui em eleição... cadê o governo?”. Em meio ao falatório, tomo também mão do

---

<sup>17</sup> Ressaltamos que todo referencia a pacientes atendidos na clínica, utilizaremos nome fictício a fim de evitar quebra do sigilo profissional.

<sup>18</sup> Expressão dada ao movimento do tráfico, relacionando-se ao local de comércio das drogas.

celular e ligo para avisar que não haverá atendimentos neste dia por conta do tiroteio, e deixo a comunidade. Segundo Feijoo (2000), o homem esquecido de sua liberdade, no conformismo da massa, é como mais uma “ovelha no rebanho”: justifica suas apreensões responsabilizando o governo, os pais e até mesmo o inconsciente.

Ao refletir sobre esta experiência, e até mesmo agora enquanto escrevo, penso que apesar de toda a revolta e impotência que senti à época, meu desejo foi dar continuidade ao trabalho clínico na comunidade, onde foi possível experimentar certa liberdade diante da situação restritiva. Portanto, ao optar naquele momento por meu cuidado, como também daqueles que saíam de suas casas para comparecer aos atendimentos em uma noite que já se iniciava de maneira tão conturbada e violenta, decidi que, mesmo diante de tal realidade, continuaria com a clínica.

“Hoje não é domingo e o comércio não abriu para respeitar aquele que partiu”<sup>19</sup>. Todo confronto tem seus desdobramentos. Quando acarretam vítimas por parte do tráfico, além da revanche, a escola, o posto de saúde e o comércio não podem abrir, e quando o fazem, funcionam à meia porta – ordens expressas do tráfico, que todos devem obedecer em luto ao que morreu. Se a vítima for algum policial, deve-se ficar atento, pois haverá certamente represarias. Caso seja algum “morador”, familiares, amigos e protestantes engajados em alguma causa, tentam chamar a atenção das autoridades e da sociedade, fechando vias expressas como a Av. Brasil ou Linha Amarela, o que de fato produz efeito na grande mídia ansiosa por tragédias diárias, mas infelizmente não produz reflexão, gerando apenas estatísticas e notícias descartáveis. Já o protesto pacífico, em contra partida, ganha voz somente na pequena mídia através de jornais comunitários ou meios eletrônicos. Elisa, paciente e moradora da comunidade, relata em atendimento: “eu e meu marido participamos de uma passeata na semana passada em protesto do rapaz assassinado na Baixa... não sei se você soube? Ele não tinha nenhum envolvimento com o tráfico”.

Voltemos, agora, nosso olhar para outro tipo de violência, em que escolas mal conservadas pelo desgaste do tempo não dão conta da grande demanda de alunos, que cresce a cada ano. No início do ano letivo, as escolas são circundadas por cadeiras de praia e colchonetes. Pais e familiares acampam para garantir a vaga de seus filhos. Durante o ano letivo, por sua vez, a escola se transforma em área de lazer nos finais de semana, como é o caso do “Brizolão”, onde acontece o baile funk da comunidade. O padre, que é vizinho da escola, diz em sua homilia: “a Maré é uma Babilônia”. Letras carregadas de sexo e apologia

---

<sup>19</sup> Passarela 10 banda de músicos do Complexo da Maré com a letra: Josias Através do Espelho.

ao crime muito dizem a respeito da realidade da comunidade. No entanto, às vezes surgem letras em caráter de protesto e reflexão:

Domingo na favela era um dia normal / crianças brincavam, adultos liam o jornal / há muito que eu não via nada igual / a favela vivia numa paz total / mais de repente algo errado pintou / por alguém que nos avisou / e as pessoas começaram a correr / todo mundo assustado / com medo de morrer / e o pastor fazia sua oração / saiu correndo com a Bíblia na mão / quando logo fulano gritou: sujou! O caveirão pintou / ih ih ih, o caveirão vem aí / sai caveirão / ih ih ih, o caveirão vem aí / o caveirão é um carro blindado / cheio de cana, fuzil pra todo lado / ele chega na favela e vai logo atirando / pessoas inocentes ele vai alvejando / o governo tem que dar segurança / mas vem o caveirão trazendo insegurança / isso não pode acontecer / quem mora na favela tem o direito de viver / quem vive na favela não agüenta mais sofrer.<sup>20</sup>

As crianças abandonaram o peão, a bola-de-gude e o pique-esconde. Surge uma nova modalidade de brincadeira, mais comum entre meninos, que em punho com seus revólveres feitos de cabo de vassoura retratam no brincar a dura realidade cotidiana. Tal observação talvez nos ajude a não esquecer que aquele que é julgado freqüentemente por uma extensa lista de crimes, como é possível assistir na mídia, foi um dia uma criança.

Entretanto, algumas brincadeiras de criança, como jogar bola e soltar pipa vêm resistindo ao tempo, mas em época de guerra entre facções rivais pela disputa do território é perigoso ficar na rua, pois a bala nunca se perde, sempre encontra seu alvo, sejam as casas que exibem suas marcas, ou aqueles que chegam desavisados e são alvejados, morrendo a poucos metros de suas moradas. A guerra do tráfico tem feito muitas vítimas e alterado de modo radical a vida daqueles que vivem na comunidade.

Virginia, em atendimento, nos fala que está na casa dos pais, na Vila do João, e fora de sua casa na comunidade Vila do Pinheiro há mais de um mês: “desde que a guerra começou (...) não tenho como ficar lá sozinha. É perigoso. O tiroteio é constante e as ruas estão sem luz porque eles atiraram nos postes”. Virginia, professora de alfabetização para adultos, suspendeu suas aulas por tempo indeterminado. Não pode estar presente nas duas últimas sessões por conta dos tiroteios que a deixaram ilhada na igreja, onde é catequista. De acordo com Virginia, as atividades em sua igreja também foram suspensas até que a paz na comunidade seja reestabelecida.

“E se o tiro / e se tiro come / se benze que dá / limites obstáculos tentarão nos separar / mas se pro amor não há fronteiras / essas barreiras teremos que superar / mas se pro amor não

<sup>20</sup> Edilson Ernesto, compositor morador do Complexo da Maré com a letra: Sai Caveirão

há fronteiras / essas barreiras iremos atravessar”<sup>21</sup>. Assim, o bloco desfila pelas ruas e vielas das comunidades do Complexo da Maré durante o carnaval, com o propósito de diluir as fronteiras impostas por facções rivais. Fronteiras bem definidas, até mesmo para o serviço de saúde da comunidade. Em um passado não muito distante, os postos de saúde se limitavam a atender somente moradores de suas respectivas comunidades. Madrugadas nas filas se faziam necessárias para a garantia de atendimento através de senhas para poucos. Atualmente, o Complexo da Maré conta com a UPA,<sup>22</sup> que atende moradores sem restrições de territórios, pois a presença do blindado em sua porta garante segurança aos profissionais de saúde e a pacientes, rompendo, desta maneira, com antigas fronteiras.

Estes acontecimentos ocorreram e ocorrem dentro de uma ontologia, de uma história do humano e de uma ética. Os sítios para o homem, como locais de passagem ou de permanência, são potencializadores da relação do homem com as coisas e com o mundo, tecendo existências, verdades e liberdades. Espaços ligados a momentos da infância, juventude e velhice ofertam sentido através de horizontes históricos, em que a clínica se encontra enquanto espaço que acolhe, cuida e produz sentido, logo, como espaço de liberdade. Nas palavras de Feijoo (2000) “à psicoterapia cabe ajudar o homem a resgatar sua liberdade e a flexibilidade”.

Olhamos para o impessoal da comunidade que certamente nos afeta. Um território repleto de particularidades e de vida, que se restringe diante da situação concreta da violência, precariedade e falta de oportunidade, mas também possibilita abertura de sentido diante desta mesma realidade. Apostamos, assim, na liberdade como ponto de partida para nossa reflexão, e perguntamos: Como experimentamos esta tal liberdade? O que fazer com ela? Quais as implicações da clínica?

Buscaremos elaborar tais questões nos próximos capítulos através do diálogo com os filósofos que propomos. Quanto às narrativas que surgiram na clínica, as utilizaremos sempre que necessário e possível for. Para tanto, recorreremos como já dissemos, a pensamentos mais reflexivos acerca da existência humana, que ao conceber o homem em liberdade diante de limites e possibilidades, o reconhece capaz de desvelar sentido para sua existência, deparando-se com infinitos devires em sua finita existência, angustiando-se ao perceber, ainda que por um instante, que não há nada pronto, nada decidido e assim, “nada está dominado”<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Marcha do carnaval de 2008 do Bloco Se Benze Que Dá do Complexo da Maré.

<sup>22</sup> Unidade de Pronto Atendimento.

<sup>23</sup> As aspas são nossas.

Antes, porém, de passarmos ao segundo capítulo, acompanhemos a experiência de liberdade vivida por Viktor Frankl, nos campos de concentração, a qual nos autoriza manter a aposta na liberdade como possibilidade frente às limitações factuais de um território como o da nossa clínica no Complexo da Maré.

### 1.3 – EXPERIÊNCIA NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO E ALGUMAS ANALOGIAS

*“Quem tem porque viver suporta qualquer como”  
Frankl parafraseando Nietzsche<sup>24</sup>*

O psiquiatra e psicoterapeuta austríaco Viktor Emil Frankl, nascido em Viena no dia 26 de março de 1905, está associado ao pensamento fenomenológico, existencial e humanista na psicologia. Dentre suas principais influências destacam-se a fenomenologia dos valores de Max Scheler, que foi aluno de Husserl, influência esta que proporcionou o apoio necessário para que Frankl se afastasse das teorias de Sigmund Freud e de Alfred Adler. Assim, Frankl propõe como tema central para a compreensão do ser humano, e como intervenção terapêutica, a questão do sentido da vida, que se caracteriza como a vontade de sentido (logos), ou seja, motivação principal para a existência. Contrapondo-se a muitos existencialistas europeus, Frankl não é pessimista nem anti-religioso. Enfrentando os sofrimentos dos campos de concentração, assumiu uma postura positiva, suportando sua difícil situação e descobrindo uma verdade orientadora. Frankl faleceu no dia 2 de setembro de 1997, em Viena, aos 92 anos. Esclarecemos, porém, que não é nossa proposta aprofundar a teoria frankliana, mas sim voltarmos nossa atenção para sua experiência, no que diz respeito à liberdade experimentada junto aos campos de concentração, enquanto possibilidade diante das limitações impostas.

Com a existência marcada pelos horrores dos campos de concentração, Viktor Frankl permaneceu prisioneiro durante quase três anos, entre 1942 a 1945, período em que passou por diferentes campos, incluindo o de Auschwitz. Frankl utiliza as palavras de Nietzsche para referir-se a esse período e a sua sobrevivência de maneira reflexiva: “quem tem por que viver suporta qualquer como”. (FRANKL, 2008: 101)

---

<sup>24</sup> Frankl, V. E. Em Busca de Sentido. 2008, p, 101

Em seu famoso livro *Em Busca de Sentido*, narra sua experiência nos campos de concentração. Diz ter assistido seres humanos serem tratados piores do que animais, e diz ter experimentado sua existência de maneira reduzida “nua e crua” (Ibid.: 29). Com exceção de uma das irmãs, seus pais, um irmão e sua esposa morreram em campos de concentração ou em crematórios. O que nos instiga, entretanto, é pensar como este sobrevivente conseguiu – tendo perdido muito, sofrendo de fome, frio e brutalidades, aguardando ser exterminado a qualquer momento – encarar tão livremente a existência?

Frankl (2008) compartilha sua experiência de modo sutil ao longo de sua narrativa, não tratando somente das brutalidades dos campos de concentração como mais uma história entre tantas outras já narradas. Ao contrário, traz experiências cotidianas que certamente têm muito a nos dizer acerca da existência humana e do modo de ser livre do homem. Desta maneira, manteve-se atento à exploração da experiência imediata, dando ênfase à decisão frente às possibilidades em busca de sentido para continuar vivendo. O referido autor nos descreve através da narrativa de suas experiências, bem como da observação de seus companheiros, três fases experimentadas durante a estada nos campos de concentração, e declara que todos ali não tinham (Ibid.: 6) “nada a perder senão sua existência tão ridiculamente nua”.

Na primeira fase, quando da recepção no campo de concentração, caracterizada como choque de recepção, Frankl descreve inicialmente que o que sentiu foi uma fria e distante curiosidade de saber o que o aguardava:

O trem avança lentamente, como que hesitando como se quisesse dar aos poucos a má notícia à sua desgraçada carga humana: Auschwitz (...) aqui e ali se ouve um apito de comando – e ninguém sabe para quê (...) o horror tomava conta de mim (...) segundo a segundo e passo a passo precisávamos nos defrontar com o horror. (Frankl, 2008: 23)

Encontramos proximidade a esta narrativa de Frankl com relação à comunidade, a qual em época de guerra no território experimenta de maneira intensa a angústia da morte diante da violência. “Saio para trabalhar e fico o dia inteiro pensando como vai ser chagar em casa logo mais quando sair do trabalho, pois tem muita gente que não tem nada haver com esta história, morrendo nesta guerra” – diz Virginia. A paciente não compareceu ao atendimento em 06/06/2009, quando observamos que a comunidade estava experimentando uma nova guerra que já durava aproximadamente um mês. Na manhã deste dia nos foi possível ouvir vários tiros.

Já na experiência de Frankl junto aos campos de concentração, após o primeiro estágio de choque, o prisioneiro confrontava-se com o que se compreendia como uma segunda fase, ou seja, a vida no campo de concentração propriamente dita. Variações de emoções como apatia e irritabilidade surgiam junto às estratégias de preservação e sobrevivência. A fome, a humilhação, o medo e a profunda raiva das injustiças eram contidos graças a pensamentos recorrentes de pessoas queridas e amadas. Afloravam-se, ainda, sentimentos religiosos acompanhados de visões curativas de belezas naturais, como a de uma árvore ou de um pôr-do-sol. Frankl percebeu que um estranho senso de humor acerca de suas privações é experimentado:

Vontade de humor – a tentativa de enxergar as coisas numa perspectiva engraçada – constitui um truque útil para a arte de viver. A possibilidade de optar por viver a vida como uma arte, mesmo em pleno campo de concentração, é dada pelo ato de a vida ali ser muito rica em contrastes. (ibid.: 63)

Em certa sessão, Elisa chegou um pouco atrasada, justificando que estava em uma reunião no CEASM. Relatou que participava de um grupo de pesquisa sobre música da UFRJ. Sua colaboração ao grupo era de ir a campo (comunidades do Complexo da Maré) munida de um questionário para apurar o gosto musical da Maré. Perguntei, confesso curiosa, pelas apurações de tal questionário. Elisa respondeu que surpreendentemente o cantor Roberto Carlos liderava o ranque, contrariando as expectativas de que tal liderança fosse exercida pelo *funk* ou pelo pagode. Tal comentário a fez lembrar e compartilhar uma de suas experiências. Elisa contou que ao visitarem um baile *funk* na comunidade Nova Holanda, ela e o grupo da pesquisa ficaram tensos diante de um grupo de homens fortemente armados no local: “a situação foi estranha para nós que somos de outra comunidade. Imaginei o que estava sentido um menino da pesquisa que estava com a gente e que não é da Maré. Ele mora na Tijuca (...) acho que o pessoal do rock tem livre acesso pelas comunidades da Maré... nós transitamos sem sermos barrados... eles (menção às facções) devem pensar: esses roqueiros só tem maluco (*sic*), não representam riscos (risos)”.

Nos campos de concentração, esses momentos de humor não asseguravam o desejo de continuar vivendo, porém, segundo Frankl (2008) auxiliavam na busca de um sentido no sofrimento aparentemente destituído de significado. Assim, Frankl apresenta um dos temas centrais de sua experiência – sendo a vida sofrimento, sobreviver seria, portanto, encontrar sentido na dor, ou seja, se existe de algum modo um propósito na vida, deve existir também na dor e na morte.

No campo de concentração, quase todas as circunstâncias conspiravam para que o prisioneiro perdesse o controle. Todos os objetivos comuns da vida acabavam desfeitos. Entretanto, para Frankl, a única coisa que sobrava para aqueles prisioneiros era a “liberdade interior última do ser humano” (Ibid.: 90) – a capacidade de responsabilizar-se diante de determinada circunstância. Reduzidos a números, os prisioneiros experimentavam em algumas situações um modo próprio de ser frente ao mórbido destino e se apropriavam de seus sofrimentos. O ex-prisioneiro nº 119.104 nos relata em seu ensaio:

Ficamos conhecendo o ser humano como talvez nenhuma geração humana antes de nós. O que é, então, um ser humano? É o ser que sempre decide o que ele é. É o ser que inventou as câmaras de gás; mas é também aquele ser que entrou nas câmaras de gás, ereto, com uma oração nos lábios. (ibid.: 113)

Em sua narrativa, Frankl (2008) fez questão de observar de início que ele não atuou ali como psicólogo, a não ser como médico durante as últimas semanas de estada no campo de concentração, como voluntário para o serviço médico no setor de tifo. Contrariando, conselhos de amigos e de outros colegas de profissão, apresentou-se imediatamente: “já que eu iria morrer então eu queria que minha morte tivesse sentido” (Ibid.: 69). Poderíamos de maneira não muito refletida dizer que somos livres porque morremos, porque somos finitos?

Em nossa leitura, compreendemos, contudo, que Frankl buscava entendimento para sua situação tão duramente imposta, e tentava buscar algum sentido para tanto terror. Desejava auxiliar seus companheiros de sofrimento a alcançarem a capacidade de uma liberdade existencial que ele próprio experimentou e viu muitos experimentarem. Viktor Frankl respondeu ao clamor da vida, independentemente das circunstâncias. Exercitou seu posicionamento a cada instante naquele cenário, onde o que predominava era o não decidir – a vida era abandonada nas mãos do destino.

#### 1.4 – O DESVELAR DA LIBERDADE PARA VIKTOR FRANKL

*“Entre o estímulo e a resposta, o homem tem a liberdade de escolha.”*  
Viktor Frankl<sup>25</sup>

De acordo com Frankl (2008), em sua tentativa de descrição psicológica e psicopatológica dos “traços típicos” (Ibid.: 88) com que a estada mais demorada no campo de concentração marcava o prisioneiro, parece dar a impressão de que, afinal de contas, as ações são claramente condicionadas pelo ambiente:

O sentimento predominante de ser mero brinquedo, o princípio de não assumir o papel do destino, mas de deixar ao destino o seu livre curso, tudo isso e ainda a profunda apatia que se apodera da pessoa no campo de concentração são fatores que se explicam porque ela evita qualquer tipo de iniciativa e teme tomar decisões. A vida no campo de concentração apresenta situações que exigem decisões súbitas e imediatas, e que muitas vezes representam decisões sobre o ser e o não ser. O prisioneiro então prefere que o destino o livre da obrigação de se decidir. (ibid.: 78)

Assim, fica denominada de psicologia do campo de concentração a vida ali imposta, constituída em um ambiente social todo peculiar que determinava, ao que parece, as atitudes dos que ali habitavam:

Onde fica a liberdade humana? Não haveria ali um mínimo de liberdade (...) no comportamento, na atitude frente às condições ambientais ali encontradas? Será que a pessoa nada mais é que um resultado de múltiplos determinantes e condicionamentos sejam eles de ordem biológica, psicológica ou social? Seria a pessoa apenas o produto aleatório de sua constituição física, da sua disposição caracterológica e da sua situação social? E, mais particularmente, será que as reações psíquicas da pessoa a esse ambiente socialmente condicionado do campo de concentração estariam de fato evidenciando que ela não pode fugir às influências dessa forma de existência às quais foi submetida à força? Precisa ela necessariamente sucumbir a essas influências? Será que ela não pode reagir de outro modo às condições de vida reinantes no campo de concentração? (ibid.: 88)

Para estas inquietações, o autor encontrou respostas através de sua existência, ao constatar que a pessoa no campo de concentração pode vir a agir perfeitamente fora das imposições, ou seja, “agir fora do esquema” (ibid.: 88). Viktor Frankl presenciou vários

---

<sup>25</sup> Constantino, R. A Busca de Sentido. Livro em Resenha >> 24.07.08. Disponível em: <http://www.institutoliberal.org.br/resenha.asp> Acesso em: 15.01.2009

exemplos, muitos deles heróicos, que demonstraram ser possível superar a apatia e reprimir a irritabilidade, muito embora tais emoções continuassem existindo:

Quero mencionar aqui apenas o chefe do último campo de concentração em que estive e do qual fui libertado. Ele era integrante da SS. Após a libertação daquele campo, constatou-se um fato do qual somente o médico do campo – ele mesmo prisioneiro – tinha conhecimento até ali. O chefe do campo dera, em segredo, considerável soma de dinheiro do próprio bolso para que se pudessem arranjar medicamentos para os reclusos na farmácia do lugarejo mais próximo! Essa história ainda teve um epílogo. Após a libertação, prisioneiros judeus esconderam esse homem da SS das tropas americanas e declararam a seu comandante que o entregariam única e exclusivamente sob a condição de não se tocar em um fio de seu cabelo sequer. (ibid.: 111)

Nessa perspectiva, é possível considerar resquícios de liberdade diante de um contexto adverso, ou seja, mesmo diante de situações de coação aparentemente absoluta como aquelas nos campos de concentração. Segundo Frankl (2008), existiram, mesmo que tenham sido poucos, exemplos de pessoas que experimentaram tal liberdade. O campo, mesmo privando seus prisioneiros de tudo, não poderia privá-los de sua “liberdade última” (Ibid.: 89) de assumir uma atitude diferenciada frente às condições ali impostas. Existiam aqueles que passavam pelo campo de concentração e que caminhavam de barracão em barracão, dando palavras de consolo, carinho e até mesmo entregando sua última lasca de pão:

Lembro-me que, um dia, um capataz (não-prisioneiro) furtivamente me passou um pedaço de pão. Eu sabia que ele só podia tê-lo poupado de seu desjejum. O que me abalou a ponto de derramar lágrimas não foi aquele pedaço de pão em si, e sim o afeto humano que esse homem me ofereceu naquela ocasião, a palavra e o olhar humano que acompanharam a oferta. (ibid.: 112)

Comprendemos como cuidado essa postura de afeto que Frankl nos relata, e a esse respeito fazemos menção a nossa clínica situada na comunidade ao lembrarmos a postura de preocupação de Virginia para com Nara. Virginia, conhecedora da prática de Nara em cortar os pulsos por freqüentarem a mesma comunidade religiosa, comenta em certa sessão: “encontrei Nara e não sei se você sabe, ela faz aquelas coisas de se cortar, ela andou se cortando. Queria saber com você se eu poderia ser atendida em uma semana e na outra a Nara, gostaria de dividir com ela os meus horários”. Diante de tal solicitação, e sem muita surpresa ao pedido de Virginia, que geralmente é muito preocupada com os outros, respondi: “seu cuidado para com Nara é um gesto generoso, mas não será necessário dividir o seu horário com Nara, pois já reservei um horário para ela”. Virginia deu um grande sorriso e disse: “que ótimo!”

Voltando a Frankl (2008) em sua narrativa, mesmo quando não se pode deixar de considerar a reação psíquica dos prisioneiros nos campos de concentração como algo mais que mera expressão de certas condições físicas, psicológicas e sociais, tais como a falta de calorias, deficiência do sono, além de “os mais diversos complexos psíquicos” (Ibid.: 89), sugerindo que a decadência da pessoa esteja vinculada à “lei normativa do campo de concentração” (Ibid.), não justifica o que acontece interiormente com a pessoa, pois aquilo em que o campo de concentração parece “transformá-la”, revela ser o resultado de uma decisão própria de cada um. Entendemos que a noção de liberdade para Frankl esta associada ao tema da decisão:

Em princípio, portanto, toda pessoa, mesmo sob aquelas circunstâncias, pode decidir de alguma maneira no que ela acabará sendo, em sentido espiritual: um típico prisioneiro de campo de concentração, ou então uma pessoa, que também ali permanece sendo ser humano e conserva sua dignidade (...) sempre em toda a parte, a pessoa está colocada diante da decisão de transformar sua situação de mero sofrimento numa realização. (ibid.: 89 - 91)

Outro ponto relevante associado à liberdade, como já mencionado, refere-se à noção do sofrimento. Diante dos sofrimentos nos campos de concentração, Frankl se referiu a uma passagem de Dostoievsky: “temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento” (Ibid.: 90). O autor afirma um sentido no sofrimento vinculado à liberdade como característica última do ser humano: “inerente ao sofrimento há uma conquista” (ibid.). A liberdade enquanto possibilidade do homem em abertura proporciona sentido à sua existência.

De acordo com Frankl (2008), não encontramos sentido para nossa existência somente no “gozo da vida”, que proporciona realização no “que é belo, nas experiências da arte ou da natureza”, mas no campo de concentração, onde dificilmente ocorria “oportunidade de realizações criativas em termos de experiência”, há ainda sentido. Possibilidades de configuração de um sentido para existência emergem na atitude com que cada um se coloca diante das restrições impostas sobre sua existência: “Se é que a vida tem sentido também o sofrimento necessariamente o terá”. (Ibid.: 90)

A descoberta do sentido da vida ocorre no modo de resposta à vida. Frankl (2008) compreendeu que não deveria perguntar pelo sentido, mas percebeu a própria vida como questionamento. De acordo com as circunstâncias que lhe eram apresentadas, respondeu de maneira comprometida, de modo próprio. Neste sentido, ressalta a importância da questão da responsabilidade:

Esse fato de cada indivíduo não poder ser substituído nem representado por outro é, no entanto, aquilo que, levado ao nível da consciência, ilumina em toda a sua grandeza a responsabilidade do ser humano por sua vida e pela continuidade da vida. A pessoa que se deu conta dessa responsabilidade (...) ela sabe do “porque” de sua existência – e por isso também conseguirá suportar quase todo “como”. (ibid.: 105)

Diante da finitude, sabendo-se mortal, o homem não poderá adiar infinitamente a realização de sentido, que é de caráter irrevogável. O homem deve decidir perante o que ou a quem se julga responsável. De acordo com isso, Frankl (2008) nos diz que o homem é livre porque é responsável. Livre para decidir o que será diante de suas possibilidades. Entretanto, a liberdade humana é limitada e o ser humano sempre encontrará situações que lhe serão impostas, ou seja, sempre nos encontraremos em jogo num determinado ambiente sociocultural, onde contamos com determinadas características físicas, vivemos em um determinado horizonte histórico e assim por diante. Estas limitações, no entanto, nos possibilitam agir livremente. Não somos livres de nossas limitações. Possuímos liberdade para nos posicionar diante delas.

Através da apropriação de sua existência, o homem vai se libertando de suas determinações sejam elas quais forem configurando seus projetos. Frankl (2008) afirma que o ser humano é autodeterminante, pois é ele quem define se resiste ou não a condicionamentos, e isso envolve escolhas.

Ainda na perspectiva deste autor, o ser humano apresenta uma autocompreensão ontológica pré-reflexiva que indica a orientação para o sentido, ou seja, a pessoa vivencia ou percebe-se relacionada a uma série de situações que lhe exigem enfrentamento na forma de atos carregados de sentidos. Frankl experimentou sua liberdade ao perguntar pelo sentido diante de todo aquele sofrimento:

Será que tem sentido todo esse sofrimento, essa morte ao nosso redor? Pois caso contrário, (...) não faz sentido sobreviver ao campo de concentração. Uma vida cujo sentido depende exclusivamente de se escapar com ela ou não e, portanto, das boas graças de semelhante acaso – uma vida dessas nem valeria a pena ser vivida. (ibid.: 91)

A questão da liberdade nos é apresentada já na segunda fase de observações de Frankl, ou seja, na vida experimentada no campo de concentração. De acordo com o autor, existe um sentido e uma dimensão no ser humano para além de seus elementos psíquicos estruturantes. Desse modo, a individualidade de cada ser humano e sua capacidade de exercer sua liberdade se revela no encontro de um sentido para cada situação vivida, inclusive as de sofrimento. Isso

significa dizer que cada homem é capaz de decidir no que irá se transformar diante de cada circunstância, portanto, o significado mais profundo de liberdade e, ao mesmo tempo, a mais bela prova de que existe um sentido para a vida.

Continuemos um pouco mais junto a Frankl (2008) e passemos a terceira fase, após a libertação propriamente dita dos campos de concentração “quem pensa que nossa alegria foi geral esta redondamente enganado” (Ibid.: 114). Através de passos incertos e tímidos a caminho da liberdade Frankl vê pela primeira vez os arredores do campo de concentração, estranheza foi o que sentiu enquanto pessoa livre do cárcere:

Para a liberdade, vamos dizendo, e o repetimos várias vezes em pensamento; mas simplesmente não se consegue apreendê-lo. Em tantos anos de sonhos e de saudades, o termo liberdade ficara muito gasto. Seu conceito perdera os contornos. Confrontando com a realidade, ele se confunde. A nova realidade ainda não consegue penetrar direito no consciente. Simplesmente não se consegue apreendê-la ainda. (ibid.: 114)

Recém libertos, aqueles que sobreviveram aos campos de concentração, percorrem os arredores. Sobre este momento, Frankl (2008) ressalta: “o mundo continua sem nos causar impressão” em inúmeras vezes sonhamos com esse dia e “agora essa liberdade seria realidade verdadeira?”.

Diferente da experiência de sentido de liberdade, o corpo segundo Frankl (2008) não acalentava tantas inibições. Assim, no primeiro instante em que se abriu a possibilidade, ele e os companheiros aproveitaram para comer: “a gente come até não poder mais, por horas a fio, a metade da noite. Incrível o quanto se consegue comer” (Ibid.: 115) e experimentaram ainda uma enorme vontade de falar e dar voz à experiência acumulada na permanência nos campos de concentração por anos a fio:

A forma de contar dá a impressão de que a pessoa em questão estaria sob uma espécie de compulsão psicológica, tanta é a ânsia de contar, a necessidade de falar. Passam-se dias, muitos dias até que se solte não somente a língua, mas também algo dentro da gente (...) e então, dias após a libertação, vais andando pelo campo livre, atravessando campinas florida, rumo a um lugarejo nos arredores do campo de concentração (...) o que te cerca é campo aberto, a terra, o céu, o regozijo das cotovias e o espaço livre, paras, olhas ao redor (...) neste momento não sabes muito de ti mesmo nem muito sobre o mundo. (ibid.: 116)

Para Frankl (2008) a trajetória que se constitui por uma tensão psicológica dos últimos dias no campo de concentração não é de forma alguma, “livre de empecilhos” (Ibid.: 113) que se dispensa qualquer tipo de assistência psicológica:

Podia-se observar (...) durante essa fase psicológica, que em sua atitude psíquica continuavam vivendo sob a condição do poder e da violência, só que, uma vez libertas, agora pensavam ser sua vez de usar o poder e a liberdade de forma arbitrária, desenfreada e irrefletida (...) se antes eram objetos do poder, da violência, da arbitrariedade e da injustiça, essas pessoas agora viravam sujeitos dentro das mesmas categorias. Ainda não se desprenderam daquilo por que passaram. Manifestam isso em detalhes aparentemente sem importância. (ibid.: 117)

Frankl (2008) finaliza sua reflexão acerca de sua experiência nos campos de concentração com um sentimento de que nada mais na vida precisaria temer após os terrores vivenciados junto aos campos.

Assim, após situarmos nossa reflexão em dois momentos históricos distintos – primeiro o da comunidade em que nossa clínica está situada, a qual experimenta condições factuais de extrema violência e restrição, e o segundo, a narrativa de Frankl sobre os campos de concentração, tão ou mais restritivo e violento – ousamos aproximar esses dois momentos no que diz respeito ao desvelar da liberdade enquanto possibilidade da existência diante de grilhões inimagináveis por muitos.

Disparada nossa proposta e aposta na liberdade enquanto possibilidade de abertura de sentido passemos ao segundo capítulo a fim de aprofundarmos o que já apontamos até aqui em nosso percurso. Contudo, não antes de dedicarmos este primeiro capítulo em memória de mais uma vítima da guerra que teve início em 30/05/2009, entre facções rivais na comunidade. Desta vez, a vítima foi um senhor motorista de coletivos que nas horas livres dirigia uma kombi em busca de uma vida mais confortável para ele e sua família. Sua existência foi interrompida na madrugada do dia 24/07/2009, ao ser considerado suspeito por traficantes ao sair para trabalhar em sua kombi por volta das 04h20min, quando foi executado. Esta vítima é pai de Sabrina, paciente em atendimento já há alguns meses em nossa clínica.

## CAPÍTULO II: MODOS DE COMPREENSÃO DA LIBERDADE

### 2.1– DETERMINISMO OU LIBERDADE?

*“Vou adiante como posso liberdade é do que gosto  
 O dia nasceu  
 Azul à sua forma  
 Já não quero mais ser posse  
 Fosse simples como fosse  
 Um dia partir  
 Sem ganchos nem correntes...”  
 Paula Toller<sup>26</sup>*

Atravessado pelo cientificismo, o homem moderno vem sendo tomado por um discurso determinista, através do qual sua condição de liberdade fica na maioria das vezes esquecida. O determinismo parte do princípio de que tudo que existe tem uma causa e conseqüentemente um efeito. O mundo é compreendido como o da necessidade e da não liberdade. O necessário acaba por ser tudo aquilo o que não pode deixar de sê-lo, contrapõe-se o conceito de contingência, que quer dizer o que poderia ser de outra maneira. Contudo, se a ciência não partisse de pressupostos deterministas, seria inviável estabelecer qualquer lei, como no caso da física, química e biologia, que se constituíram em ciências ao longo dos últimos séculos, interpretando as relações constantes e necessárias entre os fenômenos, com o objetivo de prever e controlar.

Ao exemplo do que nos disse o filósofo Mounir (apud ARANHA, 1986: 317), “enquanto se desconheciam as leis da aerodinâmica, os homens sonhavam voar; quando o seu sonho se inseriu num feixe de necessidades, voaram”. Descobrir o feixe de necessidades é estabelecer as leis da aerodinâmica e saber o que faz voar um corpo mais pesado do que o ar. Isto só é possível através do conhecimento determinístico.

A ciência então passou a considerar os mesmos critérios para os homens que assim seriam cientificamente controlados, logo, previsíveis. Desta maneira, seria mais garantido, conduzi-los à saúde, à longevidade e à felicidade. Técnicos e cientistas cuidariam para que fizessem precisamente as coisas que lhes fossem melhores, individualmente e socialmente. As questões sobre liberdade e determinismo psíquico são colocadas de modo demasiadamente

---

<sup>26</sup> Toller, P. Meu Amor se Mudou pra Lua. In: Sónós, Warner Music Brasil, 2007.

simplista nesta perspectiva. Esse era também o ideal da psicologia em sua origem, conforme podemos observar em Watson, psicólogo experimental da corrente behaviorista:

Dêem-me doze crianças sadias, de boa constituição, e a liberdade de poder criá-las á minha maneira. Tenho a certeza de que, se escolher uma delas ao acaso, e puder educá-la, convenientemente, poderei transformá-la em qualquer tipo de especialista que eu queira – médico, advogado, artista, grande comerciante, e até mesmo um mendigo e ladrão, independente de seus talentos, propensões, tendências, aptidões, vocações e da raça de seus ascendentes. (WATSON, apud Aranha, 1986: 315)

A perspectiva freudiana, embora reconheça uma maior complexidade para a questão, também é caracterizada por um claro determinismo psíquico, ou seja, a distinção entre consciência, pré-consciente e inconsciente são fatores decisivos para a compreensão de conflitos psíquicos, como no caso do complexo de Édipo. A sexualidade também ganha elaboração no campo individual através da libido como impulso fundamental, a força criadora. Freud (2002) nos demonstra através de sua teoria que o neurótico não é livre, pois se constitui através de forças inconscientes:

A análise demonstra que certas falhas no nosso funcionamento psíquico e certos desempenhos aparentemente não intencionais têm motivos válidos e são determinados por motivos desconhecidos pela consciência (...) se concordarmos que uma parte do nosso funcionamento psíquico não pode ser explicado por idéias intencionais, não estaremos apreciando a extensão da determinação na vida mental. Alguns exemplos indicam que não podemos fazer com que um número nos ocorra por simples escolha livre e arbitrária, o mesmo valendo para um nome, e que são estritamente determinados por certas circunstâncias, memórias, etc. Muitas pessoas contestam a suposição de um completo determinismo psíquico, recorrendo a um sentimento especial de convicção quanto à liberdade da vontade. Não é necessário questionar o direito à convicção de possuir livre arbítrio. Se levarmos em conta a distinção entre motivação consciente e inconsciente, nosso sentimento de convicção nos informa que a motivação consciente não se estende a todas as nossas decisões motoras. (FREUD, 2002, p, 146)

Uma atitude obsessivo-compulsiva, por exemplo, como o ato de lavar as mãos seguidamente por considerá-las sempre sujas, não representa um ato livre de uma pessoa preocupada com a higiene, esse “sintoma” tem um significado latente, oculto, que deve ser “interpretado” e assim a cura da neurose estaria em trazer à consciência as causas escondidas para tal ato.

Sendo assim, a idéia de determinismo causal fez com que a mente humana fosse compreendida muitas vezes como um mecanismo semelhante ao de um relógio, e o inconsciente como o depósito de causas escondidas, onde todas permanecem à espera de interpretações.

Diante de tais perspectivas o homem é livre ou é determinado? Para responder esta pergunta achamos necessário considerar esses dois princípios, embora contraditórios. Devemos considerar tais contradições como modos de compreensão, do homem herdeiro de culturas que se situam no tempo, em um espaço e em um contexto histórico.

Segundo Sá (2009), Merdard Boss, médico psiquiatra que manteve contato pessoal com Heidegger desde 1947, e quem organizou em Zollikon os Seminários a partir de 1959, obra de grande relevância ao âmbito da clínica, compartilhou que foi analisando de Freud e afirmou que o pressuposto fundamental que dá sentido a uma prática clínica freudiana não se encontra tematizado em sua metapsicologia, sendo a superestrutura teórica da psicanálise elaborada posteriormente à criação de sua práxis. Para Boss, a motivação essencial que está na gênese da clínica psicanalítica é a busca de ampliação da liberdade humana, que pressupõe uma compreensão da existência muito mais próxima daquela elaborada tematicamente pela analítica existencial de Heidegger, que por sua vez se contrapõe a uma objetivação determinística causal da existência.

Portanto, Sá (2009) nos dirá que para Boss qualquer esforço psicoterapêutico, independente de seu discurso teórico e científico, nos possibilita dizer que todo empenho científico só encontra sentido fora de si mesmo e muitas vezes oculta uma contradição fundamental entre suas suposições teóricas sobre o ser do homem e as verdadeiras suposições que motivam seus esforços enquanto empenho existencial de homens concretos. A esse respeito, Heidegger nos abre uma reflexão:

Quando se afirma, por exemplo, que a pesquisa do cérebro é uma ciência fundamental para o conhecimento do homem, esta afirmação implica que a relação real e verdadeira de homem para homem é uma relação mútua de processos cerebrais, que na própria pesquisa do cérebro como pesquisa nada mais acontece, a não ser que um cérebro de um certo modo – diz-se atualmente – informa um outro e nada mais. Neste caso, por exemplo, a apreciação de uma estátua de um deus grego no Museu de Acrópolis durante as férias e, portanto, fora do trabalho de pesquisa, na realidade e na verdade nada mais é do que a coincidência de um processo cerebral do observador com o produto de um processo cerebral, a estátua representada. Contudo, se assegurarmos que naturalmente não era bem isso o que se quis dizer durante as férias, então vivemos com o receio duplo ou triplo que combina mal com o rigor normalmente exigido pela ciência. (HEIDEGGER, 2000: 121)

Paradoxalmente, este mesmo homem que é determinado também é a consciência desse determinismo. Assim, a partir da consciência das causas e não à sua revelia, é possível ao homem adquirir mais flexibilidade, logo, liberdade. Desta forma, mesmo que o homem tenha a consciência das causas compreendidas a partir de outras causas capazes de alterar a ordem das coisas, não se rompendo o nexos causal, o efeito existencial proporciona ao homem um modo de ser atuante e não simplesmente dado.

Contrapondo-se à perspectiva determinista, a liberdade entra em jogo como possibilidade de ser através da existência, em que o homem adquire o poder de decisão<sup>27</sup>. Liberdade é decidir e agir diante de determinações causais de um ambiente em que se vive com restrições de sentido. Assim, mesmo admitindo que forças causais existam, o ato livre pertence a uma esfera em que se dá a liberdade humana, na qual nos deparamos com oposições entre determinismo e liberdade:

O determinismo nega a liberdade, e se ele a nega, ele deve ter uma determinada representação de liberdade. Na representação da ciência natural, a liberdade foi sempre apenas um acontecimento não-causal, a-causal. Por isso, o determinismo encontra-se, a priori, fora da liberdade. Liberdade nada tem a ver com causalidade. A liberdade é ser-livre-e-aberto para uma solicitação. Então esta solicitação é o motivo. Não tem absolutamente nada a ver com cadeias causais. A solicitação é o motivo para o corresponder do homem. O estar-aberto para uma solicitação está fora da dimensão de produção causal. Por isso, o determinismo nem alcança o âmbito da liberdade, nada podendo dizer a respeito. Por isso, em relação à liberdade, é indiferente se conhecemos toda ou nenhuma ou algumas das causas de uma coisa. (HEIDEGGER, 2001: 230)

Se desejamos ir além de tais oposições a favor da liberdade, devemos observar que a discussão sobre a questão da liberdade não se esgota no âmbito teórico, mas ao contrário, a liberdade está situada na relação do homem com o mundo, e isto não significa dizer que se dará livre de obstáculos. Desta maneira, uma consciência que se defina apenas de modo determinístico já não é suficiente, pois a liberdade se configura como possibilidade de ser, logo, abertura de sentido, inviabilizando qualquer modo de categorização e estruturação da vida.

A liberdade, portanto, não se caracteriza tão somente como um dom ou uma dádiva, mas sim antes de tudo, como uma tarefa que constantemente se atualiza. O homem a exerce

---

<sup>27</sup> A palavra decisão é empregada aqui no sentido heideggeriano que em *Ser e Tempo*, designa um movimento em um sentido de destrancar, abrir. Assim, uma das modalidades do homem é o destrancar-se e o abrir-se para. (Heidegger, 2008: 579)

de acordo com seus limites e possibilidades diante de sua facticidade, como bem a percebeu Frankl através de sua permanência nos campos de concentração.

Ao constataremos nossa liberdade e sendo esta pessoal e intransferível, nos deparamos com uma questão: cabe a cada um de nós decidirmos o que seja melhor para nós e assim, determinar o que é melhor para todos? Quase sempre violando a liberdade do outro, o homem moderno cada vez mais seduzido pela lógica do imediato e do controle vem pautando-se em seus próprios interesses. Tal postura tem se mostrado de modo muito presente no contemporâneo, em que acabamos por justificar nossos individualismos partindo do senso comum.

Sendo assim, a seguir tentaremos abordar a questão da liberdade a partir do modo de compreensão do existencialismo. Para tanto, buscaremos, conforme já pontuamos dialogar com pensadores da chamada filosofia existencial, e assim recorreremos, ainda que brevemente, a fenomenologia para apresentar neste capítulo o pensamento que influenciou os filósofos que estamos dialogando.

## 2.2 – A QUESTÃO DA LIBERDADE NO EXISTENCIALISMO

*“Ser Livre não é ter o poder de fazer não importa o quê, é poder ultrapassar o dado para um futuro aberto”  
Simone de Beauvoir<sup>28</sup>*

Para nos situarmos acerca das reflexões existencialistas, partiremos da fenomenologia, que além de fornecer o caminho, ainda contribui enquanto filosofia com alguns conceitos básicos de maior importância. Tal corrente de pensamento surgiu com Franz Brentano no final do século XIX, cujos principais conceitos foram desenvolvidos por Edmund Husserl (1859-1938). Carrega como postulado básico a noção de intencionalidade, onde se é possível buscar a superação de tendências racionalistas e empiristas que vieram à tona no século XVII. A primeira tendência privilegia o valor da razão no processo do conhecimento, já a segunda, dá ênfase à experiência através dos sentidos, logo do objeto conhecido. Diante deste contexto, a fenomenologia lança a proposta de superação desta dicotomia ao dizer que toda consciência é intencional, ou seja, toda consciência é consciência de alguma coisa, não sendo possível que

---

<sup>28</sup> Aranha e Martins. A liberdade no existencialismo in. *Filosofando Introdução à Filosofia*, 1986, p. 324

haja pura consciência apartada de mundo. Portanto, toda consciência tende para o mundo, e assim inexistente objeto em si, onde todo o objeto é sempre objeto de significação.

Através do conceito de intencionalidade, a fenomenologia se contrapõe ainda à filosofia positivista do século XIX, que tendia para uma visão objetiva do mundo e acalentava possibilidades de conhecimentos científicos que visavam à neutralidade, distanciando-se da subjetividade. Ao contrário, a fenomenologia estabelece uma nova relação entre homem e mundo como sendo inseparáveis:

Por que o interesse pela fenomenologia? Ela não se constitui formalmente como uma teoria, é principalmente um modo através do qual nos aproximamos do que pretendemos investigar. Por que – exatamente nesta época em que o método científico tradicional já provou sua eficácia, eficácia essa que se baseia na objetividade do real, que deve poder ser quantificado, previsto para que possa ser controlado – cresce o interesse por um modo de investigar que difere daquele tradicional? A fenomenologia não é apenas um modo diferente de olhar para a realidade. Ela se sustenta num pensamento filosófico para o qual é o próprio conceito de realidade que é outro, numa epistemologia que é outra. Quando a fenomenologia diz que olha para o fenômeno, isso não é uma mera substituição da palavra fato pela palavra fenômeno: aqui o emprego da palavra fenômeno se baseia numa determinada compreensão do que é ‘ser’. (Sapienza, 2007: 9)

Segundo Sapienza (2007), a perspectiva filosófica que dá base a fenomenologia e que permite sua legitimidade e conseqüentemente outro modo de olhar para o real, não carrega em si a exclusão da possibilidade e da necessidade das ciências positivistas, que, aliás, permanecem com seu lugar garantido no mundo. Entretanto, a fenomenologia amplia a possibilidade e a necessidade de outro olhar que, talvez por isso, justifique o interesse que a mesma vem despertando. O modo fenomenológico de pensar no âmbito das coisas que dizem respeito ao que é próprio do humano vem destacar o próprio fenômeno da existência humana:

Quando o fenômeno da existência é trazido como foco de uma reflexão fenomenológica, o que começa a se manifestar aí são as questões fundamentais da existência, e essas questões, por serem essenciais, surgem com um forte apelo para que sejam pensadas e postas em palavras. O fato de considerarmos fenomenologicamente a existência permite que, ao olharmos para ela, afastemos de nosso olhar as teorias psicológicas, as concepções prévias que se acumularam em cima desse fenômeno de que tratamos, o existir humano. Ao fazermos isso, o que aparece para ser visto e para ser falado é o essencial, é a existência mesma, nua e crua. Nesse momento, o que há de principal no existir começa a despontar com prioridade como tema de estudo. (ibid.: 10)

Como psicólogos clínicos dialogando com pensadores da chamada filosofia existencial, e mais especialmente com o pensamento heideggeriano no terceiro capítulo, voltaremos nosso olhar em direção à existência humana que designa exatamente aquele ente para o qual *ser* está sempre em questão no mundo, onde o modo de ser é existindo, é em jogo, é em verdade e liberdade.

Através deste modo de pensar, o homem é sempre devedor à existência. Facticamente ele é destinado a realizar-se diante de todas as possibilidades que se apresentam, e ao mesmo tempo é limitado pelo não poder tudo e pela morte. Portanto, as noções que encontramos na base da existência humana, quando nos atemos a ela, nos levam a constatar que não poderia haver nada mais relevante do que existir.

Entretanto, no dia-a-dia do exercício clínico percebemos que a proposta de um pensamento aberto se torna mais difícil na ausência de respaldo teórico. Nem sempre é tarefa fácil manter-se em abertura em relação àqueles que nos procuram a fim de compartilhar suas histórias. “Sentir-se solto pode ser vivido como desamparo” (Sapienza, 2007: 13). As idéias de possibilidade, de liberdade, de limite, de finitude e de responsabilidade não são apenas noções abstratas, restritas ao âmbito do pensamento especulativo, mas na clínica dizem respeito à vida concreta para aqueles que chegam à procura de ajuda.

Virginia, conta que o amor de sua vida foi embora e seu casamento foi desfeito. Assistiu ruir promessas de amor eterno de “até que a morte nos separe”. Vem tocando sua vida sustentada apenas pela esperança de que o amor um dia volte, mesmo sabendo que seu amado já constituiu nova família e foi pai recentemente. Experimenta os dias imersa em uma profunda tristeza e consome-se em interrogações que giram em torno do que pode ter levado o “marido” a se interessar por outra pessoa. Sem muita clareza, acalenta sentimentos de culpa e medo em relação ao futuro incerto, e pergunta: “Será que meu marido um dia vai voltar? Será que um dia vou ter alguém de novo? Será que serei mãe um dia?”.

Elisa, diante da perda da mãe, carrega a culpa de não ter mantido um melhor relacionamento com a mesma. Compartilha que no dia de sua morte ela foi “grosseira” com a mãe ao telefone e que não atendeu a seu pedido indo ao hospital. Quanto aos demais relacionamentos, relata que se sente insegura sem saber se está correspondendo adequadamente. Elisa está também descontente com seu corpo, no entanto, não consegue por em prática atividades físicas e uma alimentação mais balanceada.

Nara carrega o peso quase que insuportável diante da diferença que percebe entre seu modo de ser em relação aos demais membros de sua família e ao contexto que habita. Em momentos intensos de raiva, adquiriu o hábito de cortar os pulsos e os braços, além de ingerir

medicamentos sem prescrição médica. Apesar do alívio, diz sentir culpa e medo de um dia tais práticas tornarem-se um caminho sem volta: “faço isso para aliviar a raiva e nunca senti nenhuma vontade de colocar um fim, está tudo sobre controle, mas às vezes tenho medo de qualquer hora dessas ir longe demais”.

Segundo Sá (2009), o que produz o sofrimento não é a incorreção lógica ou factual de uma perspectiva, e sim a redução de possibilidades de sentido que por sua vez, impõem ao campo existencial a restrição da liberdade. Tal posicionamento nos foi possível constatar na clínica diante das narrativas daqueles que nos procuravam em busca de sentido.

O que tem essas coisas, próprias ao campo da clínica, com a fenomenologia? Acreditamos que tudo, pois, frente às técnicas padronizadas e definidas, que propõem parâmetros que possibilitam uma visão prévia da existência concreta do paciente, acabamos por não resistir à tendência de formular diagnósticos que no geral visam adequar o sofrimento do paciente com uma determinada teoria. Contrariando, portanto, tais tendências, a fenomenologia nos possibilita fazer um caminho oposto, onde nos desprendemos do geral da teoria e seguimos em busca do sentido do sofrimento para cada paciente:

O que há ali são duas pessoas, uma que conta o que a faz sofrer e outra que escuta e procura compreender o que está acontecendo naquela vida. O terapeuta não está ali lidando com um psiquismo, querendo explicar como e por que ele funciona de uma tal forma. Ali ele se encontra com a existência de um ser humano que quer ser compreendido por alguém e quer se compreender melhor. Esse não deve, entretanto, ser confundido com a mera expressão de um comportamento afável, de um jeito simpático de ser com o paciente. É claro que o terapeuta, qualquer que seja seu referencial teórico, deveria mesmo ter uma postura de quem está ali para compreender, deveria ser capaz de empatia. Para nós, porém, não se trata só de uma questão de postura. É mais que isso. (Sapienza, 2007: 14)

A fenomenologia é, portanto, um modo de se aproximar de um fenômeno que se deixa mostrar tal como se apresenta sem a interferência das teorias já existentes sobre ele. Entretanto, não devemos tomar a fenomenologia de modo apenas que proporcione o aparecer do fenômeno sem em nada aprofundá-lo. O fenômeno não é apenas o que aparece de modo menos rígido e despreocupado diante de problemas ou do passado, onde somente o que interessa é o presente em relação ao futuro. Essa seria uma maneira ingênua de olhar para a fenomenologia. O fenômeno só se mostra quando alguém se propõe a olhá-lo, se aproximando dele na procura de compreendê-lo, e explicitando-o através da linguagem. Na clínica o fenômeno é a existência do paciente que se revela no decorrer dos encontros.

Sendo assim, ao nos aproximarmos e olharmos para o conceito de fenômeno - que em grego significa: *o que aparece*, - podemos entender mais claramente como a fenomenologia compreende o fenômeno. Isto significa dizer que devemos colocar em suspenso toda indagação a respeito de uma realidade em si apartada da relação do homem com o mundo. Outra noção importante é não perdermos de vista que não há um puro ser oculto atrás dos fenômenos, pois a consciência desvela progressivamente o objeto por meio de possibilidades em abertura. Assim, a consciência é co-responsável pela doação de sentido para o mundo.

Portanto, conhecer é um processo em movimento, onde nossa exploração do mundo sempre se renova diante de possibilidades que nunca se esgotam. Sendo assim, a consciência que carregamos de mundo se dá de modo muito mais amplo e vai além do simples conhecimento intelectual. Fonte de intencionalidade não só cognitivas mais ainda, afetivas e experienciais, ela vem posicionar o olhar do homem em relação com mundo.

A fenomenologia acaba por criticar a filosofia tradicional por contribuir com o desenvolvimento de uma metafísica cuja noção de *ser* transformou-se em abstração voltada para explicações. Opondo-se a esta postura, a fenomenologia tem como preocupação central a descrição da realidade, partindo da reflexão acerca do próprio homem num esforço para chegar ao que realmente se dá na experiência, descrevendo assim o que ocorre efetivamente do ponto de vista daquele que vive um determinado fenômeno.

Martin Heidegger (2008a), pensador no qual buscaremos, no próximo capítulo, fundamentar nossa compreensão acerca da noção de liberdade, dedicou “em testemunho de admiração e amizade” seu tratado de 1927, *Ser e Tempo*, ao mestre Husserl. Partindo do método fenomenológico, chega à formulação de seu questionamento central a respeito do *ser*. Para o nosso propósito, o nome de Heidegger é da maior importância, pois este é base para psicólogos e psiquiatras cujos interesses se voltam para os fenômenos abordados pelo campo da psicopatologia enquanto restrição do livre diante do poder-ser que caracteriza ontologicamente o *Dasein*<sup>29</sup>.

Sendo assim, a clínica fenomenológico-existencial representada por pensadores da chamada filosofia existencial se contrapõem à aplicação da noção de causalidade das ciências naturais. Não há na existência humana relações de causa-efeito, sendo mais apropriado falar em motivações, logo, não é possível afirmar que os comportamentos derivam de causalidades. Desta maneira, algo que aconteceu, por exemplo, a uma criança não vem a ser a causa determinante de seu comportamento quando adulto, ou seja, mesmo que encontremos relação

---

<sup>29</sup> Segundo Inwood (2002) em *Ser e Tempo*, Heidegger usa (*das*) *Dasein* para: 1) O ser do homem, e 2) O ente ou pessoa que possui este ser.

de sentido entre estes dois momentos da existência, não podemos precisar que tais ocorrências tenham uma relação determinística.

Conferimos importância a uma atitude que diante de escolhas e ao mesmo tempo imersa em situações concretas chama o homem a existir de modo mais autêntico em consideração ao mundo, trazendo para o centro da compreensão da vida, a fragilidade, a angústia, a responsabilidade, a finitude e a liberdade.

Nos manuais de história de filosofia, Heidegger é, em geral, apontado como um filósofo existencialista, embora ele mesmo não tenha se considerado como tal. Assim, é importante que nos aproximemos desta forma, do que vem a ser o pensamento da chamada filosofia existencial.

O existencialismo é um movimento filosófico e literário que se desenvolveu especialmente na França no século XX. Caracteriza-se principalmente como um pensamento que não se preocupa em apoiar-se em sistemas, detendo-se no fato de que cada homem seja único. Distancia-se do primado da razão, além de considerar a existência como um estar em jogo no mundo diante de escolhas, onde ao mesmo tempo a existência encontra-se imersa em situações concretas. Kierkegaard, filósofo e teólogo dinamarquês do século XIX, é considerado um importante precursor do movimento, teve influência fundamental sobre Heidegger e Sartre (1905-1980). Sartre, filósofo e escritor francês, foi influenciado pela fenomenologia de Husserl e pelo pensamento de Heidegger:

É após a Segunda Guerra Mundial que o existencialismo se afirma como um movimento cultural importante. Não só faltam respostas para tanta perplexidade diante daqueles acontecimentos como a própria maneira de perguntar parece que precisa ser diferente. Não bastam os grandes sistemas filosóficos de até então. Do ponto de vista filosófico, é a fenomenologia que possibilita o desenvolvimento do existencialismo. As idéias de Husserl já estão presentes, por exemplo, a proposta da redução fenomenológica, que suspende os sistemas de interpretação e pretende ir “às coisas mesmas”. A existência humana pode então passar a ser alvo de uma reflexão fenomenológica. (Sapienza, 2007, p, 33)

Segundo Sapienza (2007), para Kierkegaard os sistemas seriam formas de procurar a objetividade, onde a verdade não poderia ser localizada, pois há no pensar um esforço constante. Assim, questionamentos não receberiam respostas, mas permaneceriam no questionar, onde o resultado inevitável do questionar seria o paradoxo. Para este filósofo, o homem se caracteriza pelo desespero com origem nas contradições da existência e na distância de Deus, relação que não caberia dentro de nenhum sistema filosófico.

Nas citações que seguem, percebemos que Kierkegaard aproxima a questão da verdade e da liberdade, noções que aprofundaremos no próximo capítulo:

No campo intelectual, o conteúdo da liberdade é a verdade; à verdade compete fazer-se livre. Por essa razão a verdade é a ação da liberdade, de maneira que esta jamais deixa de a produzir. Não seria necessário dizer que, de modo algum, cogito aqui nas orgias espirituais da filosofia de nossos dias, para a qual necessidade e liberdade de pensar constituem um todo, o que motiva que, quando tal filosofia fala em liberdade do pensamento fale, enfim, do movimento imanente do pensamento eterno. (KIERKEGAARD, 1968, p, 149)

Segundo Sapienza (2007), para Kierkegaard só depois que o homem atravessa a angústia, o sofrido e os assaltos do desespero, chegará ao que é verdadeiro. Através dos estágios estético, ético e religioso descreve a existência, esta é a tensão angustiada em direção a transcendência “a angústia constitui o possível da liberdade e apenas essa angústia forma, pela fé, o homem, no sentido completo da palavra, absorvendo todas as finitudes, descobrindo todas as ilusões” (Ibid.: 157). A liberdade é a conquista da transcendência, onde o homem reconhece-se existindo em relação com o poder que o criou, ligado à seriedade e responsabilidade com que se reconhece diante de seus limites e possibilidades:

O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em resumo, uma síntese. É a relação de dois termos uma síntese. O “eu” não existe ainda sobe este ponto de vista (...). Abstratamente pode-se distinguir as diversas personificações do desespero sondando os diversos fatores desta síntese que é o eu, o eu é formado de finito e infinito. Contudo sua síntese é uma relação que, apesar de derivada, se relaciona consigo mesma, o que é a liberdade. O eu é liberdade. Mas a liberdade é a dialética das duas categorias do possível e do necessário (...). Para que o eu se transforme são igualmente essenciais o possível e a necessidade – efetivamente, o eu só pode transformar-se sendo livre. (KIERKEGAARD, 2004, p, 38)

Feijoo (2000) defende que Kierkegaard vem nos dizer que o homem no movimento das necessidades e das possibilidades atua em liberdade. Entretanto, preso ao que é necessário acaba por não se reconhecer em liberdade. Paradoxalmente, apostando que tudo é possibilidade, esquece-se de seus limites ao pensar que não há nada no mundo que o detenha. Desta forma, se faz necessário reconhecer limites e arriscar nos possíveis para que o homem venha a se constituir livre.

Feijoo (2000) nos dirá desta maneira, que Kierkegaard descreveu as posições psicológicas de liberdade e dentre elas a da não-liberdade. Nesta última, ao revelar-se e

comunicar-se através de queixas psicossomáticas, o homem vivencia culpa e isolamento, onde através deste modo, justifica-se no acaso, no destino, e ainda, deixa a cargo do tempo o que tem de decidir. Contudo, essa não-liberdade funda-se em última instância, na liberdade, diferindo-se radicalmente do não ser livre de uma pedra, por exemplo.

De acordo com a proposta clínica de Feijoo, o que se pretende é o resgate da liberdade, numa abordagem em que a fala e a ação não só serão reveladoras do modo de existir daqueles que buscam a clínica como também a expressão de sua liberdade. Assim, é a angústia, compreendida como modo da liberdade, que deve ser mantida e explicitada, para que através dela possa emergir modos mais livres de ser:

O homem se constitui como liberdade, daí a angústia frente ao real e ao futuro, onde se dá o mundo das possibilidades. Muitas vezes, no entanto, o homem quer fugir de sua liberdade e, conseqüentemente, da sua angústia, assumindo-se, no mundo, como não-liberdade. Desta forma, justifica-se no somático, no divino, no mundo, no acaso. Há, nestes casos, uma falta de interioridade, ou seja, de reflexão de si para consigo mesmo. O psicoterapeuta existencial deverá tentar a retomada da interioridade para aquele que se diz não-livre poder se assumir em sua liberdade. (FEIJOO, 2000: 115)

Retomando Sapienza (2007), Sartre em *Ser e o Nada* se dedica a fazer uma fenomenologia do ser, considerando o ser como: ser-em-si, ser-para-si e ser-para-o-outro. Lembramos que não é intenção desta pesquisa aprofundar o pensamento de tal filósofo, mas buscar recortar sua contribuição acerca da noção de liberdade. Portanto, não nos deteremos em apresentar seu pensamento.

Sendo assim, Sapienza nos dirá que a liberdade em Sartre, não se caracteriza como algo que o homem tenha como uma mera capacidade humana, mas sim, é originária ao homem. Quanto à angústia, esta é o modo de ser da liberdade como uma consciência de ser, onde o homem condenado à escolha acaba sempre por responsabilizar-se diante de suas possibilidades. Através de suas possibilidades o homem efetua suas escolhas assumindo, desta maneira, seu projeto existencial:

O paradoxo da liberdade consiste em que “... só há liberdade em *situação* e só há situação pela liberdade. A realidade humana encontra em toda a parte resistência e obstáculo que ela não criou: mas essas resistências e esses obstáculos só tem sentido na e pela escolha livre que a realidade humana *é*” (p.534). É só diante de um fim livremente posto pela realidade humana que o dado do mundo pode se mostrar como algo capaz de constringer a liberdade ou como algo favorável a ela. Sartre diz: “... é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade é em

seu ser em questão para ela mesma” (p. 64) O homem é condenado a ter de escolher. Ele é sempre responsável. O ato “autêntico” é aquele pelo qual o homem assume sua situação e a ultrapassa por sua ação. Nossos atos nos julgamos e são irreversíveis. É em vão, diante de nossos atos, queremos justificá-los apelando à boa intenção ou dizendo que foram feitos inconscientemente. Isso seria “má fé”, que é testemunhada pela consciência do outro, cuja existência aparece como uma ameaça insuportável. Não podemos escapar do “olhar” do outro. O homem é comprometido com o contexto real e concreto em que vive, e, mesmo se for indiferente a isso, esse ser indiferente é uma escolha, é seu modo de responder às solicitações de seu mundo, de seu tempo. Não há a desculpa de se dizer determinado pelos fatos que configuram uma situação. (SAPIENZA, 2007: 36)

Nas palavras de Sartre:

O importante não é o que fazem do homem, mas o que ele fez do que fizeram dele.<sup>30</sup>

Será isso a liberdade? Por baixo de mim os jardins descem languidamente em direção à cidade e em cada jardim se ergue uma casa. Vejo o mar pesado, imóvel, vejo Bouville. O dia está bonito. Sou livre: já não me resta nenhuma razão para viver, todas as que tentei cederam e já não posso imaginar outras. Ainda sou bastante jovem, ainda tenho força bastante para recomeçar. Mas recomeçar o que? Só agora compreendo o quanto, no auge de meus terrores, de minhas náuseas, tinha contato com Anny para me salvar. Meu passado está morto. (...) Estou sozinho nessa rua branca guardada de jardins. Sozinho e livre. Mas essa liberdade se assemelha um pouco à morte. (SARTRE, 2005: 223)

Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva, ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. (...) Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. (...) Querendo a liberdade, descobrindo que ela depende integralmente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa. (...) De tal modo que, quando, ao nível de uma total autenticidade, reconheço que o homem é um ser em que a essência é precedida pela existência, que ele é um ser livre que só pode querer sua liberdade, quaisquer que sejam as circunstâncias, estou concomitantemente admitindo que só posso querer a liberdade dos outros. (SARTRE, 1970: 9-19)

Tentamos aqui, ainda que brevemente, apresentar um caminho que passou por algumas propostas da fenomenologia e do existencialismo. Neste percurso nos foi possível

---

<sup>30</sup> Aranha e Martins. A liberdade no existencialismo in. *Filosofando Introdução à Filosofia*, 1986, p. 324

perceber alguns pontos de semelhança e outros de divergência dentre os pensadores que aqui propomos. Entretanto, antes de seguirmos para o próximo capítulo, devemos observar o posicionamento heideggeriano (2005) frente à famosa frase de Sartre sobre a precedência da existência em relação à essência. Segundo Sapienza (2007), Heidegger nos dirá em *Carta Sobre o Humanismo* que a famosa frase de Sartre justifica o nome de existencialismo para o pensamento filosófico francês. Esclarecendo, entretanto, que tal frase não teria nenhuma relação com que Heidegger quis dizer em *Ser e Tempo* quando coloca que a essência do *Dasein* estaria na existência, ou seja, o homem se essencializa de tal modo que ele é a clareira do ser, logo, o homem é enquanto existe. Desta maneira, ao referir-se à existência, o filósofo estaria evocando a determinação de que o homem é na verdade do ser, considerando o homem como o destinatário da doação do ser. Sendo assim, no pensamento heideggeriano, ser já é sempre doação a *Dasein*, e demanda *Dasein* como destinatário de sua doação. Tal proposta implica profundas diferenças diante de uma ontologia tradicional.

Ao compartilharmos tais pensamentos, acreditamos nas contribuições que esses modos de olhar a existência humana possam oferecer ao âmbito da clínica entendida como um espaço privilegiado de liberdade.

## CAPÍTULO III – LIBERDADE E VERDADE

*“Eu falo de amor à vida, você de medo da morte  
Eu falo da força do acaso e você, de azar ou sorte  
Eu ando num labirinto e você, numa estrada em linha reta  
Te chamo pra festa, mas você só quer atingir sua meta*

*Sua meta é a seta no alvo  
Mas o alvo, na certa não te espera*

*Eu olho pro infinito e você, de óculos escuros  
Eu digo: “te amo” e você só acredita quando eu juro  
Eu lanço minha alma no espaço, você pisa os pés na terra.  
Eu experimento o futuro e você só lamenta não ser o que era  
E o que era? Era a seta no alvo  
Mas o alvo, na certa não te espera*

*Eu grito por **liberdade**<sup>31</sup>, você deixa a porta se fechar  
Eu quero saber a **verdade**, e você se preocupa em não se machucar  
Eu corro todos os riscos, você diz que não tem mais vontade  
Eu me ofereço inteiro, e você se satisfaz com metade*

*É a meta de uma seta no alvo  
Mas o alvo, na certa não te espera*

*Então me diz qual é a graça  
De já saber o fim da estrada  
Quando se parte rumo ao nada?*

*Sempre a meta de uma seta no alvo  
Mas o alvo, na certa não te espera*

*Então me diz qual é a graça  
De já saber o fim da estrada  
Quando se parte rumo ao nada...”*

*Paulinho Moska<sup>32</sup>*

<sup>31</sup> O grifo nas palavras liberdade e verdade são nossos.

<sup>32</sup> Moska, P; Romero, N. A Seta e o Alvo in: Cotrasenso, 2002.

### 3.1 – UM OUTRO MODO DE COMPREENSÃO DO HOMEM

*“É na pre-sença que o homem constrói o seu modo e ser, sua existência, sua história”*  
HEIDEGGER<sup>33</sup>

A compreensão que buscamos neste capítulo pretende, através das noções heideggerianas de verdade e liberdade, delinear um caminho para possíveis contribuições ao campo da clínica psicológica. Partimos, assim, para outro modo de olhar o homem compreendido como *Dasein*, que, situado no tempo e desvelando-se através deste, encontra-se em relação com o mundo, com as coisas e consigo. Portanto, sugerimos um caminho já aberto por Heidegger e para além da questão da liberdade, que delimita nosso interesse maior. Outra questão se apresenta: a noção de verdade surge entrelaçando-se à noção de liberdade essencializando o modo ser do homem.

Contudo, apesar de nosso grande interesse acerca de tal pensamento, não deixamos de encontrar dificuldades no que diz respeito à clareza da exposição de nossa compreensão frente a proposta heideggeriana, sabemos que o pensamento do filósofo não se detém dentro de um sistema filosófico, não sendo, portanto, conceitos simples. Desta maneira, falamos à medida que o contato iniciado com o pensamento de Heidegger nos chama atenção. Assim, entendemos que muitas palavras usadas neste capítulo são de difícil compreensão para aqueles que ainda não tem proximidade com o pensamento que aqui propomos, entretanto, tentar explicar cada uma delas equivaleria a várias frentes de trabalho. Nesse sentido, uma compreensão maior acerca da proposta do filósofo só acontecerá com o estudo contínuo de sua obra.

O que nos importa por hora é conseguir tentar demonstrar a possibilidade de uma prática clínica apoiada nas contribuições de um pensamento que se mantém aberto como o de Heidegger, a fertilidade de seu pensamento contribui muito com o cuidado da existência, logo com a clínica.

Martin Heidegger pensador da Floresta Negra tornou-se um dos mais importantes filósofos modernos. Sua obra apresenta um singular crescimento póstumo devido às suas importantes reflexões acerca do sentido do ser. Alemão, nascido em 26 de setembro de 1889, em Messkirch, cresceu em um ambiente modesto e muito católico, abandonou a teologia para

---

<sup>33</sup> Heidegger Apud. Nascimento, p, 58, 2005.

dedicar-se a filosofia. Casou-se e foi pai de dois filhos. Apoiou o regime nazista durante um curto período de tempo, que perdurou de 1933 a 1934, quando se demitiu de seu reitorado na Universidade de Freiburg em Brisgau.

Sendo assim, ao longo dos anos, surgiram muitas especulações a respeito do seu envolvimento e apoio ao partido nazista, contudo, tal envolvimento não invalida seu pensamento. Trabalhou isolado em seu rústico chalé construído por ele mesmo e por seus alunos, e por não ser muito chegado às grandes cidades, decide por recusar uma nomeação para Berlim. Desta forma, não deixa escapar a questão do enraizamento que não se trata simplesmente de um fato, mas um lugar originário:

Somos levados a refletir e perguntamos: não faz parte do êxito (Gedeiben) de uma obra de sucesso o enraizamento no solo de uma terra natal? Johann Peter Hebel escreveu um dia: “Nós somos plantas que – quer nos agrade confessar quer não -, apoiadas nas raízes, têm de romper o solo a fim de poder florescer no Éter e dar frutos” (...). O poeta quer dizer: onde deve medrar uma obra humana verdadeiramente alegre e salutar, o Homem tem de poder brotar das profundezas do solo natal, elevando-se em direção ao Éter. Éter significa aqui: o ar livre das alturas do céu, a esfera aberta do espírito. (HEIDEGGER, 1959: 15)

Heidegger demonstrou através de seu pensamento e obra, ter experimentado ele próprio o enraizamento sereno de sua terra natal e de uma época. Faleceu em 1976, ano da publicação do primeiro volume de suas obras completas. Dito isso, a fim de buscarmos uma melhor compreensão do que nos propõe o filósofo, faz-se necessário, ainda que brevemente, pontuarmos seu percurso pelo campo filosófico.

O filósofo teve seu interesse desperto para a filosofia quando ainda cursava seus estudos básicos através da leitura do filósofo Franz Brentano no final do século XIX. Desta leitura procede também seu interesse pelos gregos, em especial os pré-socráticos. Influenciado por diversos filósofos do século XIX e do início do século XX, como já pontuamos no capítulo anterior, dentre os quais, lembramos o pensador dinamarquês Sören Kierkegaard e os alemães Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Edmund Husserl (1859-1938), Heidegger dialogando com seus pares, pode deter-se sobre a questão do sentido do ser, acabando por delinear seu próprio caminho:

A fenomenologia de Heidegger apresenta modificações importantes frente à elaboração de seu mestre Husserl. Para ele, a conceitualidade husserliana relativa à subjetividade transcendental se afasta, embora no sentido oposto ao da psicologia de bases físicas, da essência do fenômeno humano tal como

dado, pela intuição, à experiência. O olhar fenomenológico em Heidegger não descobre o ser do homem como sujeito transcendental, antes como ser-no-mundo-com-o-outro, com toda a sua 'facticidade' irreduzível. Se, em *Ser e Tempo*, a fenomenologia heideggeriana, apesar dessa diferença fundamental, ainda parece inscrever-se no projeto husserliano de fundamentação da filosofia como ciência de rigor, os desdobramentos posteriores a essa obra, significativamente inacabada, vão em direção radicalmente contrária no que concerne às relações do pensamento fenomenológico com o científico. (Sá<sup>34</sup>)

Sendo assim, em seu pensamento, Heidegger ao priorizar a recuperação ontológica e a possibilidade do mostrar-se dos fenômenos, sugere um retorno necessário ao pensamento grego. Desta forma, acaba se distanciando da fenomenologia de Husserl, inaugurando seu próprio percurso que se caracteriza por uma postura hermenêutica<sup>35</sup>.

Heidegger, através de interpretações pessoais acerca de pensadores pré-socráticos como Heráclito e Parmênides, adquire reconhecimento dentre os especialistas. Sua consagração, entretanto, ao meio filosófico se deu ao recolocar a questão da metafísica partindo de uma crítica à tradição filosófica, para a qual o ser do ente foi determinado, substancializado e classificado. Para o filósofo, portanto, nos diversos períodos da história, a diferença fundamental entre ser e ente caiu em esquecimento, configurando, desta forma, o esquecimento da diferença ontológica, que por sua vez constitui o que realmente deve ser posto em questão na investigação.

Retomar à questão do ser e assumindo-a historicamente, deixando-a vigorar em tudo que esta carrega de mistério, foi para o filósofo sua principal questão. Assim, diferenciando-se dos filósofos da tradição e apostando que para refletir o ser, deve-se preservar a diferença entre ser e ente, Heidegger afirma que a problemática originou-se no esquecimento da diferença como já mencionamos acima rompendo com a tradição metafísica e refletindo sobre a questão do ser, o pensamento heideggeriano se desdobra recuperando o conceito de *alethéia* (desencobrimento), traço este fundamental a noção de liberdade que aqui trataremos.

---

<sup>34</sup> Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal Fluminense. Técnica, Violência e poder: Reflexões Clínicas Heideggerianas. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/8>> Acesso em: 15/01/2009.

<sup>35</sup> Segundo Sá, o termo hermenêutico provém do nome do deus grego Hermes e significa segundo o dicionário: interpretação do sentido das palavras. Para Heidegger, através do círculo hermenêutico a compreensão é originariamente constitutiva da experiência humana, logo, tem haver com sentido e, portanto, precede, como condição de possibilidade, qualquer interpretação. A interpretação não produz a compreensão, antes a pressupõe. Interpretar é elaborar e tematizar o já previamente compreendido. (Sá, R.N. Hermenêutica e Clínica Psicoterápica. Depto. De Psicologia da UFF).

A expressão *Dasein*<sup>36</sup>, traduzida para o português como “*ser-aí*” ou “*presença*”, embora tenha relação com o modo de ser do homem, não é sinônimo deste, contudo, evoca o processo de constituição ontológica<sup>37</sup> do homem dizendo respeito ao que o constitui.

Por isso, mesmo tratando-se de ensaios filosóficos, o pensamento heideggeriano tem contribuído com significativas articulações para o campo da clínica psicológica ao longo das últimas décadas, através de profundas reflexões acerca do homem cujo modo de ser dá-se na existência junto aos demais entes no mundo. Desta forma, no esforço de rompermos com um modo de olhar naturalizante, nos empenhamos também para colocarmos em suspenso uma prática clínica psicologizante. Neste sentido, apoiamos uma atitude clínica que compreenda o homem como ser-no-mundo-com-o-outro.

A relação do homem com o mundo, portanto, trata-se antes de uma região ontológica e não de uma realidade simplesmente dada. Não há *Dasein* sem mundo como não há mundo sem *Dasein*, estes são co-originários. Segundo Sá (2009), de acordo com Heidegger o problema da realidade nos revela que:

Tanto a compreensão do senso comum quanto aquela da filosofia e das ciências, orienta-se, na maioria das vezes, a partir de uma experiência dos entes como coisas simplesmente dadas no interior do mundo. A determinação fundamental do ser é tomada como substancialidade, no sentido daquilo que subsiste em si mesmo. Toda tentativa de comprovação ou de negação de um “mundo externo” independente e subsistente por si, carece de uma tematização suficiente do nexos originário entre o ser-aí (*Dasein*) humano e o fenômeno do mundo. (SÁ, 2009: 63-74)

O homem, assim, é um ser-no-mundo. Diante de tal posicionamento, refletimos em que pode tal noção contribuir para o olhar clínico? Vejamos o que nos diz Sá acerca das contribuições heideggerianas ao campo da psicologia:

O fato de que a parte mais importante das influências do pensamento de Heidegger sobre a psicologia provenha da sua analítica da existência, elaborada em *Ser e Tempo*, e de que, nesse contexto, a analítica seja apresentada como uma ontologia fundamental que serviria de base para as ontologias regionais das ciências humanas, fortaleceu a idéia de que a relação essencial entre fenomenologia e psicologia seria a de fornecer um método mais adequado a esta última, concedendo-lhe assim um estatuto de

---

<sup>36</sup> Nas traduções das obras de Heidegger e na literatura em língua portuguesa de seus comentadores, *Dasein* é traduzido de diversas formas, sendo as mais usuais: ser-aí ou presença. Entretanto, mesmo contanto com as possibilidades de tradução optamos por não utilizar tais recursos mantendo o termo original.

<sup>37</sup> Ontológico refere-se ao ser. No caso da existência do homem, ao que é essencial ao seu ser, diferindo-o dos demais entes.

rigor científico, sem sacrificar a especificidade própria de seu objeto. (Sá em *Técnica, violência e poder: reflexões clínicas heideggerianas*)

Desta maneira, a analítica da existência realizada em *Ser e Tempo*, designa como *Dasein* o ente<sup>38</sup> que nós mesmos somos e que, diferentemente dos entes que não têm o modo de ser do homem, carrega o modo de ser da existência, não possuindo, portanto, uma essência determinada *a priori*, estando sempre em jogo no seu existir. Através da existência, o homem relaciona-se com o que vem ao seu encontro, constituindo-se em abertura, logo, em verdade e liberdade.

Entretanto, contrário ao modo de ser dos homens, existem ainda os demais entes compreendidos como entes simplesmente dados cujo modo de ser não se dá pelo modo da existência, como a mesa, a árvore e o livro, por exemplo. Por isso, o projeto de *Ser e Tempo* tem como tarefa inicial uma ontologia geral a analítica da existência, ou seja, a explicitação das estruturas existenciais do *Dasein*:

Caso a questão do ser deva ser colocada explicitamente e desdobrada em toda a sua transparência, a sua elaboração exige, de acordo com as explicações feitas até aqui, a explicação da maneira de se visualizar o ser, de se compreender e apreender conceitualmente o sentido, a preparação da possibilidade de uma escolha correta do ente exemplar, a elaboração do modo genuíno de acesso a esse ente. Visualizar, compreender, escolher, aceder a são atitudes constitutivas do questionar e, ao mesmo tempo, modos de ser de um determinado ente, daquele ente que nós mesmos, os que questionam, sempre somos. Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente – que questiona – em seu ser. Como modo de ser de um ente, o questionar dessa questão se acha essencialmente determinado pelo que nela se questiona – pelo ser. Designamos com o termo *presença* (*Dasein*) esse ente que cada um de nós mesmos sempre somos e que, entre outras coisas, possui em seu ser a possibilidade de questionar (HEIDEGGER, 2008a: 42)

A analítica, partindo de uma atitude fenomenológica, busca o acesso ao que se mostra a partir de si mesmo, e é hermenêutica, já que a descrição fenomenológica é sempre tematização de sentido, logo, interpretação. Desta forma, a analítica é denominada como ontologia fundamental, pois vem elaborar as condições de possibilidade de qualquer investigação ontológica. Segundo Sá (2009), Heidegger nos dirá que o problema da realidade foi compreendido de modo pouco claro com relação à colocação do problema do ser, uma vez que não podendo tratar desta questão de modo apropriado, deixa de levar em consideração a

---

<sup>38</sup> “Ente é tudo aquilo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos.” (HEIDEGGER, 2008a: 42)

análise da existência humana. O homem, existindo situado no tempo, desvela sentido às coisas, ao mundo e a si mesmo.

Desse modo, o homem ao se aproximar do ente, já se encontra desde sempre imerso no próprio ser, pois a proximidade do ser é ontológica, ou seja, antes do ente aparecer, o ser já se deu, já está lá presente para que tal aparição seja possível.

“O homem é o pastor do ser” (HEIDEGGER, 2005: 34), originariamente habita na verdade e em liberdade responsabilizando-se por sua existência que se dá em unidade com o mundo e com as coisas. A existência humana designa assim, relacionamento entre os homens e as demais entificações. O privilégio humano, entretanto, não se dá no sentido de um exercício de poder e dominação diante dos demais entes, mas sim de aceitação da existência que em abertura entrega-se ao pastoreio do ser.

Desta maneira, estamos e habitamos no mundo próximo ao que nos vem ao encontro, logo, junto às coisas e aos entes que carregam o mesmo modo de ser do homem. Habitamos junto à massa, ao que Heidegger chamou de impessoal, lançados no mundo e em dada facticidade, acabamos por fazer parte de um horizonte histórico, onde circunscrevemos e delimitamos espaços, territórios e culturas. Neste ponto, voltando brevemente nosso olhar para as práticas psicológicas clínicas, verificamos que ao longo do tempo acabamos por significar tradições, hábitos e costumes de um campo de saber:

A expressão “ser-no-mundo” revela a unidade estrutural ontológica do existir humano. A existência é “mundana”, co-originária ao mundo, diferenciando-se do modo de ser dos outros entes “intramundanos”, mas destituídos de mundo. Por exemplo, pedras e plantas estão no mundo, mas não têm mundo, isto é, não são abertura de sentido, não se podendo dizer delas que “existem”. O ente que é segundo o modo de “ser-no-mundo” não é encerrado em si mesmo com interioridade psíquica. (SÁ, 2009: 63-74)

Com isso, compreendemos que o homem é o único ente que carrega a possibilidade de abertura ao ser, pois é o único ente que fala e se interroga sobre si e sobre o mundo que o circunda; é o ente que possui consciência de sua existência e da dos demais entes. O *Dasein* é o único ente que experimenta o novo, sendo capaz de liberdade para realizar transformações, e ainda de repetir o que os outros já realizaram, caracterizando assim, seu modo de ser temporal e histórico:

*Dasein* é aquele ente que existe sendo sempre o seu já sido, a sua história, e aquele a quem falta ser. Faltar-lhe ser significa o seu ser incompleto (até que morra) e, ao mesmo tempo, significa que, por ser ele a ‘abertura’ em que se ‘dá’ ‘ser’, sempre há lugar para que nessa abertura continue a se dar a

‘doação’ de ‘ser’; para que, onticamente, mais coisas venham ao seu encontro. Se, por um lado, o acontecer das coisas tem a ver com possibilidades que se realizam e tornam mais plena a existência, por outro, o realizar-se de algumas possibilidades é exatamente perda (...) desabrigo, devedor, finito, angustiado, vivendo na falta, com as perdas, e, contudo, podendo responder ao chamado para ser mais propriamente si-mesmo e corresponder à sua destinação existencial, fazendo planos, alimentando sonhos, querendo ser feliz. Assim é o Dasein em sua indigência e potência de ser. Esse é o ser humano que esta junto a nós na terapia. (SAPIENZA, 2007: 42)

O homem desde sempre lançado num mundo que não foi escolhido por ele, submetido às contingências factuais, ou seja, sociais, políticas, culturais e históricas, recebe de Heidegger esta denominação exatamente por existir em um “aí”. O mundo co-originário ao *Dasein* se realiza por entes do modo de ser do homem, que em jogo através da existência, vão ao encontro de seu devir histórico e temporal, bem como pelos demais entes cujo modo de ser é simplesmente dado, e que, portanto, não são capazes de tematizações.

Desta forma, o homem em sua facticidade, ainda que isolado, é *ser-com* e *co-presença*, para o qual o sentido adquire uma conotação desveladora dos entes que lhe vêm ao encontro. Sendo assim, Heidegger utiliza a palavra “cuidado<sup>39</sup>” (*Sorge*) para expressar a característica ontológica da existência de ser desde sempre abertura de mundo na qual os entes têm o seu ser desvelado. O cuidado compreendido como um modo desvelador de sentido, onde sempre nos encontramos, possui relação direta com a verdade e a liberdade. Essa questão mereceria um aprofundamento, mas aqui diremos simplesmente que se reconhece que o cuidado designa o nível de estruturação do *Dasein* em suas relações:

O sentido do cuidado e/ou do cuidar integra antes de mais, o sentido do próprio existir humano. Cuidamos “naturalmente” de nós e dos outros, pelos simples facto de existirmos-com-o(s)-outros(s)-no-mundo. É por isso que criamos, a partir daí, contextos específicos destinados à sua valorização através de procedimentos “técnicos” concretos. Contudo, e a seu modo, todo o ser humano possui a capacidade do cuidado e/ou do cuidar. (PERDIGÃO, 2003)<sup>40</sup>

Dito isso, justificamos nosso olhar para as especificidades do território em que se situa nossa clínica na Vila do Pinheiro no conjunto de comunidades do Complexo da Maré, uma vez que aqueles que chegam à clínica partem de um território que a todos afeta. Portanto,

<sup>39</sup> Heidegger utiliza a palavra cuidado (*Sorge*: cura = cuidado) para designar o nível de estruturação do *Dasein* em qualquer relação, pois indica sua constituição ontológica. (Heidegger, 2008a, p. 565)

<sup>40</sup> Perdigão, A. C. A Ética do Cuidado na Intervenção Comunitária e Social: Os pressupostos Filosóficos. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/asps/v21n4/v2n>> Acesso em: 20/04/2010.

através deste modo de compreensão do homem, co-originário, tentamos compreender aqueles que chegam em busca de atendimento em nossa clínica situada.

Ser-no-mundo, desta forma, envolve a relação com os demais homens que dele também fazem parte (*ser-com*), como já pontuado. Esta experiência do homem com o mundo envolve: *disposição afetiva, compreensão e linguagem*, modos de ser possíveis somente ao *Dasein*. O filósofo denomina estes três aspectos da existência como existenciais. Desta maneira, o homem através de sua existência se mantém em jogo, podendo assumir diferentes tonalidades através de sua afetividade. A partir disto, mesmo não se restringindo a estados permanentes, mas ao contrário, indicando dinamismo, Heidegger destacará dois modos principais de existir do homem cujos modos de ser são: a *inautenticidade* e a *autenticidade*.

Ao experimentar no mundo relações afetivas junto aos demais entes, o homem, ansiando por aceitação, manifesta sua fala como *falatório*, que por sua vez, vem designar o que Heidegger chamou de modo *inautêntico*. Neste modo, o homem não fala o que é mais próprio, visto que esta questão quase sempre não é refletida, mas simplesmente repete falas alheias e anônimas. Na clínica essa forma de expressão é bastante corriqueira, através de expressões vagas como “dizem” ou “todo mundo”, as quais expressam sentimentos de pertencimento a um determinado grupo ou exime de responsabilidade quem as pronuncie.

Heidegger (2008a) nos dirá que o homem, apesar de carregar a possibilidade de assumir a si mesmo apropriando-se de seu existir, de início e na maior parte das vezes, encontra-se no mundo mergulhado na impessoalidade, configurando, desta maneira, sua existência. Em sua contidianeidade, o *Dasein* absorvido pelos afazeres diários, experiência sua existência no mundo de modo pouco reflexivo. Trabalhamos, habitamos, pensamos e nos relacionamos como impessoalmente se faz. Contudo, isto não quer dizer que sejamos permanentes, inconstantes ou que invalidamos possibilidades de experimentar existências mais singulares. O homem na existência tende à abertura, como também, ao fechamento.

Diante da dificuldade de respondermos se estamos vivendo de modo autêntico ou inautêntico, próprio ou impróprio, nos ocupamos com afazeres diários, acreditando que assim seja possível aplacar a angústia mediante à constatação da incerteza, da finitude e do não controle. Frente ao clamor que solicita apropriações, acabamos por negligenciar a noção de responsabilidade e delegamos ao mundo e às ciências naturais nossos posicionamentos irrefletidos.

Assistimos a configuração de um impessoal legitimado pela ciência que pontua experiências ônticas<sup>41</sup>, que por sua vez tomam o homem como um ser invariável e constante. Desta forma, por tudo que já nos foi possível refletir até aqui, na contra-mão de tais possibilidades, Heidegger (2008a) se posicionará frente a estas perspectivas, denominando-as de substancialistas que acabam por aprisionar o homem há um tempo compreendido como natural e linear.

O tempo heideggeriano não se dá como uma entidade simplesmente dada que apartada do horizonte de sentido do homem é tomado como um fenômeno subjetivo, psicológico e linear, como já mencionamos acima. A experiência cotidiana que fazemos do tempo e pela qual perguntamos a toda a hora, é compreendida como uma seqüência ininterrupta de instantes, onde só é possível compreender o que os relógios e os calendários nos informam, por possuímos um entendimento prévio do que seja o tempo. Nossa experiência com o tempo é sempre com relação há um tempo para, ou seja, um tempo propício para alguma coisa:

Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa: Tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para bailar. Tempo para atirar pedras e tempo para recolher pedras. Tempo para abraçar e tempo para se separar. Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para calar e tempo para falar. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz. (Eclesiastes, 3.1-8)

O tempo que se difere do cronológico não se separa da existência. Tal constatação nos possibilita compreender a existência como finita, ou seja, ela passa. Ao possuímos um passado, um presente e um futuro que se desvela a cada instante, nossa experiência com o mundo se mantém em jogo, nossa abertura está desde sempre livre e em articulação com o que Heidegger (2008a) denominou de *vigor de ter sido* (passado), *atualidade* (presente) e *porvir* (futuro). A inseparabilidade da existência e do tempo possibilita configurar outro modo de compreensão acerca do homem.

Sendo assim, guiando-se pela questão levantada, ou seja, pela inseparabilidade de *Ser* e *Tempo*, Heidegger (2008a) aponta a diferença entre *ser* e *ente* e encontra o ponto orientador para suas reflexões acerca da compreensão sobre o sentido do ser.

---

<sup>41</sup> Entendemos o pensamento ôntico como aquele que diz o que é o ente objetivamente através de categorias inerentes ao sujeito humano. (CABRAL, 2009, p, 31)

Ao pensar o homem, norteador-se por sua própria questão que é a do sentido do ser, Heidegger (2008a) romperá com determinações psicológicas e ou antropológicas que sem nenhuma restrição essencializaram o homem, e a este subordinaram os demais entes. Esta postura acaba, ainda, determinando o homem como um ente simplesmente dado, ao acreditar em possíveis predicções como: animal racional; sujeito pensante; complexo de forças; inconsciente dentre outros. Diante de tais denominações o homem é tomado apenas por perspectivas parciais:

Em geral, pode-se definir a ciência como o todo de um conjunto de fundamentação de proposições verdadeiras. Essa definição não é completa nem alcança o sentido de ciência. Como atitude do homem, as ciências possuem o modo de ser desse ente (homem). Apreendemos terminologicamente esse ente como presença (Dasein). A pesquisa científica não é o único modo de ser possível desse ente e nem sequer o mais próximo. Ademais, se comparado a qualquer outro, a presença é um ente privilegiado. (HEIDEGGER, 2008a: 47)

Tomado como se fosse um “é”, o homem acaba por ser apartado de sua co-originariedade com o mundo e com o tempo. Engessado em sua existência, acaba por cair em modelos padrões de subjetividades. Acreditamos, entretanto, que não era a intenção de Heidegger invalidar tais posicionamentos, muito embora o filósofo tomasse tais leituras como parciais ao partirem de modelos científicos acerca do ser do homem. Assim, pensamentos tomaram desvios e atalhos e acabaram por confundir ôntico com ontológico, confusão na qual o campo do saber psicológico também se encontra capturado.

Sendo assim, o problema do pensamento ôntico é que ele se tornou cego diante daquilo que é sua condição de possibilidade, ou seja, a abertura. Através da abertura não se pode negar que sempre haverá a caminho algo que ainda não foi pensado acerca de tudo que onticamente se pensa. Portanto, isto que foge ao pensamento ôntico que não se pode compreender através de nenhum ente determinado é compreendido por Heidegger (2008a) como nada. Isso quer dizer que, na origem de todo pensamento ôntico ou representativo, há um mistério do próprio real em relação a tudo que representa. O ser é o nada e nesse sentido é dizer que ser não é nenhum ente.

Rompemos desta forma, com uma compreensão de sujeito encapsulado que se apresenta através de estruturas psíquicas determinadas e associadas a uma permanência temporal. Em Heidegger (2008a) a concepção de homem configura-se a partir da existência, que por sua vez desconstrói noções subjetivas e explicações causais acerca de um determinado sujeito. O homem compreendido como abertura de sentido já não pode mais ser

tomado como causalidade, determinismo, previsibilidade e controle, não se deixando, assim, substancializar. Compreendendo o homem como abertura, como devir, o poder-ser do homem no tempo é possibilidade de sentido, e é em última instância verdade e liberdade.

Deste modo, nos confrontamos com verdades, vislumbramos resquícios de liberdade diante das restrições não só factuais que estão “por aí”. Porém, mesmo tendendo ao fechamento deixando-se capturar pelo impessoal, o modo de ser do homem não se dá somente no impróprio. Às vezes, confrontados por certo estranhamento, o homem se depara com a possibilidade de questionar sua existência, bem como a existência das coisas e do mundo em busca de sentido, esbarrando com incertezas e mistérios apesar dos esforços de controle como bem retrata a era da técnica<sup>42</sup>.

Ao questionarmos verdades perguntamos por liberdade, nos deparamos com limites e possibilidades que se desvelam através de queixas cotidianas presentes nas dores existenciais, tais como: o medo, a angústia e a depressão – modos de ser ônticos do homem ao qual Heidegger chamou de *Dasein*.

Atendendo nosso propósito, o *Dasein* é o principal conceito de *Ser e Tempo*, e embora posteriormente tenha sido deixado de ser utilizado por Heidegger, se mantém como uma das noções de maior importância em seu pensamento. Além do importante papel no tratado, o *Dasein*, proporciona ainda, o deslocamento do conceito clássico de verdade e de sua correlação com a noção de liberdade, cujas noções são importantes ao âmbito da clínica.

---

<sup>42</sup> Para o sentido de Técnica que utilizamos, recomendamos HEIDEGGER, M. A Questão da Técnica. In: Ensaios e Conferências, 2008b.

### 3.2 – DASEIN COMO VERDADE E LIBERDADE

“A essência da verdade é a liberdade”  
HEIDEGGER<sup>43</sup>

Verdade e liberdade são dois temas que se encontram e se articulam no pensamento heideggeriano. Desta forma, partindo da noção de homem concebida como *Dasein*, tal como nos apresentou Heidegger, buscaremos refletir como essas noções inauguram importância para uma prática clínica que se pauta através deste modo de olhar.

Em *Ser e Tempo*, tratado de 1927, Heidegger nos apresenta a noção de verdade no § 44, enquanto a noção de liberdade está presente durante toda sua obra relacionada à questão da existência que se coloca como abertura de sentido, ou possibilidade de ser. As reflexões heideggerianas se mostram e se complementam no percurso de toda uma vida dedicada ao pensamento. Desta maneira, posteriormente no ensaio *Ser e Verdade* de 1933, Heidegger recorrendo aos gregos, como de costume, retoma Platão em *Alegoria da Caverna* da obra *A República* e desconstrói o conceito tradicional de verdade nos falando a respeito de duas concepções de verdade que surgiram entre os gregos: a verdade como *correção* e a verdade mais originária como *desencobrimento* (aletheia). Assim, em *Ser e Verdade*, Heidegger aprofunda alguns pontos já abordados em *Ser e Tempo* e novos aspectos da questão são apresentados.

Segundo Nascimento (2005) etimologicamente *alétheia* é uma palavra formada pelo *alpha* privativo grego, designando a negação, que serve de prefixo ao termo *lethe*, significando véu, encobrimento. Alétheia significa: desvelamento; descobrimento; retirada do véu. Sendo assim, verdade adquire um sentido primordialmente ontológico, significando o mostrar do ser.

Segundo Heidegger (2007), quando Platão descreve o processo de libertação do prisioneiro na *Alegoria da Caverna*, demonstra como este, ao se libertar, sente-se desorientado por conta do confronto direto de sua visão em direção ao fogo, e em seguida da luz do mundo externo que o ofuscava. Desta forma, uma das possibilidades de interpretação que a alegoria nos apresenta vai no sentido de que primeiro, se faz necessário, que o prisioneiro possa adequar sua visão a nova realidade, para que assim, então, veja

---

<sup>43</sup> Heidegger, M. Sobre a Essência da Verdade. In: Conferência e Escritos Filosóficos/ Martin Heidegger (Coleção: Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 160.

corretamente. Esta noção de correção inaugura, portanto, de acordo com Heidegger, uma tradição de pensamento que acabou por ocasionar o esquecimento do sentido originário da revelação do ser.

Ao nos apresentar sua releitura acerca da noção de verdade, articulada à noção de liberdade em *Alegoria da Caverna*, Heidegger nos diz que esta situação é experienciada cotidianamente pelo homem, ou seja, é possível contextualizar e ilustrar tal alegoria com nossas experiências diárias:

Esta situação é a situação cotidiana do homem, não é uma falta, exclusão ou exceção, mas é a situação do homem em todo dia, na medida em que esta entregue ao falatório e á conversa mole, abandonado ao usual, ao imediato, ao cotidiano, ao que é corriqueiro. No cotidiano, o homem esquecido de si mesmo se perde no atropelo das coisas. (HEIDEGGER, 2007: 143)

Sendo assim, ao perguntar sobre o que é verdade, somos convidados a refletir que: “se quisermos agora apreender a essência da verdade, isto é, alcançá-la, então isso significa: temos de fazer a experiência e provar, agindo, quanta verdade nós carregamos e suportamos” (Ibid.: 102). Seguindo as pistas do filósofo, para quem pretende refletir acerca da verdade e posteriormente destacar sua importância ao campo da clínica e articulá-la à questão da liberdade se faz necessário, antes de tudo, compreender o conceito corrente de verdade que se apresentou ao longo da história. Heidegger, assim, ao iniciar sua reflexão acerca da verdade, pergunta primeiramente por sua essência.

Entretanto, ao fazer isso, mesmo partindo de posicionamentos já inaugurados pelo campo filosófico, o filósofo os manteve em suspenso para que, desta maneira, preocupações acerca de verdades pontuadas pelo senso comum ou pelo meio científico como verdades da reflexão técnica, teórica e até mesmo meditações filosóficas e teológicas, não interferissem em seu questionamento pela essência da verdade. Afastando-se destas noções, Heidegger (2007) pode perguntar pela essência da verdade, abrindo, ou melhor, retornando a um caminho que conduz a verdade enquanto tal.

Contudo, perguntamos se não poderia o questionamento heideggeriano nos conduzir na direção de abstrações que, por sua vez, sugerem que a questão da essência não se apóia na realidade? Que importância teria para nós a questão da essência da verdade, que através de um pensamento aparentemente abstrato se afasta de tudo aquilo que concebemos como realidade? A reflexão, entretanto, levantada por Heidegger, volta-se para o real, aspirando antes de tudo contato com uma verdade mais originária, ou seja, mais essencial, longe de verdades impostas. Este caminho, apesar de parecer aos nossos olhos abstrato e de difícil

compreensão, é uma possibilidade essencial e, portanto, capaz de oferecer uma contra partida frente ao falatório das opiniões e do cálculo.

O senso comum, ao realizar suas necessidades e defender, por assim dizer, seus interesses, vem ditando modos de ser ao homem. Não é tarefa fácil invalidá-lo, mesmo diante de reflexões mais originárias acerca da verdade. Como já compreendemos com o filósofo, o senso comum está no modo do impessoal, onde nos movimentamos na medida em que acreditamos na segurança de diversas verdades da experiência vivida de acordo com teorias e técnicas, bem como certezas do âmbito da fé.

Porém, mesmo diante de tais circunstâncias, participamos do incomodo do que é evidente e por vezes olhamos para o que clama por questionamento. Justificamos, assim, a pergunta pela verdade e constatamos nossa preocupação ao clamarmos por ela. Contudo, se faz necessário sabermos de onde partimos para assim, atender o clamor da verdade como desvelamento. Devemos antes, compreender afinal os significados da verdade, retirando a questão da verdade das malhas do sendo comum e de tradições cuja compreensão tornava óbvia sua essência, Heidegger, motivado pela realização do *Dasein*, ressuscita o seu mistério.

Portanto, a palavra verdade tão originária e ao mesmo tempo tão gasta, em Heidegger vem designar o que constitui o verdadeiro enquanto verdadeiro. Mas o que é ser verdadeiro? O filósofo ao traçar uma analogia entre o real e o irreal nos conduz ao encontro de uma das possíveis compreensões. Ao dizermos: “É uma verdadeira alegria colaborar na realização desta tarefa” (HEIDEGGER, 1999: 155) estamos nos referindo a uma alegria pura, logo, real. O verdadeiro aqui se caracteriza como real.

Heidegger (1999) a fim de nos facilitar uma melhor compreensão, nos apresenta ainda outra analogia, onde tomando o exemplo do ouro verdadeiro em contraposição ao falso, nos possibilita refletir que aquilo que se aparenta, tratando-se apenas de uma aparência, é irreal. O irreal passa a ser, portanto, o oposto do real. Contudo, mesmo diante do ouro falso, este não deixa de ser, algo real. Podemos, assim, observar na analogia do ouro, que o ouro real é autêntico, mas entre autêntico e falso, ambos são reais, pois o ouro autêntico não o é nem mais nem menos que o ouro falso. Sendo assim, o verdadeiro do ouro autêntico não poderia ser simplesmente evidenciado através de sua realidade.

Segundo o filósofo, a questão retorna quando surge o questionamento sobre o que significa autêntico e verdadeiro. O ouro autêntico é aquele ouro real, cuja realidade consiste na concordância com aquilo que constantemente compreendemos como ouro dizendo que o contrário, ou seja, onde presumimos que haja ouro falso se questione: “Aqui algo não está de acordo” (Heidegger, 1999, p. 155).

Aprofundando o que fora dito anteriormente, não se pode designar como verdadeira apenas uma alegria real ou o ouro autêntico ou qualquer coisa do gênero, mas antes, compreender que o que se caracteriza como verdadeiras ou falsas são nossas enunciações sobre as coisas que, de acordo com sua natureza, podem ser autênticas ou inautênticas como também, desta ou daquela maneira. Assim, uma enunciação é verdadeira quando aquilo que ela enuncia está em conformidade com a coisa falada. Porém, o que agora está de acordo não é a coisa, mas sim o que se enuncia. Portanto, quer o verdadeiro se refira a uma coisa verdadeira ou a uma enunciação verdadeira, ele é aquilo que está em conformidade, logo, que concorda. Verdadeiro e verdade neste sentido, significam estar de acordo através de dois modos: a *concordância* entre uma coisa e o que dela previamente se presume e a *conformidade* entre o que é significado pela enunciação e a coisa. Este duplo sentido da concordância traz à luz a definição tradicional da essência da verdade como *veritas* que designa a verdade como *adequação* da coisa com o conhecimento, podendo ser tomada ainda, como a *adequação* do conhecimento com a coisa:

“(...) a definição tradicional da essência da verdade: *Veritas est adaequatio rei et intellectus* (...) pode significar: Verdade é a adequação da coisa com o conhecimento. Mas pode se entender também assim: Verdade é a adequação do conhecimento com a coisa. Ordinariamente a mencionada definição é apenas apresentada pela fórmula: *Veritas est adaequatio intellectus ad rem*. Contudo, a verdade assim entendida, a verdade da proposição, somente é possível quando fundada na verdade da coisa, a *adaequatio rei ad intellectum*. Estas duas concepções da essência da *veritas* significam um conformar-se com... e pensam, assim, a verdade como conformidade. (HEIDEGGER, 1999: 156)

Segundo Sá (2009) “o conceito tradicional de verdade como adequação parte, portanto, da experiência do ser como simplesmente dado e procura pela concordância entre um juízo ‘interior’ ao sujeito e a coisa em si ‘exterior’ a que o juízo se refere”.

A questão que aqui se coloca de acordo com Heidegger, é que tal conceito de verdade é universal na medida em que desconhece a condição de possibilidade dos entes. Se a noção tradicional de verdade é presente ao juízo, como pode este concordar com o ente, uma vez que, são diferentes? Sendo a concordância uma relação, mas nem toda relação há uma concordância, como dizer que *intellectus* e *res* que são diferentes em suas propriedades possam concordar entre si? Tais questionamentos nos fazem supor que haja uma perspectiva cuja realidade concorde juízo com intelecto.

Tal perspectiva se dá através de um horizonte de sentido que possibilitará que juízo e intelecto concordem, sendo a condição de possibilidade de toda predicação possível. Assim,

na origem deste horizonte que leva o juízo a ter um caráter verdadeiro ou falso é o próprio ser-no-mundo que desvela os entes do real, possibilitando que, num modo próprio de aparição, o real entre em concordância com o juízo e com a coisa. Este desvelamento é o que funda o conceito tradicional de verdade e justifica a compreensão de Heidegger de verdade como *alétheia*. Assim, esta compreensão pressupõe que ser-no-mundo ou *Dasein*, está na verdade do desvelamento do real:

A partir da fenomenologia de seu mestre Husserl, Heidegger compreendeu que a doação dos fenômenos poderia ser considerada como o redescobrimto do traço fundamental do pensamento grego: *aletheia* (desvelamento). Para ele, esta palavra, que foi traduzida para o latim como *veritas*, não possuía o sentido primordial de adequação, conforme veio a se tornar o sentido hegemônico do termo verdade. A verdade da proposição não estaria na concordância entre dois entes simplesmente dados, um sujeito e um objeto. A verdade da proposição não significa que ela re-presenta, antes apresenta o ente, traz à presença, deixa surgir à coisa diante de nós enquanto coisa desvela o ente em seu ser. A verdade enquanto tal não esta em primeiro lugar na proposição mesma e sim na abertura de sentido em que se articulam as palavras e as coisas. A verdade enquanto adequação e verdade como desvelamento não são, portanto, duas concepções distintas e paralelas de verdade. A primeira só é histórica e existencialmente possível porque se funda ontologicamente na segunda; no conceito de adequação já está pressuposto o desvelamento. (SÁ, 2009: 63-74)

Dizer que o *Dasein* é na verdade não significa que ele tudo saiba ou domine, mas que originariamente é abertura, ou seja, possibilidade de ser. Assim, o próprio mundo dado ao *Dasein* confere ao real o que ele é. Desta maneira, sua abertura constitutiva é a própria verdade (alétheia), portanto, ser *Dasein* é mover-se na verdade:

Por isso, somente com a abertura da presença (*Dasein*) é que se alcança o fenômeno mais originário da verdade. O que antes se demonstrou quanto à constituição existencial do pre e com referencia ao seu ser cotidiano referia-se ao fenômeno mais originário da verdade. Sendo essencialmente a sua abertura, abrindo e descobrindo o que se abre, a presença é essencialmente “verdadeira”. A presença é e está “na verdade”. (HEIDEGGER, 2008a: 291)

A noção de verdade, portanto, como alétheia acontece no vigor do cuidado, logo, toda verdade dá-se através dos existenciais: *existência*, *facticidade* e *decadência*. Desta forma, sendo possibilidade de ser, o *Dasein*, ou seja, o homem através de sua facticidade possibilita que a verdade apareça sempre em um dado mundo, nos permitindo concluir que ela é sempre factual. De acordo com Sá (2009) “ser verdadeiro é, primeiramente, ser desvelador e este é

um caráter existencial do ser-no-mundo, somente por isso, a verdade e a não verdade pertencem igualmente à facticidade da existência”.

Portanto, em decorrência de sua compreensão existencial, o homem partindo de onde se encontra, pode, ainda, de modo decadente restringir suas possibilidades de ser, limitando, desta maneira, sua liberdade. Por conta da decadência, o real tende a dar-se de modo impróprio, ou seja, velado, onde a compreensão é norteadada pelo impessoal. Contrária, a compreensão autêntica que gera verdade, a decadência gera não-verdade. Ser na verdade e na não-verdade é o destino do *Dasein*. Tal afirmativa significa dizer que não há desvelamento total do real, como quis afirmar a tradição. O conceito de verdade em Heidegger segundo Cabral (2009: 92) abarca “disputa” e “tensão” inerentes à verdade e à não-verdade. Nesse sentido, como que em um jogo de conquista e reconquista, o real se desvela.

Sendo assim, o homem através de seu comportamento, funda um horizonte de sentido onde o real se dá. Este horizonte deve permitir ainda que o *Dasein* se mantenha livre para se relacionar com os entes que vem ao seu encontro, pois se não fosse assim, não haveria enunciação, logo, não haveria verdade enquanto desvelamento. Desta forma, somente diante da noção de liberdade entrelaçada a noção de verdade é possível que se dê a concordância:

A vinculação heideggeriana entre o homem e a compreensão do ser, não pretende subordinar esta ao homem, ao contrário, trata-se antes de desembaraçar a compreensão do que é o homem de qualquer determinação metafísica, teológica, biológica ou psicológica. A terminologia de *Ser e Tempo* que reserva a palavra ‘existência’ para designar o modo de ser do homem, tem exatamente este objetivo. A expressão ‘apenas o homem existe’ quer dizer que ele é o ente que está sempre ‘fora’ de si mesmo, junto aos outros entes, aberto e exposto ao ser. Conforme já dissemos, os demais entes, como as pedras e as plantas estão encerrados ‘dentro’ de si mesmos, não são abertos para o mundo enquanto tal e nem capazes de iluminar a si mesmo como entes. Dizer que o ser-ai humano é ‘abertura’ significa que ele é livre (aberto) para o ser e liberta (abre) co-originariamente o ser dos entes. ‘Aquilo que torna intrinsecamente possível a conformidade, se funda na liberdade. (SÁ, 2009: 63-74)

A liberdade, portanto, é a própria essência da verdade, sendo a condição de possibilidade de toda adequação entre a proposição e a coisa. É nesse sentido que Heidegger nos dirá que “a essência da verdade é a liberdade”. (Heidegger, 1999, p, 160)

Deste modo, através da existência, o homem, tanto pode deixar o ente se desvelar no que ele é quanto no que ele não é velando-o:

O desvelamento cotidiano dos entes no modo da ocupação utilitária é acompanhado de um velamento do ente em sua totalidade, um velamento do

ser. O desvelamento dos entes mantém mesmo, em sua origem, uma relação essencial com o velamento e a dissimulação do ser. Deixar-se absorver cotidianamente pelos entes que nos vêm ao encontro no mundo e afastar-se do mistério do ser são no fundo o mesmo acontecimento. (SÁ, 2009: 63-74)

A essência da verdade se desvela como liberdade, esta por sua vez, caracteriza-se como o deixar-ser<sup>44</sup> (*ek-sistente*) ao desvelar o que nos vem ao encontro. O homem compreendido como *Dasein* através de seu comportamento aberto se movimenta no deixar-ser dos entes e se relaciona com este ou aquele ente em particular, ou seja, “a liberdade em face do que se revela no seio do aberto deixa que cada ente seja o ente que é” (HEIDEGGER, 1999: 161). A liberdade, assim, coloca previamente o comportamento do homem em harmonia com o ente na medida em que possibilita o desvelamento deste em sua totalidade:

A reflexão sobre o laço essencial entre a verdade e a liberdade nos leva a perseguir o problema da essência do homem, dentro de uma perspectiva que nos garantirá a experiência de um fundamento original oculto do homem (do ser-aí) e isto de tal maneira que esta reflexão nos transporta primeiramente para o âmbito onde a essência da verdade se desdobra originariamente. Também a partir deste fundamento se mostrará: a liberdade somente é o fundamento da possibilidade intrínseca da conformidade porque recebe sua própria essência da essência mais original da única verdade verdadeiramente essencial. (ibid.: 161)

A noção de liberdade, portanto, não se deixa conhecer através de vivências, tais como estado de alma ou livre arbítrio. Para Heidegger (1999), “a liberdade não é somente aquilo que o senso comum faz com facilidade circular sob tal nome” (p. 161), em que todo o pressuposto de liberdade considera o homem como algo simplesmente dado que concebe a idéia de liberdade como propriedade de um sujeito formulada pela tradição e pela ciência que acaba por desviar a noção de liberdade de sua essência, velando seu sentido originário.

Ao homem, é possível ir ao encontro da noção de liberdade desveladora de sentido junto ao ente em sua totalidade. Desta forma, a própria alétheia vem a ser esta liberdade, ou seja, a verdade enquanto desvelamento da totalidade do real. Em Heidegger, ao olharmos para o homem como *Dasein*, compreendemos a liberdade como um modo de ser do homem.

Com isso, o nivelamento simplista dos entes como simplesmente dados através do domínio e do interesse da técnica, na medida em que as coisas se deslocam numa agitação sem fim, é que se torna superficial. A revelação do ente desaparece na aparente falta de

---

<sup>44</sup> “O deixar-se, isto é liberdade, é, em si mesmo, exposição ao ente, isto é ek-sistente” (Heidegger, 1999, p.161)

credibilidade daquilo que nem mesmo podemos chamar de indiferente, mas que acaba apenas nos conduzindo ao esquecimento. Desta maneira, entendemos que a proposta heideggeriana não se pauta em abstrações inerentes ao seu pensamento, mas antes, nos convida a nos relacionarmos com o real de modo mais atento, nos proporcionando um contato mais originário com as noções de verdade e liberdade. Tal importância tem reflexo direto no âmbito da clínica.

Assim, o comportamento do homem é perpassado pela liberdade que se origina no desvelar do ente em sua totalidade. A expressão “em sua totalidade” vem designar o que aparece. Contudo, não se deixando capturar a partir do ente que se manifestou, quer pertença à natureza ou à história, pois ainda que “em sua totalidade” a tudo perpasse constantemente, permanece não determinado e indisponível diante da abertura de sentido conferido ao modo de ser do homem:

Pelo fato de todo comportamento humano sempre estar aberto a seu modo de se pôr em harmonia com aquilo a que se refere, o comportamento fundamental do deixar-ser, quer dizer, a liberdade, lhe comunicou como dom a diretiva intrínseca de conformar sua apresentação ao ente. O homem existe significa agora: a história das possibilidades essenciais da humanidade historical se encontra protegida e conservada para ela no desvelamento do ente em sua totalidade. (HEIDEGGER, 1999: 163)

Desta forma, todo o comportamento humano percebido, compreendido ou não, está apto à liberdade para ir ao encontro do que está próximo e em sua totalidade. O grau de revelação do ente em sua totalidade não coincide com a soma dos entes realmente conhecidos, mas ao contrário: ali onde o ente é pouco conhecido, sua revelação em sua totalidade pode imperar de maneira mais essencial. O que é conhecido é constantemente ofertado através do conhecimento.

Desta forma, o simplesmente correto ainda não é o verdadeiro, pois somente este poderá nos conduzir a uma atitude livre com aquilo que, a partir de sua própria essência, nos diz respeito, nos faz sentido. Assim, observamos que embora a adequação seja uma determinação do senso comum ou da ciência, esta, por sua vez, não nos mostra a sua essência. Para chegarmos à essência daquilo que nos vem ao encontro ou ao menos a seus arredores, temos de procurar o verdadeiro através e a partir do correto, ou seja, partindo dele quando necessário, mas indo sempre além dele.

Heidegger partindo do conceito clássico de verdade, que se apóia na idéia de adequação e que é expressa através do juízo, chega à abertura do Dasein também como

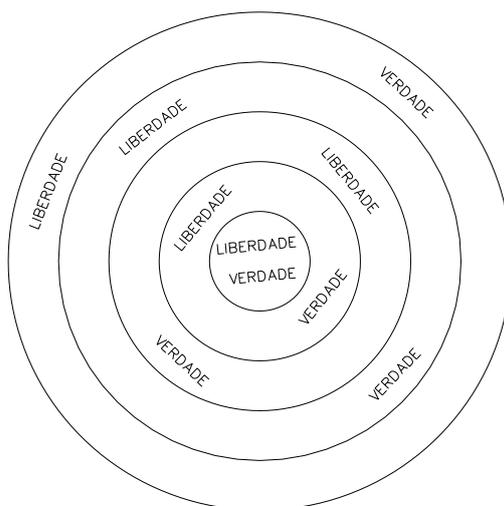
fundamento possibilitador da adequação, onde o antigo lugar da verdade estaria desde sempre enraizado na abertura do *Dasein*, que por sua vez se dá através de comportamentos ou modos de ser.

Portanto, *Dasein* é desde sempre experiência, e esta faz com que ele seja o que é. Experiência é possibilidade de construir modos de ser. Assim, o *Dasein* é liberdade e por sua abertura de sentido seu modo de aparecer é fruto desta dimensão. No envio ou na destinação de seus limites e possibilidades o *Dasein* pode ser de modo autêntico ou inautêntico, já que esses modos de ser são decorrentes da existência do próprio *Dasein* e assim, o conduz à disposição afetiva que o projetará na compreensão de sua facticidade que pode ser compreendida como restritiva ou como possibilidade. Se a experiência é algo que se apropria do *Dasein*, este pode ser tomado de outra forma, ou seja, mantendo-se no envio ou destinação de uma possibilidade de ser no limite desta mesma possibilidade:

Deve-se ainda mencionar que, também na experiência, fala uma característica que vimos ser própria da compreensão: a intencionalidade. Por isso, experiência diz: o ser tomado, afetado ou tocado pelo envio (ou viagem) de uma possibilidade de ser, mantendo-se no limite desta possibilidade e deixando com que tal possibilidade se intensifique, isto é, cresça. (CABRAL, 2009: 71)

Neste sentido, a experiência do *Dasein* dá-se de modo apropriado, ou seja, diante da intensidade de uma possibilidade de ser, resulta o apropriar-se de sua existência. Logo, o homem em liberdade configura sentido a sua história. Sendo tal noção de fundamental importância ao âmbito da clínica.

Para nos ajudar na compreensão das noções de verdade e liberdade que propomos aqui e que são relevantes ao campo da clínica, recorreremos a uma pequena ilustração, com o mero intuito de auxiliar a visualização gráfica da noção de verdade e liberdade. Com o auxílio de um círculo, Pompéia (2004) ilustra as noções de verdade e liberdade em relação à existência que se dá através da ampliação de sentido. O círculo nos possibilita, assim, demonstrar nossa proposta que difere de noções de meta, continuidade e linearidade:



A ampliação do círculo, portanto, não anula os círculos menores, mas os abarca. Tal noção é proposta da clínica que concebe o homem como *Dasein* que, em busca de sentido, chega aos consultórios e no caso de nossa clínica na comunidade, são aqueles atravessados pelo impessoal específico do território que aparentemente tudo domina, restringindo.

Contudo, compreendemos que a experiência do *Dasein* que ali habita também, pode ser compreendida através de outro modo de olhar o homem que em envio ou a destinação é lançado à possibilidade de ser no limite e na restrição desta mesma possibilidade. Assim, tudo o que já fora vivido no tempo não se separa da existência o que nos possibilita compreendê-la como finita. Possuidores de uma relação de sentido com o tempo que acontece a cada instante, nossa experiência com o mundo se matem em jogo, estando desde sempre na verdade e na liberdade. Nossa abertura amplia-se como ilustrada no círculo, nada deixando para trás ou para fora deste, à inseparabilidade da existência e do tempo possibilita configurar outro modo de compreensão acerca do homem.

Ainda nesta perspectiva, segundo Sá (2009), para Boss a motivação essencial da clínica é a busca da ampliação da liberdade humana, que pressupõe uma compreensão próxima daquela tematizada na analítica da existência, onde ser homem é existir na abertura de sentido não se restringindo.

No âmbito da clínica o que está essencialmente em jogo é a liberdade da existência e a verdade enquanto desvelamento e não aquela da representação mais adequada às coisas em si que se funda na ausência de liberdade através do modo encoberto. A verdade daquilo que tomamos cotidianamente pela realidade em si depende do grau de nossa liberdade:

Raramente alguém diz que resolveu seu sofrimento na psicoterapia no mesmo sentido em que solucionou seus problemas no médico, no advogado

ou no consultor financeiro. O que se quer dizer, geralmente, é que se ficou ‘livre’ do sofrimento, não no sentido de se livrar de suas supostas causas objetivas, mas porque, a partir de um outro modo de ‘ver’, se estabeleceu uma nova relação com as coisas e situações que eram tidas como as suas causas. O que se passa aqui é uma ampliação do campo existencial de sentido. Isto jamais deve ser confundido com mero conformismo diante do inevitável, ao contrário, quando percebemos a co-emergência entre realidade e o ‘olhar’ que a desvela, o ser-homem como ‘cuidado’, tornamo-nos mais livres e ativos que o ativista reativamente dependente daquilo que precisa mudar objetivamente (...) Um psicólogo não abordará uma questão relativa à corporeidade do mesmo modo que um nutricionista. (SÁ, 2009: 63-74)

Portanto, segundo Sá (2009) quanto mais livres somos para escutar aqueles que nos procuram, mais teremos “a impressão de que perspectivas aparentemente antagônicas, no fundo, têm quase sempre suas razões e revelam aspectos possíveis da situação”. A questão se coloca, entretanto, na limitação das verdades do que em sua inadequação a uma suposta realidade objetiva:

O desvelamento dos entes no aberto do mundo é um traço ontológico do ser-*ai* humano, aquele que Heidegger denominou como cuidado. A existência, como modo de ser do homem, caracteriza-se por ser originariamente apropriada pela verdade como desvelamento. Esta compreensão de verdade, como correspondência desveladora do que nos vem ao encontro no mundo, encontra-se, assim, em íntima conexão com a liberdade. O quanto uma existência pode deixar vir à luz em sua abertura de mundo, nunca depende apenas da investigação de fatos e de raciocínios lógicos, mas, essencialmente, do quanto é livre. Nas práticas psicoterapêuticas de inspiração fenomenológico-existencial, estas concepções de verdade e liberdade trazem conseqüências fundamentais. Todos os fenômenos abordados pelo campo da psicopatologia interessam à clínica fenomenológica enquanto restrições do livre âmbito de poder-ser que caracteriza ontologicamente o ser-*ai* (Dasein). A Verdade em jogo na relação clínica não é a verdade impessoal da representação correta, mas os modos de desvelamento de sentido que a existência realiza enquanto abertura e suas restrições. As estruturas de sentido que geram sofrimento não são corrigidas através de concepções mais adequadas à realidade. O que produz sofrimento não é a sua incorreção lógica ou factual e, sim, a redução de possibilidades de sentido que impõem ao campo existencial, isto é, a restrição da liberdade. (SÁ, 2009: 63-74)

Entretanto, achamos importante ressaltar antes de passarmos ao próximo capítulo que, este modo de compreensão acerca do homem, não tem a pretensão de negar objetivações científicas ou do sendo comum acerca da existência humana como se fosse algo inadequado ou impróprio. Porém, o que se pretende trazer à reflexão é o não perder de vista do sentido de verdade do qual também a ciência e o sendo comum são dependentes cuja verdade é desvelamento e sua essência é a liberdade.

## CAPÍTULO IV: COMUNIDADE, CLÍNICA E LIBERDADE

*Difícil*

*Conjugar a vida*

*Separar*

*Cicatriz e ferida*

*E engolir*

*O comprimido do tempo*

*Que alguém*

*Nos enfiou*

*Goela adentro*

*Haja Deus*

*Pra tanto mistério*

*Filhos teus histéricos*

*Dão voltas*

*Pelo mundo*

*Redondo*

*Pronto*

*Pra nos confundir*

*E nós*

*Bando*

*De tantos tontos*

*Rodando aos trancos*

*Por aí*

*Haja teto*

*Pra tanto desabrigo*

*Haja palavra*

*Pro que eu não digo*

*Haja instinto*

*E haja saída*

*Pra tanto labirinto*

*C. Oyens e Z. Duncan<sup>45</sup>*

---

<sup>45</sup> Duncan e Oyens. Haja. In: Acesso, 1999.

#### 4.1- COMUNIDADE E CLÍNICA

*“O mais importante reside no respeito incondicional pelo outro,  
na sua liberdade, dignidade e diferença”  
Perdigão<sup>46</sup>*

Através do caminho percorrido, finalmente chegamos ao último capítulo, tendo passado por experiências de liberdade apresentadas ao longo do trabalho, ou seja, à liberdade experimentada por Frankl junto aos campos de concentração em analogia a liberdade experimentada junto à comunidade Vila do Pinheiro no Complexo da Maré; a liberdade em oposição à noção de determinismo e a liberdade em íntima relação com a noção de verdade como desvelamento em Heidegger.

No mundo contemporâneo, constatamos que a psicologia enquanto campo de saber vem se afirmando cada vez mais através de modelos cientificistas. Como ciência e pesquisa se propõem a estudar o homem e seu comportamento através de um campo de saber pouco coeso, pautado na maioria das vezes, em discursos técnicos que garantem conhecimento e controle como já vimos até aqui. O homem naturalizado e universalizado por sua vez acaba ansiando por decifrações especializadas, formulas mágicas e rápidas soluções que dêem conta de suas dores existenciais, como é possível notar na clínica. Tal panorama é uma realização do empenho moderno em tudo querer controlar e prever através de um pensamento que calcula. Portanto, assistimos a uma tendência que atrela a vida humana às malhas da técnica:

Façamos a experiência. Para todos nós os equipamentos, aparelhos e máquinas do mundo técnico são hoje imprescindíveis, para uns em maior e para outros em menor grau. Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objectos técnicos que até nos desafiam a um sempre crescente aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objectos técnicos que nos tornamos seus escravos. (HEIDEGGER, 1959: 23)

Diante do panorama de não liberdade em relação à questão da técnica em que Heidegger menciona que nos tornamos escravos, o filósofo vem ainda, nos apontar uma outra direção, onde se é possível vislumbrar a liberdade. Na contramão, contamos ainda com um

---

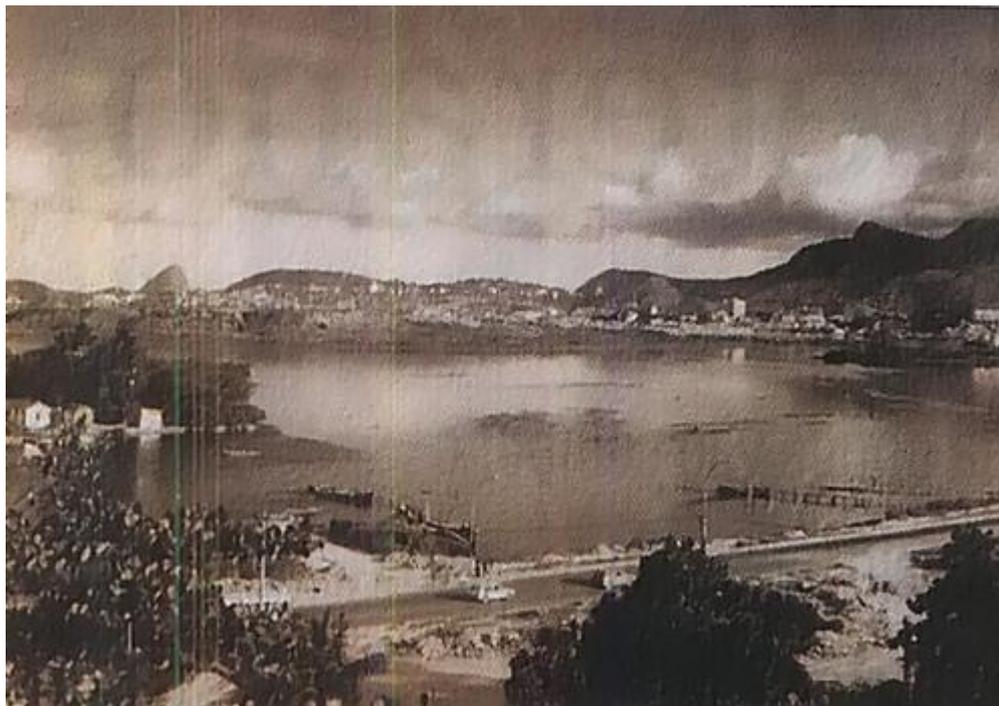
<sup>46</sup> Perdigão, A. C. A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: Os pressupostos filosóficos. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/asps/v21n4/v2n>> Acesso em: 20/04/2010

outro modo de pensamento relevante ao âmbito da clínica, sobre o qual vale ressaltar aqui que não se trata de uma possibilidade de cunho valorativo acerca de um pensamento que seja mais positivo ou mais verdadeiro, mas sim de uma possibilidade para além da lógica dominante do pensamento que calcula. O pensamento que medita pode colaborar com uma lógica de outra ordem para refletir a ética da vida, uma ordem que conduz à liberdade e que garante a possibilidade de dizer “sim” e “não” diante da técnica:

Porém, também podemos proceder de outro modo. Podemos utilizar os objectos técnicos e, no entanto, ao utilizá-los normalmente, permanecer ao mesmo tempo livres deles, de tal modo que os possamos a qualquer momento largar. Podemos utilizar os objectos técnicos tal como eles têm de ser utilizados. Mas podemos, simultaneamente, deixar esses objectos repousar em si mesmos como algo que não interessa àquilo que temos de mais íntimo e de mais próprio. Podemos dizer <<sim>> à utilização inevitável dos objetos técnicos e podemos ao mesmo tempo dizer <<não>>, impedindo que nos absorvam, e desse modo, vergem, confundam e, por fim, esgotem a nossa natureza. (HEIDEGGER, 1959: 24)

Sendo assim, lembramos ainda, que tal posicionamento já fora mencionado brevemente no primeiro capítulo deste trabalho quando historicamente traçamos uma breve apresentação do Complexo da Maré, onde se localiza a comunidade em que nossa clínica esta situada. Não fechamos nossos olhos para este território específico, degradado pelo consumo e que clama por atenção. A clínica nos possibilitou melhor compreendê-lo através das narrativas que nos foram trazidas. O entorno da clínica também solicitava ser pensado uma vez que, também nos atravessava. Portanto, uma clínica situada é construída, habitada e pensada no horizonte em que se encontra.

Através desta atitude, já não vemos mais o território e a clínica na comunidade apenas do ponto de vista técnico, ou seja, observamos aqui a importância de uma atitude serena em relação a um “novo enraizamento” (HEIDEGGER, 1959: 25). Diante dos avanços observados no território, nota-se que paradoxalmente fomos conduzidos ao progresso e à degradação:



Aspecto do território da comunidade Vila do Pinheiro na década de 40<sup>47</sup>



Aspecto do território da comunidade Vila do Pinheiro em 2010.  
Foto de Jucemar Francisco, que nos autorizou reproduzir imagem<sup>48</sup>

Ainda tematizando a questão da violência que atinge o território específico em que nos encontramos no Complexo da Maré, esclarecemos que este fato não permeia tão somente as

---

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://gloogle.com.br/flick.com>> Acesso em: 22/06/2010

<sup>48</sup> Fonte: Observatório de Favelas. Acervo Imagens do Povo, Vila do Pinheiro

guerras propriamente ditas. Acompanhando a reflexão de Eirado<sup>49</sup>, o mesmo nos diz que a questão da violência em nenhum momento da historia passou despercebida. Portanto, se olharmos para historia, é possível constatar que a violência é na verdade um senso comum de guerra presente no tempo. Eirado, levanta alguns questionamentos acerca da violência:

Qual a diferença de nossa sociedade em relação às sociedades do passado com relação à violência? O que significa isso? O que significa uma historia marcada por uma serie de guerras e de violência de todo os tipos? Será que ninguém nunca pensou que a violência pudesse ter uma inscrição genética no homem? Se fosse assim, porque abominamos a violência? Podíamos perguntar, se o homem tem uma natureza agressiva? A violência deveria ser algo corriqueiro como ocorre entre os leões, por exemplo, estes não levantam nenhum tipo de bandeira contra a violência. O que é que faz a gente questionar este fato? (EIRADO, UFF, 2009)

Segundo Eirado, tais questionamentos têm relação com o tema que propomos na pesquisa. O tema da liberdade torna-se uma noção difícil de tematização tanto em termos de uma dada natureza humana quanto em termos cognitivos, afetivos, culturais e morais, pois objetivar a liberdade é da ordem do impessoal.

Ainda de acordo com Eirado, diante do que acima foi refletido, instaura-se um paradoxo na medida em que tudo que tentamos objetivar vem a ser a partir da liberdade, ou seja, partimos de uma noção da ordem do determinismo, tanto no sentido de significado, quanto no sentido do calculo científico. Logo, em tudo isso, nossa liberdade está implicada.

Sendo assim, rememorando a situação de Frankl, é possível notar através de sua narrativa que a importância dada à sua experiência junto aos campos de concentração não foi a violência ou a falta de liberdade, mas sim, a tematização da liberdade a despeito da violência em relação à suposta falta de liberdade.

Portanto, ao sermos tocados para refletirmos a respeito da violência, comumente a tomamos como um fato sobre o qual acreditamos que devemos fazer alguma coisa para que ela deixe de existir. Tal posicionamento, contudo, é característico de nossa própria posição de liberdade, ou seja, nossa posição própria de liberdade nos possibilita tematizar a liberdade e a violência como algo que não é propriamente dito.

Desta maneira, se pensarmos que de um lado existe um algoz e do outro existe uma vitima, esquecemos que o próprio algoz, encontra-se preso a um horizonte de sentido que também massacra, tornando suas ações impróprias e impessoais. Logo, trabalha-se, come-se,

---

<sup>49</sup> Comentários do Professor Doutor André Eirado feitos na qualificação desta pesquisa em 24 de agosto de 2009, na UFF.

bebe-se, e mais ainda, tortura-se e mata-se como impessoalmente se faz. A banalização da violência é uma reflexão importante, pois “se há liberdade isso nunca poderia ter acontecido, se isso aconteceu por liberdade então qual é o sentido disso” (Eirado UFF em 24/08/2009).

Concluimos por ora, pautados no impessoal, que as especificidades do território chamado Maré se dão através de vários modos de violência, a partir dos quais se pode perceber a violência policial que atravessa a comunidade de modo duro como a do tráfico, que por causa de disputas territoriais e do comércio e consumo de drogas também financia a violência local:

(...) Líderes comunitários e instituições da Maré insistem que, mais do que força policial, o que de fato levará paz à região serão investimentos sociais e garantia de maior acesso da população aos órgãos de segurança pública e justiça – segurança não se impõe à força. Há alguns anos foi instalado um 22º BPM aqui e não melhorou nada. Política de segurança tem que vir acompanhada de políticas públicas efetivas, principalmente nas áreas de educação e emprego. Muitos jovens entram para o tráfico por falta de perspectivas, de formação e qualificação. A escola que temos não atende à situação em que vivemos – diz o presidente do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). Antonio Carlos Vieira.<sup>50</sup>

Para além da violência imposta pela polícia e pelo tráfico não se pode deixar de observar que há ainda outro modo de violência na Maré: a daqueles que ali habitam e que duplicam suas casas, consumindo e saturando intensamente o território. Compreendemos, desta maneira, que o habitar na Maré se dá pontuado na maioria das vezes por diversos modos de violência.

Barbara<sup>51</sup>, 12 anos chegou à clínica em 19/09/2010, relata que sua família está tentando alugar a casa em que moram, pois embora seja própria, desejam mudar para outra mais segura. Justifica sentir medo em ficar em casa porque o proprietário da casa de cima construiu outros muitos andares de quartos para aluguel, comenta que alguns azulejos soltaram da parede de sua cozinha outro dia. Pergunto o que ela teme. “Tenho medo que a casa desmorone, outro dia quando chovia forte fiquei com muito medo”, respondeu Barbara.

Virginia, 28 anos chegou à clínica em 21/08/2008, disse-me que quase perdeu sua casa ao se refugiar por um tempo na casa dos pais na comunidade Vila do João quando a comunidade Vila do Pinheiro enfrentava um período de guerra por conta de disputas territoriais do tráfico (notamos que tais confrontos são mais frequentes na comunidade Vila do Pinheiro, talvez por conta de sua localização mais afastada da Av. Brasil). Virginia explicou-

<sup>50</sup> O Globo, 29 de maio de 2010 – Moradores da Maré ainda à espera de Paz.

<sup>51</sup> Voltamos a lembrar que todos os nomes referentes a aqueles atendidos na clínica são fictícios.

me que não tinha como ficar lá sozinha, pois à noite quando retornava do trabalho as ruas já estavam completamente às escuras: “os meninos”<sup>52</sup> atiraram nas luzes das ruas e deram ordem para que nenhum morador acendesse as luzes das varandas e das lajes. Quando cheguei lá durante o dia tinha um menino perguntando a uma vizinha quem morava ali e depois veio falar comigo perguntando se eu morava ali dizendo que não me conhecia, respondi que eu trabalhava fora e morava ali sim. Eu não iria perder minha casa de jeito nenhum, se eles invadissem minha casa eu iria falar com quem fosse preciso. Trabalhei muito e fiz muito sacrifício para pagar a casa sozinha depois que me separei”.

Sabrina, 29 anos chegou à clínica em 12/02/2008, relata em certa sessão: “antigamente eu tinha vergonha de dizer que morava aqui, mas hoje não, adoro minha casa que construí do meu jeito, também trabalho na comunidade, a creche dos meus filhos fica aqui, toda minha família mora aqui, a igreja que gosto de freqüentar está aqui, enfim, tudo que eu gosto está aqui. Fora essas coisas que acontecem (referencia à guerra) morar aqui é bom”.

Elisa, 32 anos chegou à clínica em 11/04/2009, refletindo sobre a violência do tráfico diz: “acho que não mudaria daqui não, se pararmos pra pensar, onde hoje em dia não tá violento? Isso que acontece aqui também acontece em outros bairros e os condomínios cheios de grades, isso também não é legal. Não sei por que, mas nunca tive problemas em circular pela Maré” (referencia à delimitação territorial).

Em outra sessão Elisa nos fala após o falecimento de sua mãe: “não vou muito à casa dela que fica em cima da minha, tudo lembra ela, até o sapato está do jeito que ela deixou antes de se internar. Agora quem vai morar lá é minha irmã com o marido e minha sobrinha”.

Ao olhar para o entorno, bem como para os relatos colhidos a esse respeito na clínica, observamos que de modo cíclico, porém diferente, a Maré vem experienciando um fenômeno conhecido em sua história, a população local enfrenta a constante falta de água, energia e saneamento que antes não existia em tempos de palafitas, e que hoje se saturaram diante do intenso consumo. Nota-se o desvelar de um modo de habitar, onde entendemos que a clínica tem abertura para pensar tais sentidos junto àqueles que chegam a ela. Segundo Sá<sup>53</sup>, o ato de pensar, como já dissemos no primeiro capítulo, não se restringe tão somente a uma atividade mental, mas ganha ainda outro sentido, que é o de cuidar.

---

<sup>52</sup> Referencia feita pela comunidade aos traficantes.

<sup>53</sup> Sá, R. N. Técnica, Violência e Poder: Reflexões Clínicas Heideggerianas. Programa de Pós Graduação em Psicologia Universidade Feral Fluminense.

Conforme já compartilhado, nossa experiência na comunidade é anterior à experiência clínica. No entanto foi na clínica enquanto potência disparadora de pensamento e sentido que a terapeuta pôde de modo mais próprio se relacionar com o território e, portanto, mais livre de pré-conceitos ir ao encontro de outras temáticas que puderam se desvelar durante a permanência da clínica no local. O dispositivo clínico tem sido libertador não só para aqueles que são cuidados, mas ainda, para quem cuida. Arriscamos dizer que talvez estejamos nos aproximando de um novo enraizamento, importância proposta por Heidegger:

Somos levados a refletir e perguntamos: não faz parte do êxito (*Gedeiben*) de uma obra (...) o enraizamento no solo de uma terra natal? (...) onde deve medrar uma obra humana verdadeiramente alegre e salutar, o Homem tem de poder brotar das profundezas do solo natal, elevando-se em direção ao Éter. Éter significa aqui: o ar livre das alturas do céu, a esfera aberta do espírito. (HEIDEGGER, 1959, p, 15)

Assim, ao falarmos de nossa prática clínica e permanência no território, buscamos sustentar uma concepção que considera o homem como abertura e que, portanto, é capaz de conferir sentido a sua existência. Valorizamos a noção de liberdade para aqueles que buscam atendimento em nossa clínica situada no Complexo da Maré.

Naira, em certa sessão, desabafou angustiada que ela, o irmão e o namorado, foram surpreendidos quando retornavam de uma visita à Casa de Cultura da Maré por um grupo armado que os coagiram através de ameaças a dar sinal para um ônibus em um ponto da Linha Amarela. Desconfiada daquele propósito, porém temerosa, diz que cederam às ameaças, atendendo o comando. Foram liberados em seguida e correram para casa. Naquela mesma noite, Naira acompanhou pelos noticiários de TV que o ônibus fora incendiado em frente à comunidade Vila do Pinheiro. Sentindo-se culpada por ter saído de casa mesmo sabendo como andava a “situação da Maré”, e angústia por ter atendido a ordem do grupo armado, ao perguntar a Naira o que ela poderia ter feito de diferente naquele momento, sua resposta oscilou diante de alguns questionamentos: “não tivemos escolha (...) poderíamos não ter feito (...) o que aconteceria se não tivéssemos feito?”. Tal sessão nos possibilitou refletir à questão do território e do que ali se faz presente como a violência e a liberdade.

A partir do que já refletimos até o momento através da nossa clínica, observamos que a experiência de liberdade diante das narrativas em analogia à experiência de liberdade de Frankl junto aos campos de concentração nos possibilita manter a aposta em uma noção de homem enquanto *Dasein*. Esta noção, entretanto, viabiliza compreender que este ente que nós mesmos somos habita na verdade e na liberdade e assim, desvela sentido para sua existência e

para a dos demais entes que lhe vêm ao encontro, sendo, portanto, a abertura de sentido o único determinismo do modo de ser do homem: “determinação fundamental do Dasein: aberto para a solicitação da presença” (HEIDEGGER, 2001: 230).

Desta maneira, voltamos a repetir que a entes simplesmente dados como uma planta, por exemplo, também é possível relacionar-se com o sol ou com a luz, como bem podemos observar em algumas espécies que se inclinam na direção da claridade. Contudo, a planta não está aberta para a o sol ou para luz enquanto sol e luz, pois somente ao homem é possível aproximar-se do mistério e em liberdade desvelar sentido.

Com isso, podemos de modo mais livre, sustentar uma atitude clínica com uma escuta e um olhar diferenciado daqueles que partem de perspectivas pautadas em um sujeito categorizado por leis que regem seu estar no mundo. Mais livres, apostamos na possibilidade de ampliar junto àqueles que compartilham suas narrativas o horizonte de sentido destes que solicitam cuidados.

Nara 16 anos chegou à clínica em janeiro de 2008, atendendo pedido do padre de sua paróquia, que solicitou que a mesma nos procura-se para uma conversa. Nara nos contou que desejava se conhecer melhor e compreender algumas coisas e, foi assim, que iniciamos nossos encontros. Dona de um vocabulário rico, falava sempre fazendo analogias. Por esta razão, tentava sempre clarificar o que realmente Nara desejava dizer na busca de melhor compreendê-la. Às vezes utilizava seus exemplos e palavras a fim de acessá-la, embora sem saber ao certo onde chegaríamos. Com o passar das sessões e com o vínculo fortalecido, Nara foi se revelando de modo mais claro, e expressões como “aquelas coisas ruins”, “o quarto escuro” ou “existem duas Naras” revelaram uma jovem que se sentia estranha diante da família. Em certas ocasiões sentia muito raiva, e para extravasar sua fúria cortava os pulsos, ingeria remédio sem prescrição médica e induzia o vômito quando se alimentava. Tais atos sempre eram seguidos de um forte sentimento de culpa. Atenta a tais revelações e ao lado de Nara, seguimos trabalhando sentido mais do que sintomas. Assim, fomos pensando sua relação com a família, a diferença e o controle. Nara foi cedendo lugar na terapia para falar destas coisas e para refletir sobre outras como os estudos, o namoro, a religião, o território e sentimentos como o medo e o desabrigo, e ainda a esperança e a vida. Nara foi ampliando seu horizonte de sentido e com o tempo deixou de se cortar e ingerir medicamentos. Está se alimentando melhor e mantendo o aspecto saudável, vaidosa é cuidadosa com a aparência. Nara já não me liga com tanta frequência como chegou a fazer certa vez às 3h da manhã, aguarda o dia da sessão que atualmente acontece a cada quinze dias. Está mais aberta à

diferença que sua família representa e hoje quando fala da mesma, quase sempre é de modo carinhoso.

Ao rompermos com posturas psicologizantes, olhamos para nossa clínica na Maré e para as especificidades presentes em seu entorno sem nos restringirmos a modos simplesmente dados ou definidos *a priori*. Vislumbramos uma reflexão que nos possibilita olhar para as restrições presentes nas narrativas clínicas, assim como no território, de modo mais livre e desvelador.

Portanto, apoiados nas contribuições dos pensadores que buscamos dialogar, nosso fazer clínico, consiste em olhar para a existência humana através de uma atitude que procura suspender modos simplesmente dados de estar no mundo. Tal fazer clínico, entretanto, ao mesmo tempo em que faz menção ao ôntico, ou seja, ao concreto do que acontece na vida daqueles que nos procuram ainda, privilegia o que é da ordem do ontológico. Por isso, é importante que não percamos de vista que a todo o momento transitaremos do ontológico para o ôntico e do ôntico para o ontológico através do manejo terapêutico.

Guiados por estas concepções, passamos a apresentar brevemente o caminho percorrido pela clínica até o momento presente no território da Maré. Como já mencionado, iniciamos em 2006, o que nesta pesquisa nos acostumamos chamar de nossa clínica. Os atendimentos aconteciam no desativado Centro Comunitário Beato José de Anchieta que ao entrar em reforma, impossibilitou nossas atividades no espaço. Desta maneira, no início de 2008, passamos a atender em uma sala fornecida pela Igreja São José Operário, responsável pelas obras no centro comunitário. Entretanto, os atendimentos neste local aconteceram por um curto período de tempo. Em 2008, ao esbarrarmos com dificuldades de horários e agendas, fomos forçados a interromper nossas atividades entre agosto de 2008 a março de 2009. Ao retornarmos em abril de 2009, após alguns ajustes, passamos a realizar nosso trabalho em outro endereço o que não invalidou nossa permanência com a clínica no Complexo da Maré. Tal aspecto foi até oportuno, pois se não fosse assim, talvez hoje este trabalho não estivesse mais acontecendo em decorrência do longo período de guerra que enfrentou a comunidade Vila do Pinheiro por vários meses durante o ano de 2009.

Instalados na Capela São Pedro, no Conjunto Bento Ribeiro Dantas<sup>54</sup>, comunidade que se localiza em frente à Vila do Pinheiro, fomos acomodados em uma sala mais acolhedora e silenciosa. Entretanto, esclarecemos que os atendimentos retomados foram com quase todos aqueles que já estavam em terapia na comunidade Vila do Pinheiro, com a exceção de um

---

<sup>54</sup> Comunidade do Complexo da Maré conhecida por moradores como fogo cruzado.

morador que deixou de freqüentar a comunidade ao se mudar para outro bairro. Sendo assim, cinco dos atendimentos cujas historias utilizamos nesta pesquisa são de moradores da comunidade Vila do Pinheiro, ao menos para os que são atendidos na Capela São Pedro, pois ao iniciarmos os atendimentos neste local, nossa oferta se estendeu a outra demanda também no Complexo da Maré, onde atualmente atendemos moradores da Baixa do Sapateiro e Morro do Timbau.

Os atendimentos clínicos acontecem nas manhãs de sábado, possibilitando a realização de cinco atendimentos. Na primeira sessão explicamos e acordamos que os encontros acontecem uma vez por semana com duração de aproximadamente 40 minutos não sendo nada cobrado por isso. Explicamos que nossa proposta é voluntária e que a única cobrança feita é com relação à presença ou em caso de ausência, devendo esta ser justificada. Compreendemos que a ocorrência de três faltas seguidas caracteriza alta por desistência e esclarecemos que contamos com uma lista de espera o que nos autoriza a ceder o horário à outra pessoa. Compartilhamos que nosso contrato com aqueles atendidos na clínica vem sendo respeitado.

Quanto ao aspecto físico propriamente dito, ou seja, o espaço, diante do percurso realizado, afirmamos que para a clínica realizada no Complexo da Maré nada mais se faz necessário, a não ser de contar com pessoas interessadas em estar ali, de uma sala reservada, duas cadeiras, um relógio para marcar o tempo e de uma caixa de lenços sempre a mão caso necessário. “Você sempre tem esse lencinho... quando entro aqui às vezes olho pra ele e penso... hoje não vou precisar e quando menos espero estou com ele nas mãos”, comenta Sabrina.

Voltando ao tema de nossa proposta, nos foi possível observar com o trabalho realizado junto à comunidade que a palavra liberdade e sua noção para alguns atendidos na clínica guarda estreita relação com a questão da violência. A liberdade é refletida nesse sentido por ocasião de disputas territoriais entre facções rivais ou através do confronto da polícia, quando a liberdade de ir e vir torna-se ameaçada ou restrita. Podemos tomar como exemplo manifestações da comunidade como acontece no desfile do já consagrado bloco de carnaval “Se Benze que Dá” e do Ato Público na Maré<sup>55</sup>.

Percebemos, portanto, que é no momento que a comunidade enfrenta a ausência de paz ocasionada pela guerra, que apostamos na analogia que fizemos entre a comunidade e os campos de concentração. O medo iminente da morte e angústia nos assombra de modo mais

---

<sup>55</sup> Ato Público na Maré – Outra Maré é Possível Pela Valorização da Vida e o Fim da Violência aconteceu em 20 de setembro de 2009 e contou com o apoio de organizações da comunidade e de igrejas locais.

pontual, no entanto, não deixamos de experimentar a liberdade como nos foi possível compreender na clínica. Nos períodos em que a bandeira branca encontra-se hasteada, ou seja, na ausência de disputas territoriais, a comunidade vivencia momentos de paz.

Assim, o simples resgate do direito de ir e vir aplaca, mesmo que momentânea e superficialmente o medo e a angústia diante da finitude, como refletiu Sabrina: “fora essas coisas que acontecem (referência à guerra) morar aqui é bom”. Desta maneira, o pertencimento a este território se dá na paz e na liberdade para aqueles que lá habitam “preservados do dano e da ameaça” (Heidegger, 2008b, p. 129).

Nara compartilha em sessão que, após meses de guerra na comunidade durante o ano de 2009, vem retomando sua rotina. Voltou a frequentar a escola, correndo atrás das matérias e provas perdidas, voltou a passear pelas ruas da comunidade sem sentir tanta ameaça por conta da “situação da Maré”. Visitou alguns amigos e foi à sorveteria. Nara valoriza os momentos de liberdade, experimentando coisas simples do seu dia-a-dia.

Em análise das narrativas que surgiram em nossa clínica, percebe-se que a angústia da morte é mais intensa quando a comunidade enfrenta momentos de conflito. Entretanto, em tempos de paz, a questão torna-se distante. A ausência da liberdade nesse sentido só é sentida quando a comunidade tem o seu direito de ir e vir violado, ou ao menos, está é a noção melhor compreendida por alguns na clínica. No entanto, uma reflexão mais própria ao homem acerca da noção de liberdade foi possível ao âmbito da clínica, onde acompanhamos histórias que nos deram outro exemplo de liberdade, uma noção mais originária, uma liberdade que independente do simples direito de ir e vir constitui o modo de ser do homem. Esta noção de liberdade é experimentada na existência através da abertura de sentido.

Portanto, para além do direito de ir e vir restrito diante da guerra e da violência, outro modo de liberdade é experimentado no âmbito da clínica, e por que não dizer, no âmbito do território, uma vez que estamos todos situados nele.

Elisa é integrante do bloco Se Benze que Dá e indicou o site que disponibiliza as fotos dos desfiles, onde selecionamos algumas com o propósito de trazê-las ao final desta pesquisa. Conta que esse é o modo que ela e outros integrantes do bloco encontraram para expressarem opiniões e reivindicam melhorias para a Maré. Elisa participou ainda do Ato Público na Maré, e mesmo angustiada diante da possibilidade de represaria, disse que não deixaria de participar. O bloco Se Benze Que Dá, como dito anteriormente, defende através de cartazes e letras de samba a liberdade de ir e vir como direito dos moradores do Complexo da Maré - “vem pra rua morador”. Portanto, na clínica, Elisa vem compartilhando sua história. Após o falecimento de sua mãe em 2009, chegou em certa sessão dizendo que andou pensando em sair do

emprego, onde já trabalhava por oito anos. Insatisfeita com o trabalho e decidida a prestar vestibular para serviço social na UFRJ, saiu do emprego. Angustiada diante da possibilidade da coisa não sair conforme o planejado experimentou sentimentos de medo, dúvida, mas também de esperança refletindo durante esse tempo. Elisa experimentou um tempo de angústia e de dúvida, porém, experimentou ainda um tempo de esperança e um tempo de liberdade. Felizmente, foi aprovada no vestibular de 2010 em 16º lugar para o curso escolhido e assim, através do desvelar de novos sentidos ampliou suas possibilidades e se aproximou da noção de liberdade que propomos no capítulo anterior o que, no entanto, não aconteceu sem obstáculos.

Sendo assim, finalizamos nossa pesquisa com a apresentação de alguns olhares de liberdade diante do território da comunidade. Selecionamos a narrativa de Nara ao responder o que para ela representaria liberdade. Esclarecemos que perguntamos de modo direto para aqueles em atendimento e participantes de nossa pesquisa o que representava para os mesmos um olhar de liberdade frente a comunidade. Tínhamos a intenção de realizar registros fotográficos destes olhares, contudo, em 24/06/2010, dia agendando com o fotografo, fomos avisados que a comunidade estava em alerta com uma possível invasão, o que acabou por invalidar nossa proposta. Assim, recorremos a trabalhos da ONG Observatório de Favelas, localizada na comunidade Nova Holanda, também no Complexo da Maré, ao site do Bloco Se Benze que Dá e a fotografias gentilmente fornecidas por fotógrafos amigos.

Nara: “O campo... é eu acho que é o campo... sabe aquele primeiro campo... tem umas árvores baixas e outras altas... tem também uns bancos... aquele campo é super legal porque eu ali já vivenciei muita coisa... sim poderia dizer que o campo é sinônimo de liberdade porque muitas alegrias eu já vi nele... jogava futebol eu... minhas irmãs e amigos... eu bem... era pequena é claro... era uma pirralhinha... mas minhas irmãs e amigos dos blocos vizinhos jogávamos nesse campo e isso era muito bacana... legal ver esse campo... quando chovia parecia que ficava ainda melhor por conta da lama e do barro... todo mundo se sujava... muitas alegrias realmente aconteceram ali no campo e também aquela parte da ciclovia que também é legal perto do campo... nos horários mais serenos é... as crianças adoram realmente esse campo... não tem só um padrão entende... à noite ou até mesmo domingo de manhã tem adultos jogando futebol... com o por do sol tem as famílias levando os seus pequeninhos para brincar... de maneira que ali naquele campo tem espaço pra todos... então é assim... várias pessoas de varias idades compartilham o mesmo campo... o campo é espaçoso e amplo... é legal só que assim... o ruim é assim... quando a Maré esta em crise...eu fico com pena realmente de ver aquele espaço silencioso e deserto... justamente ali é difícil ficar... é muito

perigoso né... teve essa violência aí durante meses na Maré né... aquele campo virou praticamente do agradável e do lazer...virou sombrio... perigoso... ninguém ficava ali... era complicado demais em qualquer horário... então isso também é uma coisa que contrapõe o que agente viveu e tal... então é assim como momentos né... de luz... sol... e tem aqueles momentos sombrios como se fosse a madrugada... o campo vazio... o campo parece muito mais bonito quando tem um monte de gente brincando e fazendo varias coisas... o campo até pode ser dividido... um treino de futebol das crianças numa parte... um treinador na outra parte dando ginástica para as mães... tudo naquele campo... num só campo vários grupos de pessoas... então é aquele campo que me remete muita liberdade... eu sei que assim pode parecer bobeira... mas lá é um cantinho que já aconteceram muitas coisas... já aconteceram muitas alegrias né... uma vez no futebol um homem com os amigos estava comemorando o nascimento de um filho... então ali já aconteceram muitas alegrias que não tenho nem como expressar... o campo fica bonito... se um dia eu sair daqui nunca vou esquecer essa parte do campo... claro que na comunidade tem outros campos... mas esse é em frente a minha casa e pra mim é o melhor de todos... eu gosto muito de falar dessa parte porque tem a minha vida ali... eu nunca vou esquecer desse campo... desse espaço que as vezes parece muito grande e as vezes parece pequeno demais... onde as pessoas podem aproveitar ele inteiro... é isso... o campo me remete liberdade”.

## 4.3 – ALGUNS OLHARES DE LIBERDADE

*“Isto aqui, ô ô  
É um pouquinho de Brasil”  
Ary Barroso*

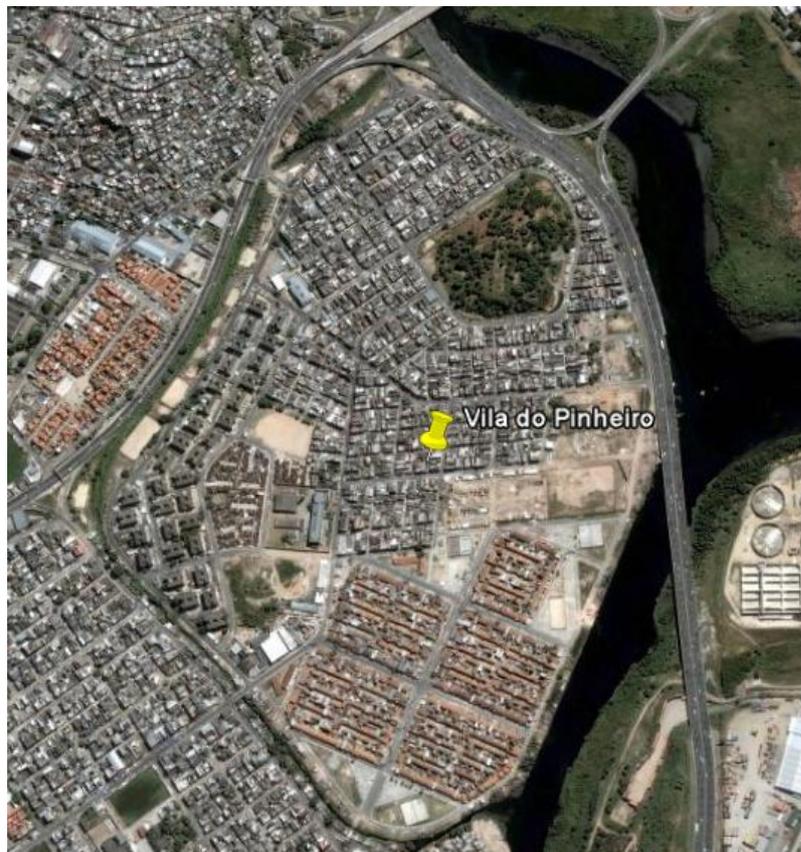
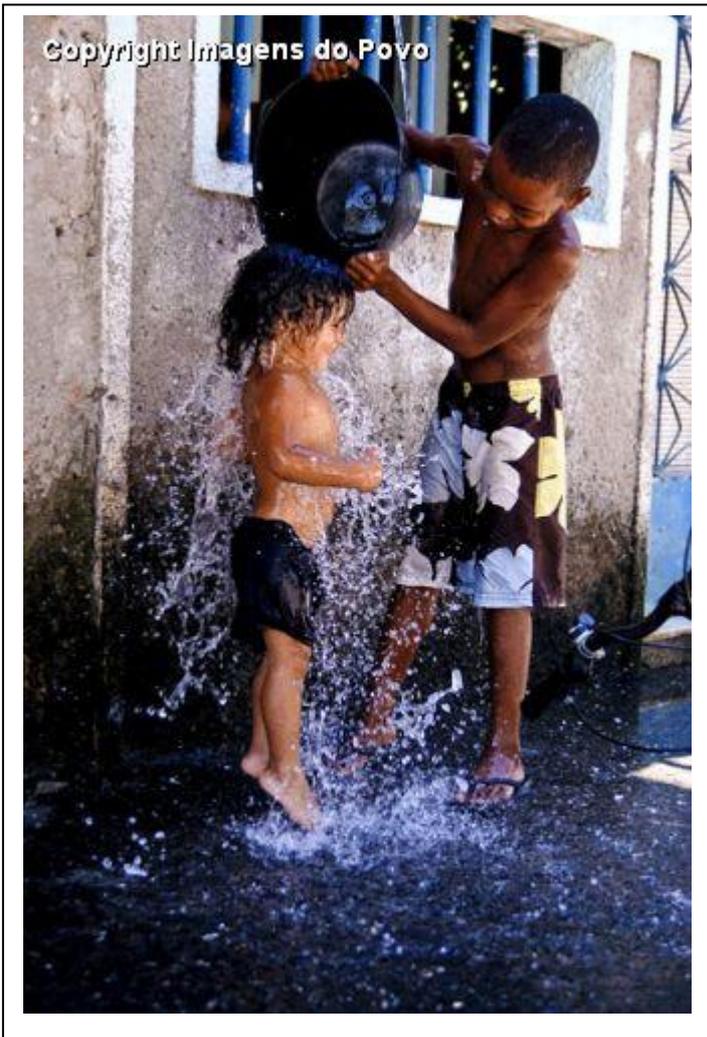


Imagem referente ao programa Google earth. Acesso em 06/08/2010.



Fonte: Observatório de Favelas  
Acervo Imagem do Povo

Descrição: Criança tomando banho na Vila do Pinheiro, Maré, Rio de Janeiro.

Foto de Davi Marcos, que nos autorizou reproduzir imagem.

Olhar de liberdade para uma prática comum na comunidade em dias quentes.

As fotos que seguem foram retiradas do arcevo do site do bloco Se Benze que Dá - desfile de 2009 e 2010. Disponível em: <<http://www.blocosebenzequeda.com/>>. Acesso em: 25/07/2010.





Olhar de liberdade para alegria que contagia e convida a pensar rompendo fronteiras impostas as comunidades da Maré. Bloco Se Benze que Dá - concentração e saída próximos ao CEASM, passando pelo (Fogo Cruzado) Conjunto Bento Ribeiro Dantas, atravessando a passarela com destino a Vila do João e Vila do Pinheiro: “Se o amor pegar carona na bonança / Não vai ter pra onde correr / A alegria um dia nos alcança / Leva eu e você / E aí vai ser ruim de aturar / O efeito colateral / Direto da casa de cultura / Viemos de arruda e cuia / Para iniciar (prolongar) o carnaval”. (Não tem pra onde correr – samba 2008).

## OLHAR



## DE



## LIBERDADE















“Não tem caveirinha, não tem, não tem caveirão / A Maré ta cheia chega pra cá meu irmão / A Maré ta cheia chega pra cá meu sinhô / Traz sua família vem pra rua morador”. (Se Benze Que Dá – Mareenses Batuqueiros – samba 2008)



Outra Maré é possível: O ato “Outra Maré é Possível – Pela Valorização da Vida e o Fim da Violência”, realizado dia 20 de setembro de 2009, foi organizado por diversas organizações

do conjunto de comunidades do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro e contou com mais de 600 pessoas.



Fotos de Davi Marcos, que autorizou reproduzir imagens.





Foto retirada do arcevo do site do Bloco Se Benze que Dá desfile de 2009. Disponível em:<<http://www.blocosebenzequeda.com/>>. Acesso em: 25/07/2010.

“Ó meu “Senhor” me salva!!! / Dessa linha de fogo / Hoje eu quero trocar / As preces do meu povo / Pela paz na favela / A Maré é meu lar!!!” (Delta da Maré com a composição: Capoeira e H-K...?!).

## CONCLUSÃO

Diante do que nos foi possível experienciar junto àqueles atendidos na clínica, acreditamos ter colaborado não só com a questão da liberdade, mas ainda, para uma prática clínica comunitária. Constatamos no percurso de nosso trabalho uma grande carência que gira em torno de uma oferta que tradicionalmente a psicologia clínica oferece e realiza através dos “Serviços de Psicologia Aplicada” universitários, bem como em consultórios e clínicas. Esta demanda foi percebida e confirmada através dos atendimentos realizados, onde se pôde perceber a carência da rede pública que suprissem a demanda de uma prática clínica na comunidade. Desse modo, diante de complexos processos sociais e culturais da comunidade, experimentamos o desamparo frente a crescente lista que se formava a espera de atendimento. Portanto, uma prática clínica psicológica voltada também para territórios de comunidades como é o caso do Complexo da Maré, é o que gostaríamos de defender para além da questão da liberdade com a finalização deste trabalho.

Sendo Assim, desde que iniciamos nossos atendimentos, sentimos uma grande necessidade em dialogar a respeito de nossa clínica junto a comunidade. Desta maneira, buscamos e fomos acolhidos pela pesquisa de mestrado da Universidade Federal Fluminense que nos possibilitou pensar nossa experiência clínica no Complexo da Maré.

Graças aos diálogos estabelecidos, percebemos que nossa experiência anterior à comunidade nos beneficiou com uma compreensão mais próxima das especificidades do território que por sua vez, possibilitou um trabalho comunitário mais livre e conhecedor de suas ações. Notamos que nossa atuação na comunidade pode contribuir com uma abertura de sentido diante das posturas clínicas tradicionalmente vinculadas a imagem do psicólogo, além de ter possibilitado um espaço rico de construção de uma prática para além do tema que propomos nesta pesquisa. Desta forma, constatamos a importância de nos questionarmos sobre como estamos construindo nossas práticas, pois confiamos no trabalho clínico comunitário realizado junto a comunidade Vila do Pinheiro no Complexo da Maré.

Continuar confiando na proposta e permanência da clínica na comunidade, dado o comprometimento daqueles que se encontram atualmente em atendimento psicoterápico mesmo diante do trabalho voluntário é o que nos possibilita apostar em nossa clínica, ainda, como contribuição ao campo da psicologia comunitária que segundo alguns diálogos é um campo em construção, onde “o termo Psicologia Comunitária ainda é bastante novo e amplo, sendo, por isso mesmo, de difícil conceituação. O termo em si é ambíguo e varia de acordo

com o referencial teórico considerado e/ou a práxis do psicólogo que o define”. (GOMES, 1999: 71), mas tal conversa, entretanto, fica para um outro momento.

Portanto, adentrar o campo da clínica psicológica apoiados em uma atitude fenomenológico existencial não se dá meramente através de conceituações. Pensadores da chamada filosofia existencial quase sempre são denominados como possuidores de pensamentos complexos e inacessíveis. Desta forma, seria ingênuo negar as dificuldades inerentes à compreensão de suas propostas, tanto para aqueles que não são próximos a seus vocabulários, quanto para aqueles que não possuem uma formação filosófica sistemática. Contudo, tais dificuldades dizem muito mais respeito às nossas próprias dificuldades existenciais em experimentar modos mais livres e singulares de olhar. A aproximação das práticas psicológicas com o pensamento aqui proposto pauta-se em um olhar mais rigoroso, onde construções conceituais não garantem eficiência do dispositivo da clínica se perdemos de vista a noção de co-pertinência entre ser e pensar.

Concluimos, com isso, que Heidegger, assim como aqueles que convidamos para dialogar, nos forneceram uma compreensão acerca da abertura de um caminho que nos parece mais livre e verdadeiro para refletirmos nossas práticas, possibilitando, um novo olhar para a clínica, para o território que estamos situados e para o homem. Este por sua vez, como ser-no-mundo, logo, como pura abertura de sentido, portanto, em liberdade não nos permite certificar princípios causais ou determinísticos, ou seja, só nos resta perguntar e buscar pelo sentido como fez Frankl em seu ensaio, bem como tentamos tematizar junto a clínica na comunidade. Esperamos assim, que cada um a seu modo amplie suas possibilidades, compreenda seus limites e caminhe em direção à liberdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, A. M. *Heidegger e a Desconstrução da Ética*. UERJ. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.
- CONSTANTINO, R. *A Busca de Sentido*. Livro em Resenha>> 24.07.08. Disponível em: <<http://www.institutoliberal.org.br/resenha.asp>> Acesso em: 15.01.2009
- SAPIENZA, T. B. *Do desabrigo à confiança Daseinsanalyse e terapia*. São Paulo: Escuta, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Conversa Sobre Terapia*. São Paulo: Paulus, 2004.
- DANTAS, J. B. *Um Outro Modo de Compreensão do "EU": Contribuições de Martin Heidegger*. Disponível em: <<http://www.ifen.com.br/jornada/jurema>>. Acesso em: 12/09/2010.
- GOMES, A. M. A. "Psicologia Comunitária: Uma Abordagem Conceitual." *Psicologia: Teoria e Prática*, 1999, 1 (2): 71-79. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index>> Acesso em: 13/09/2010.
- ABREU, R.; SOL, P. *MUSEU DA MARÉ, Memórias e (RE) Existências*. Rio de Janeiro: Imagens Filmes. Departamento de Museus – IPHAN, 2007. DVD
- NUNES, B. *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- DUBOIS, C. *Heidegger: Introdução a uma Leitura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FIGAL, G. *Martin Heidegger: Fenomenologia da Liberdade*. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2005.
- FRANKL, V. E. *Em Busca de Sentido*. 25ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Vol. I. 9ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Volume Único. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Verdade*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *Carta Sobre o Humanismo*. São Paulo: Centauro, 2005.
- \_\_\_\_\_. "Sobre a Essência da Verdade". In: \_\_\_\_\_. *Conferências e Escritos Filosóficos / Martin Heidegger* (Coleção: Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1999. p, 149 – 170.

- \_\_\_\_\_. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.
- INWOOD, M. *Heidegger*. São Paulo: Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário HEIDEGGER*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- FEIJOO, A. M. L. *A Escuta e a Fala em Psicoterapia*. São Paulo: Vetor, 2000.
- FENÔMENO PSI. *A Psicologia Clínica em "Seminários de Zollikon"*. Rio de Janeiro: Ano 2, n 1, maio. 2004.
- KIERKEGAARD, S. *O Conceito de Angústia*. São Paulo: HEMUS – Livraria Editora LTDA, 1968.
- \_\_\_\_\_. *O Desespero Humano*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- O CIDADÃO, O jornal do bairro Maré. Rio de Janeiro: Ano IX, n 58, out. nov. dez. 2008.
- PENHA, J. *O Que é Existencialismo*. São Paulo: Brasiliense S.A, 1996.
- PONPEIA, J. A.; SAPIENZA, H. T. *Na Presença do Sentido Uma Aproximação Fenomenológica a Questões Existenciais Básicas*. São Paulo: Paulus, 2004.
- ROEHE, M. V. *Reverendo Idéias de Viktor Frankl no Centenário de Seu Nascimento*. PSICO. Porto Alegre: PUCRS, v, 36, set. dez. 2005. 311-314p.
- NASCIMENTO, C. L. *A Epoché Husserliana e a Clínica Psicoterápica*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- SÁ, R. N. *Técnica, violência e poder: reflexões clínicas heideggerianas*. Niterói: Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/8>>. Acesso em: 15/01/2009.
- SÁ, R. N. *Práticas Psicológicas Clínicas, Verdade e Liberdade: Reflexões Fenomenológicas*. IX Seminário Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições – Atenção Psicológica Fundamentos, Pesquisa e Práticas, 2009. 63-74.p.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes, 1970.
- \_\_\_\_\_. *A Náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SIGMUND, F. *Chaves-Resumo das Obras Completas. Um Guia de Consulta Rápida dos 23 Volumes da Coleção Padrão (Standard Edition)*. Atheneu, 2002.
- VALADARES, J. C. *Qualidade do Espaço e Habitação Humana*. Rio de Janeiro: Ciência Saúde Coletiva, Vol.5, n 1, 2000.
- A Segunda Guerra de Angola*, 2009. Disponível em: <<http://www.etni-cidade.net/segunda-guerra-angola.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

*Nossa História*, 2009. Disponível em: <<http://www.ecasm.org.br/index>>. Acesso em: 24/04/2009.

PERDIGÃO, A. C. *A Ética do Cuidado na Intervenção Comunitária e Social: Os Pressupostos Filosóficos*. *Análise Psicológica* (2003), 4 (XXI): 485 – 497. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/asps/v21n4/v2n>>. Acesso em: 20/04/2010.

## APÊNDICE

(Modelo do Documento Preenchido e Assinado pelos Responsáveis Legais)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### Dados de Identificação

Título do Projeto: “Liberdade: Limites e Possibilidades de uma Prática Clínica Psicológica com Moradores do Complexo da Maré”

Pesquisadora Responsável: Sheila Corrêa da Silva

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: Universidade Federal Fluminense - UFF

Telefones para contato: (21) 9965-0710

Nome da voluntária: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ anos

Responsável Legal: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_

Responsável Legal: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_

Responsável Legal: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_

Os senhores familiares estão sendo convidados a participar da pesquisa “Liberdade: Limites e Possibilidades de uma Prática Clínica Psicológica com Moradores do Complexo da Maré”, através do consentimento da utilização de relatos de atendimentos psicoterápicos realizados com \_\_\_\_\_, sob a responsabilidade da pesquisadora Sheila Corrêa da Silva.

O objetivo da pesquisa é compreender de que modo a questão da liberdade enquanto abertura de sentido da existência pode contribuir com aqueles que chegam à clínica em busca de atendimento diante de um território específico.

Esta pesquisa consiste em tema de estudo da pesquisadora no Mestrado do Laboratório de Estudos da Subjetividade no Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense - UFF, onde se busca compreender a noção de liberdade na vida daqueles atendidos na clínica.

O uso de relatos de atendimentos clínicos é importante por contribuir para a formação de psicólogos e outros profissionais da saúde quanto à necessidade de ouvir seu paciente e compreender como ele se relaciona consigo e com os outros, pois através destes modos de se relacionar influenciarão seu tratamento e recuperação da melhoria da qualidade de vida.

Os participantes da pesquisa não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa. Não será feito nenhum procedimento que lhes traga qualquer desconforto ou risco às suas vidas.

A participação não é obrigatória, sendo certo, ainda, que a qualquer momento os participantes poderão desistir do voluntariado, retirando seu consentimento, o que não trará nenhuma consequência em vossas relações com a pesquisadora ou com a instituição.

É garantido o anonimato e a descaracterização dos dados de identificação da voluntária, assegurando o sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, informando que somente serão divulgados aqueles diretamente relacionados ao objetivo da pesquisa.

A cópia deste termo será emitida, constando o telefone e endereço da pesquisadora. Por meio destes contatos, os participantes poderão esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e de vossas atuações no período de sua duração.

Declaramos que recebemos uma cópia deste termo de consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, responsável legal por \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em consentir com a sua participação, como voluntária, do relato clínico de seus atendimentos psicológicos, na pesquisa acima descrita.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, responsável legal por \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em consentir com a sua participação, como voluntária, do relato clínico de seus atendimentos psicológicos, na pesquisa acima descrita.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, responsável legal por \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em consentir com a sua participação, como voluntária, do relato clínico de seus atendimentos psicológicos, na pesquisa acima descrita.

Rio de Janeiro \_\_\_\_ de setembro de 2010.

\_\_\_\_\_  
Responsável Legal

\_\_\_\_\_  
Sheila Corrêa da Silva

\_\_\_\_\_  
Responsável Legal

\_\_\_\_\_  
Testemunha

\_\_\_\_\_  
Responsável Legal

\_\_\_\_\_  
Testemunha

Quaisquer dúvidas relacionadas aos vossos direitos como participantes da pesquisa, favor entrar em contato com a Psicóloga e Mestranda Sheila Corrêa da Silva – CRP 05/32012 / M044.208.022

Contato: [sheila.correa@yhoo.com.br](mailto:sheila.correa@yhoo.com.br) Telefones: (21) 9965-0710

Endereço: Rua Praia de Inhaúma – Vila 58 casa 01 apto. 201 – Bonsucesso – Rio de Janeiro

(Modelo do Documento Preenchido e Assinado pela Voluntária)

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### Dados de identificação

Título do Projeto: “Liberdade: Limites e Possibilidades de uma Prática Clínica Psicológica com Moradores do Complexo da Maré”

Pesquisadora Responsável: Sheila Corrêa da Silva

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: Universidade Federal Fluminense - UFF

Telefones para contato: (21) 9965-0710

Nome da voluntária: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_ anos R.G.:

A Sr<sup>a</sup> está sendo convidada a participar da pesquisa “Liberdade: Limites e Possibilidades de uma Prática Clínica Psicológica com Moradores do Complexo da Maré”, através do consentimento da utilização de relatos de atendimentos psicoterápicos, sob a responsabilidade da pesquisadora Sheila Corrêa da Silva.

O objetivo da pesquisa é compreender de que modo a questão da liberdade enquanto abertura de sentido da existência pode contribuir com aqueles que chegam à clínica em busca de atendimento diante de um território específico.

Esta pesquisa consiste em tema de estudo da pesquisadora no Mestrado do Laboratório de Estudos da Subjetividade no Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense - UFF, onde se busca compreender a noção de liberdade na vida daqueles atendidos na clínica.

O uso de relatos de atendimentos clínicos é importante por contribuir para a formação de psicólogos e outros profissionais da saúde quanto à necessidade de ouvir seu paciente e compreender como ele se relaciona consigo e com os outros, pois através destes modos de se relacionar influenciarão seu tratamento e recuperação da melhoria da qualidade de vida.

Os participantes da pesquisa não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa. Não será feito nenhum procedimento que lhes traga qualquer desconforto ou risco às suas vidas.

A participação não é obrigatória, sendo certo, ainda, que a qualquer momento os participantes poderão desistir do voluntariado, retirando seu consentimento, o que não trará nenhuma consequência em vossas relações com a pesquisadora ou com a instituição.

É garantido o anonimato e a descaracterização dos dados de identificação da voluntária, assegurando o sigilo quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, informando que somente serão divulgados aqueles diretamente relacionados ao objetivo da pesquisa.

A cópia deste termo será emitida, constando o telefone e endereço da pesquisadora. Por meio destes contatos, os participantes poderão esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e de vossas atuações no período de sua duração.

Declaro que recebi uma cópia deste termo de consentimento.

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informada e concordo em participar, como voluntária, da pesquisa acima descrita.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de setembro de 2010.

\_\_\_\_\_  
Voluntária

\_\_\_\_\_  
Sheila Corrêa da Silva

\_\_\_\_\_  
Testemunha

\_\_\_\_\_  
Testemunha

Quaisquer dúvidas relacionadas aos vossos direitos como participantes da pesquisa, favor entrar em contato com a Psicóloga e Mestranda Sheila Corrêa da Silva – CRP 05/32012 / M044.208.022  
Contato: [sheila.correa@yhao.com.br](mailto:sheila.correa@yhao.com.br) Telefones: (21) 9965-0710  
Endereço: Rua Praia de Inhaúma – Vila 58 casa 01 apto. 201 – Bonsucesso – Rio de Janeiro